

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

THALIA FALLER

**ESCRITORAS DOS EMARANHADOS DOS TEMPOS:
NARRATIVAS DE IDENTIDADES EM BUCHI EMECHETA, SEFI ATTA E AYÒBÁMI
ADÉBÁYÒ (NIGÉRIA, 1970-2017)**

CHAPECÓ

2023

THALIA FALLER

**ESCRITORAS DOS EMARANHADOS DOS TEMPOS:
NARRATIVAS DE IDENTIDADES EM BUCHI EMECHETA, SEFI ATTA E AYÒBÁMI
ADÉBÁYÒ (NIGÉRIA, 1970-2017)**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Faller, Thalia

Escritoras dos emaranhados dos tempos: Narrativas de identidades em Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò (Nigéria, 1970-2017) / Thalia Faller. -- 2023. 150 f.:il.

Orientador: Doutor Renato Viana Boy

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Nigéria. 2. História da África. 3. Literaturas africanas. 4. Escritoras nigerianas. 5. Mulheres africanas. I. Boy, Renato Viana, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

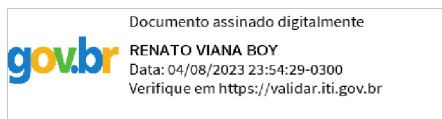
THALIA FALLER

**ESCRITORAS DOS EMARANHADOS DOS TEMPOS:
NARRATIVAS DE IDENTIDADES EM BUCHI EMECHETA, SEFI ATTA E AYÒBÁMI
ADÉBÁYÒ (NIGÉRIA, 1970-2017)**

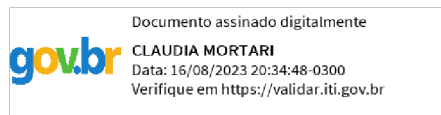
Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 06/07/2023.

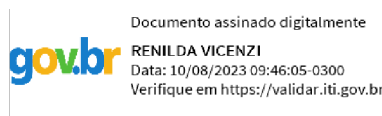
BANCA EXAMINADORA



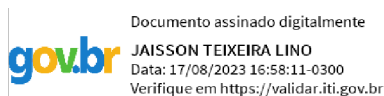
Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS
Orientador



Profa. Dra. Claudia Mortari - UDESC
Avaliadora



Profa. Dra. Renilda Vicenzi - UFFS
Avaliadora



Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino - UFFS
Avaliador

Monica Hass

Prof. Dra. Monica Hass - UFFS
Avaliadora (suplente)

Para as mulheres que vieram antes e possibilitaram a minha existência: minha avó, Leonilda, minha mãe, Roselei, e minha tia-madrinha, Girlei.

AGRADECIMENTOS

No momento que escrevo este agradecimento, é feriado. Acordei cedo, mas fui adiando a tarefa de escrever a última página para mim, a primeira para você. Com a Pandora (minha cãopanheira) no meu colo, eu e ela reproduzimos a rotina de dias de pesquisa, escrita, criatividade e monotonia que se seguiram a conversas com diferentes pessoas, saídas e retornos. Diferente de muitas experiências que, infelizmente, fazem parte de viver em um mundo acadêmico com seus cinzas, realizar este trabalho não me adoeceu. Por outro lado, foi um momento riquíssimo de aprendizagens que vai além de um título. Isso não seria possível sem a rede de apoio que me sustenta até aqui. E mais do que singela burocracia, deixo o registro do meu agradecimento e alegria por poder dizer: eu não ando só. Assim, agradeço:

Ao meu orientador Renato. Com certeza, conviver com você é um presente. Inspiração para muitos estudantes, a alcunha de mestre é digna de sua pessoa, pois em você não há somente a inteligência de livros. Aí também existe a sabedoria de transformar todos os seus estudos em conhecimentos significativos e humanos. Obrigada por todos os encontros, risadas e conversas sérias. Até mesmo os nossos poucos desencontros foram apenas o testemunho que (ainda bem) a pesquisa é o espaço para pensar diferente. Este trabalho também é seu.

À banca de qualificação, composta pelas professoras Renilda e Cláudia, e pelo professor Gerson, pela contribuição generosa a este trabalho. Muito de vocês se apresenta agora nesta versão da dissertação. Continuo agradecendo às professoras Renilda e Cláudia, e agora também ao professor Jaisson, por aceitarem compor a banca final. Suas leituras e apontamentos são gratificantes para mim. Ainda, agradeço à Renilda por todo o carinho e companheirismo desde a graduação.

À Tathiana, pesquisadora e pessoa brilhante. Com a sua ajuda, foi possível me encontrar nas leituras sobre literaturas e África, assim como conhecer autoras e autores da Nigéria. Espero um dia poder retribuir. Obrigada.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, lembrados através das professoras e professores. Aproveito para agradecer à CAPES e à FAPESC. Fui bolsista a maior parte deste processo, o que, sem dúvidas, colaborou para a possibilidade de realizar este trabalho. Viva a ciência e a universidade pública!

à minha família e amigos, a minha base. Meus pais, Roselei e Lourenço, por todo o cuidado, o feijão congelado para levar para casa e as portas sempre abertas para encontrar descanso. A todos os amigos, colegas e pessoas que passam e fazem com que eu me sinta

humana. Em especial, à Fran. Marcos, Michely e Jasmini. Também agradeço à Gabi, pela sua amizade e por revisar este trabalho.

Aos meus alunos, tanto os que tenho atualmente quanto os que virão. Agradeço pelos desafios que me mantêm com os pés firmes no chão, buscando maneiras de expressar e manifestar o que deixei registrado aqui.

Àqueles que tornam a minha casa o lugar em que posso habitar sem nenhum peso: André e Pandora. André, você presenciou vários momentos da construção deste trabalho, ouviu todas as minhas ideias e permaneceu firme durante as caminhadas que se tornaram momentos propícios para eu discutir comigo mesma o título deste trabalho. Obrigada. Daqui a pouco, vou desligar este computador e ir para a sala para a gente assistir Masterchef (uma bela deixa para agradecer a toda a indústria do entretenimento que me manteve sã por todo este tempo. Se o meu nome é uma homenagem a uma atriz de novela mexicana, eu que não vou decepcionar minha mãe!).

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá a luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações.

(Niketche: uma história de poligamia, Paulina Chiziane, p. 89)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar, através da perspectiva histórica, narrativas de identidades por meio das categorias mulher, negra e africana em *As alegrias da maternidade* (1979, Buchi Emecheta), *Tudo de bom vai acontecer* (2004, Sefi Atta) e *Fique Comigo* (2017, Ayòbámi Adébáyò). Esse objetivo está colocado na seguinte pergunta: quais narrativas Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò elaboram em que é possível compreender processos de construções de identidades, por meio de mulher, negra e africana, na Nigéria, entre 1970 a 2017, registrados nos romances citados anteriormente? As fontes históricas principais são as obras *As alegrias da maternidade*, *Tudo de bom vai acontecer* e *Fique Comigo* e utilizou-se como apoio entrevistas e ensaios produzidos pelas escritoras. O recorte espacial e temporal da pesquisa se estabelece na Nigéria entre a segunda metade do século XX e início do século XXI, períodos das produções e publicações das obras. A construção do trabalho acontece a partir do diálogo com teóricas e teóricos inseridas nos Estudos Africanos, pós-colonial e decolonial. Buchi Emecheta (1944-2017), Sefi Atta (1964-) e Ayòbámi Adébáyò (1988-) constroem narrativas de identidades estabelecidas a partir de vivências, memórias e histórias transmitidas entre gerações, mediadas através das experiências das escritoras, que incluem seus esforços de pesquisadoras, suas especificidades e circulações na colonialidade como mulheres negras africanas. As narrativas de identidades apresentadas pelas autoras são de mulheres que, nos contextos da segunda metade do século XX e início do século XXI na Nigéria, experienciam essa identidade de maneira plural, situada e em movimento. Definidas a partir de diferentes maneiras de se posicionar, e, muitas vezes, manter distância diante a percepções coloniais racializadas, reivindicam percepções próprias sobre si, suas comunidades e histórias.

Palavras-chave: Literaturas africanas; identidades; mulheres negras; Nigéria; História.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze, through History, narratives of identities through women, black and African in *The joys of motherhood* (1979, Buchi Emecheta), *Everything good will come* (2004, Sefi Atta) and *Stay with Me* (2017, Ayòbámi Adébayò). This objective is posed in the following question: what narratives do Buchi Emecheta, Sefi Atta, and Ayòbámi Adébayò elaborate in which it is possible to understand processes of identity constructions, through women, black and African, in Nigeria, between 1970 to 2017, recorded in the novels mentioned above? The main historical sources are the works *The joys of motherhood*, *Everything good will happen* and *Stay with Me* and used as support interviews and essays produced by Emecheta, Adébayò and Atta. The time and space of the research is set in Nigeria between the second half of the 20th century and the beginning of the 21st century, periods of the production and publication of the works. The construction of the research is based on the dialogue with the African, Postcolonial, and Decolonial Studies fields. Buchi Emecheta (1944-2017), Sefi Atta (1964-) and Ayòbámi Adébayò (1988-) construct narratives of identities built from experiences, memories and stories passed between generations, mediated through the experiences of the writers, which include their efforts as researchers, their specificities and circulations in coloniality as black African women. The narratives of identities presented by the authors are of women who, in the contexts of the second half of the twentieth century and early twenty-first century in Nigeria, experience that identity in plural, situated, and moving ways. Constructed from different ways of positioning themselves, and often keeping their distance from racialized colonial perceptions, they claim their own perceptions about themselves, their communities, and histories.

Keywords: African literatures; identities; black women; Nigeria; History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Posição geográfica da Nigéria (em destaque vermelho) no Mundo Atlântico.....	21
Figura 2 – Nigéria, principais cidades e localização geográfica dos mais populosos grupos sociais: yorubá, igbo e hausa-fulani.....	22
Figura 3 – Buchi Emecheta.....	42
Figura 4 – Possível primeira edição de <i>As alegrias da maternidade</i> pela Alisson & Busby, em 1979.....	45
Figura 5 – Sefi Atta.....	53
Figura 6 – Edição de <i>Tudo de bom vai acontecer</i> nos Estados Unidos da América pela Interlink Books em 2004.....	55
Figura 7 – Edição de <i>Tudo de bom vai acontecer</i> na Nigéria pela Farafina em 2005.....	57
Figura 8 – Ayòbámi Adébáyò.....	61
Figura 9 – Edição de <i>Fique comigo</i> na Nigéria pela Ouida Books em 2017.....	64
Figura 10 – Edições de <i>As alegrias da maternidade</i> publicadas no Brasil. Nas imagens estão as edições da TAG Experiências literárias (a esquerda); Dublinense (a direita), utilizada na pesquisa.....	65
Figura 11 – Edições de <i>Tudo de bom vai acontecer</i> publicadas no Brasil. Nas imagens estão as edições da Record (a esquerda); TAG Experiências Literárias (a direita), utilizada na pesquisa.....	66
Figura 12 – Edições de <i>Fique comigo</i> publicadas no Brasil. Nas imagens estão as edições da TAG Experiências Literárias (a esquerda); HarperCollins (a direita), utilizada na pesquisa..	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mapeamento das edições de <i>As alegrias da maternidade</i> entre 1979 e 2021.....	47
Tabela 2 – Mapeamento das edições de <i>Tudo de bom vai acontecer</i> entre 2004 e 2021.....	58

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	13
2 INTRODUÇÃO: CELEBRAÇÃO AOS RITMOS E CANTOS DE GERAÇÕES.....	16
3 NARRAR HISTÓRIAS DE E EM CIRCULAÇÕES.....	34
3.1 BUCHI EMECHETA: CONTADORA DE SUAS HISTÓRIAS PARA OUTROS MUNDOS.....	39
3.2 SEFI ATTA: TECEDORA DE HISTÓRIAS.....	50
3.3 AYÒBÁMI ADÉBÁYÒ: SEMEADORA DE DÚVIDAS.....	60
4 MULHERES NA NIGÉRIA DE BUCHI EMECHETA, SEFI ATTA E AYÒBÁMI ADEBÁYÒ.....	73
4.1 PLURAIS.....	75
4.2 SITUADAS.....	88
4.3 EM MOVIMENTO.....	105
5 MULHERES DE MUITOS CAMINHOS.....	111
5.1 ...DE AUTODEFINIÇÕES.....	112
5.2 E... HISTÓRIAS.....	127
6 DAQUI EM DIANTE.....	138
REFERÊNCIAS.....	141

1 APRESENTAÇÃO

Antes de me aproximar das escritas literárias de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò já vinha aprendendo a desenvolver sensibilidades críticas a temas que envolvem pensar, interpretar e analisar a História desde aquelas e aqueles que presenciam através dos seus próprios corpos, ou de memórias presentificadas, os seus mundos desabarem constantemente. E por lutarem em viver, e viver de maneira digna, que este trabalho existe enquanto sopro, e registro, de potências de vidas.

Minha trajetória é atravessada pelas trajetórias de muitas pessoas que não deixam de sentir o peso do mundo e, por sentir, buscam agir. Dentro da Universidade Federal da Fronteira Sul, minha participação desde o princípio dos anos de graduação no Núcleo de Estudos e Pesquisa Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) possui relevância na ética de historiadora ao qual me vejo situada. O NEABI é um lugar em que reflexões teóricas não se apartam das realidades sociais. Aprendemos, como professoras pesquisadoras, que não temos um suposto poder de dar voz a quem quer que seja porque as pessoas com quem fazemos nossas pesquisas podem, querem e se expressam de suas maneiras no mundo. Ali aprendo que pesquisa é a percepção atenta, o prazer pelas dúvidas, a crítica sensível. O mais especial: é coletiva.

Ao final da graduação de licenciatura em História minhas leituras versavam principalmente nas literaturas produzidas por mulheres negras e em textos críticos dos estudos pós-coloniais e decoloniais. Naquele momento, tinha em mim o gosto por estudar na especialização em História temas propostos através das produções intelectuais de mulheres negras, lugar no qual me sinto acolhida e que compreendo que manifestam os problemas mais profundos de nosso tempo. Redes que nos empurram a radicalizar nossas ações, a não naturalizar absurdos e a construir projetos de humanidades plurais, responsáveis e emancipatórios. Interpretações de vida que atravessam minhas memórias de racismo genderizado no Sul do Brasil, possibilitando outros espelhos para me enxergar.

Aqui também há espaço para um breve dizer sobre a forma como escrevo este trabalho. Optei, conscientemente, em muitas vezes durante o texto, recorrer à primeira pessoa do singular (eu), que se altera de acordo com as intenções discursivas. Não há uma padronização e tentei ao máximo cuidar para que a compreensão do meu pensar estivesse

acessível e coeso. A forma como narro não torna este trabalho menos científico. Ao passo da leitura, espero que percebam o meu ofício de historiadora em exercício.

A pesquisa não é “palavras de ninguém”¹. A neutralidade não existe quando pensamos em seres humanos e suas relações no tempo. O lugar ético e político que ocupo através deste trabalho requer o meu posicionamento. O meu “eu” intencional e político também faz essa pesquisa. Ele moveu, e move, as escolhas teóricas e metodológicas, as autoras que trago aqui e as leituras e interpretações que desenvolvo. As perguntas da pesquisa estão calcadas no presente da escrita, em desconfortos e demandas do nosso tempo. Dessa maneira, o trabalho é a apresentação de compreensões parciais feitas de aberturas as reavaliações, as surpresas e aos mundos, como ensina Donna Haraway².

Posiciono-me entre pesquisadoras e pesquisadores que estabelecem uma construção de objetividade científica que nos limita e responsabiliza. Para isso, recorro ao pensamento de Haraway³. Para a autora, devemos nos comprometer em construir uma objetividade científica que não tenta abranger tudo, postulando redes de conexões entre diferentes conhecimentos, algo alcançável na nossa pequenez humana. O convite, então, é abraçar o eu dividido e contrário que pode interrogar e ser responsabilizado. Acolher a multiplicidade, a simultaneidade e a não acumulação. Criar um distanciamento apaixonado para se constituir leituras críticas, com rigores metodológicos, que abarcam a nossa responsabilidade, enquanto pesquisadoras, de elaborar modos específicos de vida e de apreender o mundo. Assim, procuro produzir desde este lugar da ciência histórica conhecimentos confiáveis e verificáveis aos quais posso ser chamada a prestar minhas devidas contas. Estou presente neste texto.⁴

Por fim, este trabalho se apresenta como um convite e agradecimento. Ele é um convite para o silêncio e reflexão. É também um convite para ler as literaturas escritas por mulheres africanas. Observar as paisagens e imaginar personagens. Buscar os significados a partir de seus contextos culturais, sociais, políticos e formulações teórico-metodológicas

¹ HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 171.

² HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

³ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

⁴ Donna Haraway, filósofa estadunidense, sensibiliza que assumir a primeira pessoa é fazer-se presente no texto, responsabilizando-se pelas apreensões das realidades construídas pela pesquisadora. Cf.: HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

próprias. Compreender as pausas, os abraços e despedidas. Está tudo lá: as histórias, os tempos, as multidões, as famílias e as lutas pela preservação das subjetividades apesar das inúmeras identidades impostas que condicionam a sofrimentos.

É um agradecimento por ter a oportunidade de ler o que as pessoas fazem quando transformam seus tempos em arte, esvaziando-se em forma de palavras, criando outros mundos possíveis e compartilhando-os a cada página. É uma demonstração de respeito pelas autoras e uma consequência de suas coragens, inteligências e vontades de dizer ao mundo o que elas são a partir delas e dos seus. Boa leitura.

2 INTRODUÇÃO: CELEBRAÇÃO AOS RITMOS E CANTOS DE GERAÇÕES

Não consigo corresponder a nossos modelos, esposa mais velha. Por isso preciso criar os meus próprios

(As alegrias da maternidade, Buchi Emecheta, p. 239)

- Nada de bom vai acontecer com você!- disse o motorista da van.

- Diga a eles- falei- Diga a eles, *a da*. Será bom. Tudo de bom vai acontecer comigo. (Tudo de bom vai acontecer, Sefi Atta, p. 366)

Antes de chamar o caracol de fraco, amarre sua casa às costas e carregue-a por uma semana.

(Fique Comigo, Ayòbámi Adebáyò, p. 222)

Aos 43 anos, Buchi Emecheta esteve como palestrante convidada na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos da América, em novembro de 1987. O descolamento de Londres, local em que residia, para Los Angeles foi uma oportunidade para que Ufahamu, Jornal de Estudos Africanos, a entrevistasse. Naquele momento, com treze livros já publicados, a escritora foi questionada sobre o futuro de sua escrita. Eis o que Emecheta respondeu:

Bem, eu ainda estou escrevendo sobre as mulheres africanas. No passado, eu coloquei a visão dos homens- em Double Yoke, e em partes de Destination Biafra- para mostrar que posso fazer isso, mas eu sinto que não é mais necessário. Não estou desafiando os homens escritores. Eu tenho o suficiente para escrever sobre meu próprio campo. Meu pano de fundo pode mudar ligeiramente, da África real para a diáspora africana. Mas acho que ainda estarei vendo tudo através dos olhos das mulheres.⁵

Na resposta, a escritora atribuiu sentido às suas obras, narrativas que analisam e significam a África e as experiências nas diásporas africanas através de uma percepção das mulheres. Buchi Emecheta nasceu em 1944⁶, tempo de colonialismo na Nigéria, em que mulheres e homens lutavam pela emancipação de seu país⁷. Na cidade de Lagos, um dos

⁵ Todas as citações traduzidas do seu idioma original para o português são de responsabilidade da autora do trabalho. “Well, I’m still writing about African women. In the past I’ve put in men’s views- Double Yoke, and parts of Destination Biafra- to show that I can do that, but I feel it’s no longer necessary. I’m not challenging the male writers. I have enough to write about in my own field. My backdrop may shift slightly, from real Africa to the African Diaspora. But I think I’ll still be seeing everything through the eyes of women.” EMECHETA, Buchi. Women and Empowerment: An Interview with Buchi Emecheta. [Entrevista concedida a] Joyse Boss. *Ufahamu: A Journal of African Studies*, Los Angeles, v. 2, n. 16, 1988, p. 100.

⁶ A autora faleceu em 2017 aos 72 anos.

⁷ ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012; FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York:

lugares de maior efervescência de ideias e ações anticoloniais⁸, Emecheta batalhou para que sua família investisse em seus estudos, privilégio concedido a filhos/homens mais velhos⁹. Simultaneamente em que frequentava a educação colonial na urbana Lagos, aprendeu a arte de viver com as mães mais velhas de seu local de origem ancestral, a cidade igbo Ibuza¹⁰. Igbo é a sua língua materna, o seu idioma emocional, como Emecheta gostava de explicar¹¹. O inglês é a língua de sua escrita, utilizada para tentar se comunicar com um número maior de pessoas¹².

Em busca de realidades mais estáveis, mudou-se para Londres aproximadamente em 1962 e observou, em muitos momentos, a distância, as tentativas de construções de um Estado para as pluralidades de grupos e seus interesses, que se chama Nigéria. Em 1972, publicou a sua primeira obra na Inglaterra, chamada *No fundo do poço*¹³, a qual, cruzando com os dados de sua biografia, lembra as suas dificuldades como uma mulher negra africana imigrante empobrecida nas arestas da cidade modelo da prosperidade do Ocidente, da colonizadora Rainha Elizabeth II e dos jovens da banda *The Beatles*.

Emecheta é uma das primeiras escritoras africanas que escreve em inglês e é publicizada no século XX, seguindo passos de Flora Nwapa, primeira mulher nigeriana a publicar um livro nesse idioma, *Efuru* em 1966^{14,15}. Construir um lugar de autoria e

Cambridge University Press, 2008.

⁸ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁹ EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f”!. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology: Second African Writer's Conference Stockholm 1986**. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹⁰ EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f”!. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology: Second African Writer's Conference Stockholm 1986**. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹¹ EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (orgs.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 82-99.

¹² EMECHETA, Buchi. Women and Empowerment: An Interview with Buchi Emecheta. [Entrevista concedida a] Joyse Boss. **Ufahamu: A Journal of African Studies**, Los Angeles, v. 2, n. 16, p. 93-100, 1988.

¹³ Tradução de acordo com a edição em português no Brasil. Título original: *In the Ditch*. Para saber mais: EMECHETA, Buchi. **No fundo do poço**. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

¹⁴ CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In: CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

¹⁵ A historiadora brasileira Tathiana Cassiano vem desenvolvendo no Brasil pesquisas sobre Flora Nwapa e suas escritas literárias. Para saber mais sobre Nwapa indico: CASSIANO, Tathiana C. S. A. . “[...] **Vai haver outra guerra, a guerra das mulheres**”: o protagonismo das mulheres Igbos na escrita literária de Flora Nwapa (Nigéria 1960). 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História- PROFHISTÓRIA),

legitimidade fez parte da jornada de escritora de Emecheta. Na sua fala, transcrita anteriormente, ao apontar para a sua percepção da história como mulher, talvez buscasse evidenciar os motivos de suas questões literárias serem outras, possivelmente diferentes das de seus colegas escritores.

Reconhecer-se como uma autora que escreve através da localização social das mulheres, para conversar com Buchi Emecheta, também faz parte da experiência de Sefi Atta. Por outro lado, há algumas ressalvas para a escritora. Atta não pretende se construir como a representante de todas as mulheres da Nigéria. Quando da publicação da segunda edição de *Tudo de bom vai acontecer* no Brasil, em setembro de 2020, a seguinte entrevista concedida a TAG Experiências Literárias se deu:

Tag - *Tudo de bom vai acontecer* pode ser lido como um romance sobre mulheres, sobre amizade e empatia entre mulheres. Como a situação das mulheres na Nigéria mudou desde a infância de Enitan¹⁶?

Sefi Atta - Não posso falar por todas as mulheres nigerianas. Posso falar apenas por Enitan, e eu diria que, agora, ela tem mais confiança nas opiniões dela. Ela estava certa sobre o patriarcado e sobre o sexismo que observou, mas, apesar de tudo, reconhece que é privilegiada.¹⁷

Sefi Atta, no momento da conversa com 56 anos, localizou-se como uma contadora de histórias que parte de um ponto específico e parcial. A sua narrativa sobre mulheres é sobre algumas mulheres nigerianas. A escritora também nasceu na cidade de Lagos, na Nigéria, no ano de 1964, quatro anos após a independência do país, na Primeira República (1963-1966) governada por um dos líderes das lutas anticoloniais, Nmandi Azikiwe¹⁸. Viveu seus primeiros anos de vida sobre eventos traumáticos da Nigéria como a Guerra Civil-Biafra (1967-1970) e seguidos golpes e ditaduras militares. Aos 14 anos de idade, mudou-se para Londres a fim de estudar. Com formação universitária inicial em contabilidade, mora nos Estados Unidos da América desde a década de 1990 e iniciou sua trajetória de escritora no ano de 1997.

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

¹⁶ Enitan é a personagem principal e a narradora de *Tudo de bom vai acontecer*.

¹⁷ ATTA, Sefi. Entrevista com Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Fernanda Grabauska. **Posfácio- Tudo de bom vai acontecer**, TAG Comércio de Livros, Porto Alegre, p. 05-09, set. 2020a.

¹⁸ ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012; FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

Em 1997, Buchi Emecheta já era reconhecida em países europeus, nos Estados Unidos da América e na Nigéria como uma relevante e produtiva escritora africana¹⁹. Sefi Atta publicou seu primeiro livro, em inglês, sua língua materna, em 2004, chamado *Tudo de bom vai acontecer*, nos Estados Unidos da América. Logo no início de sua circulação foi associada em uma entrevista, no ano de 2005, ao nome de Emecheta como uma potencial herdeira intelectual. Contudo, a autora afastava-se do rótulo, reconhecendo que

Buchi Emecheta continua escrevendo até hoje. Ela é a escritora nigeriana mais renomada internacionalmente. Seu trabalho é atual e relevante, portanto ela ainda não pode ter nenhum herdeiro. Estou escrevendo da perspectiva de suas filhas. Sei que esta perspectiva raramente tem sido vista na literatura.²⁰

Ao visitar o Brasil em 2019, para participar da Feira Literária de Paraty, Ayòbámi Adébáyò concedeu uma entrevista à revista digital GQ Globo. No momento, reconheceu que o termo *escritora negra africana* pode ser utilizado para identificá-la, mas não é a totalidade da forma como compreende a si própria.

GQ - Nesse mundo diferente, como é ser uma escritora negra africana em 2019?

Ayòbámi Adébáyò - Não penso em mim mesma nesses termos (risos), embora descreva o que eu obviamente sou. Mas gosto dessa coisa de ter um pouco de liberdade, primeiro porque muito do trabalho importante foi feito por escritoras que vieram antes de mim e que não necessariamente tiveram a atenção que meu trabalho teve, e segundo porque o tipo de trabalho que elas fizeram foi em condições mais difíceis do que as que eu tenho para trabalhar. Então me sinto livre para buscar o que me atrai como artista enquanto também sou grata ao que veio antes.²¹

¹⁹ CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In: CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

²⁰ "Buchi Emecheta is still writing today. She is the most renowned Nigeria woman writer internationally. Her work is current and relevant so she can't have any heirs just yet. I'm writing from the perspective of their daughters. I know that this perspective has rarely been seen in literature." ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

²¹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. "Talvez sejamos muito boas para sermos ignoradas", diz a nigeriana Ayòbámi Adébáyò sobre "boom" de escritoras. [Entrevista concedida a] Felipe Blumen. **GQ Globo**, Rio de Janeiro, 12 jul. 2019. Disponível: <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/07/talvez-sejamos-muito-boas-para-sermos-ignoradas-diz-nigeriana-ayobami-adebayo-sobre-boom-de-escritoras.html>. Acesso: 19 out. 2021.

Ayòbámi Adébéyò, nasceu em 1988 na mesma cidade que Sefi Atta e Buchi Emecheta, no governo militar do General Ibrahim Babangida²². Socializada no idioma e cultura yorubá, aprendendo também o inglês, frequentou escolas e universidade nigeriana²³. Por volta de 2014, mudou-se provisoriamente para a Inglaterra para cursar seu segundo mestrado, naquele momento em escrita criativa²⁴. Foi ali que publicou seu primeiro romance, *Fique Comigo*, escrito em inglês, em 2017. Até o momento deste trabalho mora na Nigéria, país que desde 1999 está em um regime que se apresenta como democrático²⁵.

A mais jovem entre as autoras aqui apresentadas experiencia uma circulação e recepção de suas produções de maneira diversa como ocorreu com Buchi Emecheta e Sefi Atta. Mesmo assim, como pode se perceber na entrevista anterior, reconhece as que vieram antes. Ou seja, que existe uma história que antecede ao seu tempo de vida em que mulheres nigerianas escreveram e publicaram suas próprias narrativas sobre a Nigéria de suas memórias, vivências e expectativas.

Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébéyò, com suas experiências localizadas histórica e geopoliticamente, narraram histórias sobre a(s) Nigéria(s). País mais populoso da África, constituído por 36 estados mais o território da capital federal, Abuja, está localizado na África Ocidental, próximo aos países Benim, Níger, Chade e Camarões (Figura 1 e Figura 2). As fronteiras territoriais com outros países que hoje o compõe foram criadas em 1914 a partir da colonização da Grã-Bretanha. Traçados que internamente foram sendo alterados e permanecem em movimento, abrangendo mais de 200 grupos de pertencimento social e linguístico, com destaque para os maiores yorubas (sudeste), igbos (sudoeste) e hausa-fulanis (norte). Desde 1960, ano que tem como marco a independência do país, o seu idioma oficial, utilizado pelo Estado, meios de comunicações e nas instituições de ensino, é o inglês²⁶.

²² FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

²³ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Ayòbámi Adébéyò: ‘We should decide for ourselves what happiness looks like’. [Entrevista concedida a] Alice O’Keeffe. **The Guardian**, Londres, 26 fev. 2017a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/feb/26/ayobami-adebayo-nigerian-author-stay-with-me-interview-family-children-happiness>. Acesso em: 09 fev. 2022.

²⁴ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Ayòbámi Adébéyò: ‘We should decide for ourselves what happiness looks like’. [Entrevista concedida a] Alice O’Keeffe. **The Guardian**, Londres, 26 fev. 2017a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/feb/26/ayobami-adebayo-nigerian-author-stay-with-me-interview-family-children-happiness>. Acesso em: 09 fev. 2022.

²⁵ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

²⁶ IGBOANUSI, Herbert. Varieties of nigerian english: igbo english in nigerian literature. **Multilingua**, Berlim, v. 20, n. 4, p. 361-378, 2001.

Figura 1 – Posição geográfica da Nigéria (em destaque vermelho) no Mundo Atlântico



Fonte: Adaptado de Gloria Chuku²⁷.

²⁷ CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. xv.

Figura 2 – Nigéria, principais cidades e localização geográfica dos mais populosos grupos sociais: yorubá, igbo e hausa-fulani



Fonte: Toyin Falola e Matthew M. Heaton²⁸.

Nas obras *As alegrias da maternidade* (1979), de Emecheta, *Tudo de bom vai acontecer* (2004), de Atta, e *Fique Comigo* (2017) de Adébáyò²⁹, as protagonistas principais

²⁸ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008, p. xl.

²⁹ Títulos originais na sequência anteriormente apresentada: *The joys of motherhood*, *Everything good will come* e *Stay with me*. A partir das reflexões do pesquisador nigeriano Herbert Igboanusi (2001), professor do Departamento de Linguística e Línguas Africanas da Universidade de Ibadan, Nigéria, é possível pensar que a tradução e edição de uma obra produzida por autoras nigerianas é um processo complexo que demanda conhecimentos não apenas do idioma da escrita, mas também da cultura da qual a autora escreve. Isso leva a refletir que trabalhar com uma tradução do inglês para o português deve considerar as possíveis diferenças entre o original, intervenções do trabalho da tradução e também de como as obras são tratadas pelas editoras. Dessa maneira, não se pode afirmar que não há modificações do inglês original, no caso de Buchi Emecheta, de acordo com Igboanusi (2001), um inglês igbo, para o português que poderiam eventualmente impactar nas reflexões desta pesquisa. Ciente disso, escolho trabalhar com as obras em suas edições português-Brasil por serem as primeiras maneiras com que me deparo com as produções, e não cabe nas intenções desta dissertação um estudo comparativo entre as edições originais e suas traduções para o português-Brasil. Nas edições com que trabalho *As alegrias da maternidade* possui 314 páginas, capa mole, tradução de Heloisa Jahn; *Tudo de bom vai acontecer* possui 367 páginas, capa dura, tradução de Vera Whately; e *Fique Comigo* possui 237 páginas, capa mole, tradução de Marina Vargas. Cf.: IGBOANUSI, Herbert. Varieties of nigerian english: igbo english in

são mulheres vivendo na Nigéria em tempos distintos³⁰. Ali é possível perceber marcas de historicidades próprias das vivências das autoras, que inclui suas relações e afetos com outras gerações de mulheres. Por outro lado, também se faz presente um canto que atravessa gerações³¹ que pode ser captado através de um estudo sobre identidades.

Gloria Chuku³² trabalha no livro *The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought*, junto a outras autoras e autores, com uma gama de intelectuais igbos em um recorte temporal que vai do final do século XIX ao final do XX³³. A intenção, ao abordar as especificidades temporais e contribuições de cada autora e autor, é pensar em continuidades na constituição de intelectuais igbos questionadores de suas realidades e que propõem outras maneiras de pensá-las³⁴. Reconhecidos os limites e diferenças entre cada esforço de pesquisa, esse também é a intenção desta dissertação. Ao buscar trabalhar com a produção intelectual de três escritoras nigerianas, entende-se que estas podem compartilhar experiências específicas do tempo-espaço da colonialidade³⁵.

nigerian literature. **Multilingua**, Berlim, v. 20, n. 4, p. 361-378, 2001.

³⁰ Os tempos e histórias das obras, assim como as trajetórias das autoras, serão temas do próximo capítulo.

³¹ CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, p. 89.

³² Gloria Chuku tem formação acadêmica pela Universidade da Nigéria, Nsukka. Nigeriana, é professora na Universidade de Maryland, Estados Unidos da América, na área de estudos africanos, com especialidade em história da África, estudos de gênero e das mulheres e diásporas africanas. Entre suas pesquisas desenvolvidas destaca-se o tema das histórias das mulheres igbos.

³³ CHUKU, Gloria. Introduction. In: CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 01-31.

³⁴ CHUKU, Gloria. Introduction. In: CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 01-31.

³⁵ Para a compreensão teórica de colonialidade parto das sistematizações conceituais construídas por intelectuais da América Latina que refletem a partir e para este lugar. Suas conceitualizações contribuem nas reflexões acerca da Nigéria neste trabalho, pois busco diálogos Sul-Sul que colaborem em pensar criticamente as estruturas de poder em escala global que são elaborados pelo colonialismo, suas continuidades e reconfigurações ao longo do tempo. Como bem pontua o porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2020), o que denuncia os teóricos apresentados a seguir foi e é evidenciado por diferentes pessoas do Sul Global em diversos conceitos, analogias, experiências e narrativas. Escolho trazê-los por compreender as suas contribuições para entender, complexificar e gerar reflexões sobre como compreendemos, e praticamos, o poder, ser, saber e gênero na modernidade. Colonialidade, de acordo com o peruano Aníbal Quijano (2005), especifica um padrão mundial de poder, ancorado na ideia de raça, implementado a partir da experiência colonial da Europa Ocidental sobre as Américas, ampliado para as suas relações com outros espaços como a África. Estruturas, para o porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2008), que permaneceram mesmo com a retirada dos aparatos administrativos coloniais dos territórios das colônias. Maldonado-Torres (2008) acrescenta que no século XXI os Estados Unidos da América disputam e ocupam o espaço geopolítico de centro, o Ocidente regulador do mundo, antes ocupado pela Europa Ocidental. Cf.: QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Cidade Autônoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130; GROSGOQUEL, Ramón. Para descolonizar os

Como um trabalho que se situa na área da História, as fontes principais serão as obras literárias anteriormente citadas. Compreende-se que são narrativas construídas a partir de vivências, memórias e histórias transmitidas entre gerações, mediadas através das experiências das escritoras, que incluem seus esforços de pesquisadoras, suas especificidades e circulações na colonialidade como mulheres negras africanas. Dessa maneira, podem colaborar para construir análises, reflexões e conhecimentos históricos sobre identidades, mobilizadas por meio de mulher, negra e africana, na Nigéria entre 1970 e 2017, tempo de produção e publicação das obras. Isso está posto na seguinte pergunta desta pesquisa: quais narrativas Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò elaboram em que é possível compreender processos de construções de identidades, por meio de mulher, negra e africana, na Nigéria, entre 1970 e 2017, registrados nos romances *As alegrias da maternidade* (1979, Buchi Emecheta), *Tudo de bom vai acontecer* (2004, Sefi Atta) e *Fique Comigo* (2017, Ayòbámi Adébáyò)?

As literaturas escritas por mulheres africanas, de acordo com Juliana Makuchi Nfah-Abbenyi^{36,37}, não apenas comunicam identidades, mas as redefinem dentro de questões que permeiam suas vivências localizadas na África. Na sua análise de escritoras africanas que escrevem em contextos históricos pós-coloniais³⁸, a autora verifica que as narrativas tecem

estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 80, p. 115-147, mar. 2008; MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 80, p. 71-144, mar. 2008; MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decoloniaidade e pensamento afrodiásporico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-54.

³⁶ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women's writing: identity, sexuality, and difference**. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

³⁷ Juliana Makuchi Nfah-Abbenyi nasceu em Camarões. É professora de inglês e literatura comparada na Universidade Estadual da Carolina do Norte, Estados Unidos da América. Obteve bacharelado, mestrado e doutora na Universidade de Yaoundé, Camarões, e segundo doutorado na Universidade McGill, Canadá. Suas pesquisas versam principalmente sobre literaturas africanas e das diásporas.

³⁸ Pós-colonial pode ser utilizado no sentido cronológico, situando temporalidades após as independências na África, século XX, e indica os processos inacabados de descolonização e estruturação do continente. Por outro lado, pós-colonial, a partir da década de setenta do século XX, é tomado também como um campo de pensamento crítico para debater os efeitos da colonização em perspectiva global, se afastando de possíveis fronteiras que demarcariam o fim de algo e o início de outra coisa completamente diferente. Os estudos pós-coloniais, então, revisam os discursos coloniais, a ficção montada do colonizador sobre as realidades. Críticas que partem principalmente de questionar as concepções coloniais de razão, humanismo e do universalismo que constitui o pensamento europeu. Nesse meio, pensar raça é analisar o motor das mentiras coloniais e encontrar alternativas para nosso tempo. Além disso, engloba práticas discursivas de resistências ao colonialismo, inscrito nas lutas sociais das sociedades colonizadas. Esses sentidos são utilizados ao longo desta pesquisa. Cf.: LEITE, Ana Mafalda. **Oralidade & escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998; MBEMBE, Achille. Qu'est-ce que c'est la pensée postcoloniale?. [Entrevista concedida a] Olivier Mongin, Nathalie

políticas de identidade pessoal em diferentes situações de marginalidade dentro de seus espaços sociais. Para esse movimento, segundo Nfah-Abbenyi^{39, 40}, “[...] a identidade deve ser constantemente construída no contexto de outras identidades, sempre mudando dependendo de quem se encontra”. O que requer pensá-las, para mulheres africanas, como múltiplas, relacionais, complementares, contraditórias, não fixas e vividas de maneiras simultâneas⁴¹.

Para Obioma Nnaemeka^{42,43}, as literaturas africanas escritas por mulheres não se limitam a falar sobre a identidade de gênero mulher, já que outras, como raça/negra e africana para esta dissertação, também significam suas realidades. A autora explica que, “[...] porque essas múltiplas identidades/subjetividades mudam constantemente, desafiando assim uma hierarquia fixa, é difícil para as mulheres negras determinarem qual identidade é posta em ação em cada momento”⁴⁴. As identidades nesta pesquisa são compreendidas, de forma interseccional⁴⁵, como maneiras referenciais de um sujeito se posicionar no mundo que

Lempereur e Jean-Louis Schleger. **Revista Esprit**, Paris, p. 117-133, 2006.

³⁹ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women’s writing: identity, sexuality, and difference**. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 274. Ebook.

⁴⁰ “What this means is that identity must be constantly constructed in the context of other identities, always shifting depending on whom one encounters.”

⁴¹ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women’s writing: identity, sexuality, and difference**. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook; NNAEMEKA, Obioma. **Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

⁴² NNAEMEKA, Obioma. **Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

⁴³ Professora nigeriana de francês, estudos femininos e estudos africanos na Universidade de Indiana, Estados Unidos da América. Pesquisadora em estudos femininos e de gênero, africanos, das diásporas e das mulheres africanas e escritoras negras.

⁴⁴ “Because these multiple identities/subjectivities shift constantly, thereby defying fixed hierarchy, it is difficult for black women to determine which identity is acted upon at every given moment.” NNAEMEKA, Obioma. **Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, 1995, p. 93.

⁴⁵ Os conhecimentos elaborados por mulheres não-brancas explicitam a necessidade da interseccionalidade, mesmo não cunhando o termo, para analisar as suas experiências e as estruturas de poder as quais são condicionadas. Sendo assim, incorre-se a injustiças em tentar localizar e nomear uma pessoa em que está a origem da abordagem teórico-metodológica. Como um projeto político coletivo decolonial, para a teórica negra brasileira Carla Akotirene, advém das mulheres negras a elaboração interseccional para compreender suas situações em relações de poder que se baseiam na raça, gênero e classe como marcadores sociais para a reprodução da violência histórica material, psíquica e subjetiva a qual atravessam seus corpos em movimento. De acordo com as reflexões das intelectuais estadunidenses Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020, p. 16), interseccionalidade pode ser como “uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”. Assume-se, a partir da interseccionalidade, que as relações de poder na colonialidade, constituída a partir da raça, envolvem diferentes categorias, marcadores sociais da diferença, de acordo com o espaço e o tempo em que se situam e que não atuam concretamente de maneira isolada e excludente. Para saber mais: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019; COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

emergem de processos ativos, em constantes construções, de negociações com o social e reescrituras de si mesmo⁴⁶.

Como ensina Sueli Carneiro⁴⁷, é necessário, ao buscar compreender narrativas e experiências de mulheres, prestar atenção de quais mulheres estamos enunciando na colonialidade em que o poder está estruturado nas violências direcionadas de acordo com intersecções entre raça, gênero, classe e outros marcadores da diferença. As mulheres não experienciam os mesmos desafios, dilemas, opressões e imposições sociais. Por isso, não me parece possível tratar sobre identidades com um dos eixos centrais sendo a identidade mulher sem levar em consideração as narrativas das autoras sobre raça.

É importante salientar que a abordagem de raça nesta pesquisa se afasta de concepções biológicas e é abordada como um conceito, no qual por meio dele é possível questionar e analisar relações de poder locais e globais no tempo presente. Para a intelectual decolonial afro-portuguesa Grada Kilomba⁴⁸, raça estrutura o fenômeno social do racismo e é a construção da diferença humana a partir de aspectos físicos e de locais de origem. Nesse caso, as diferenças são distribuídas em valores hierárquicos que possuem como norma o homem e mulher branca que detêm o poder de se definirem como padrão. Para a autora, a construção da diferença e disposição de valores hierárquicos entre os seres humanos articulam o preconceito que com o poder estabelecem o racismo. Dito de outra maneira, quando falamos de racismo estamos enunciando sobre poder. Ainda, com o historiador camaronês Achille Mbembe⁴⁹, compreende-se que é o meio que possibilitou, e possibilita, a manutenção das fantasias e desejos coloniais que tem na exploração do outro, dos *outros*, como as africanas e africanos, o seu alicerce. Raça, sua relação com o poder e intervenções nas vidas das pessoas que compõe a África devem ser compreendidas a partir das suas especificidades locais em interação com parâmetros de poder, desigualdades e injustiças em perspectiva global.

⁴⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006; MBEMBE, Achille. Qu'est-ce que c'est la pensée postcoloniale?. [Entrevista concedida a] Olivier Mongin, Nathalie Lempereur e Jean-Louis Schleger. **Revista Esprit**, Paris, p. 117-133, 2006.

⁴⁷ Sueli Carneiro é filósofa e ativista do movimento negro brasileiro. Uma das principais teóricas do feminismo negro que está situada Brasil.

⁴⁸ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Cobogó: Rio de Janeiro, 2019.

⁴⁹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

Patrícia Hill Collins⁵⁰ afirma que as experiências das mulheres negras são plurais. Para a socióloga, é por meio dos saberes negros construídos pelas mulheres de maneira coletiva, articulando respostas criativas para lidar com as injustiças sociais, que, mesmo com diferenças individuais, percebemos que compartilham experiências que fogem a eventos pontuais. Sem essas reflexões, mulheres do Sul Global⁵¹ negras, africanas, indígenas, não-brancas, foram invisibilizadas, silenciadas e excluídas constantemente nas produções de conhecimentos eurocentrados, com impactos nas materializações de injustiças e precariedades sistêmicas das suas vidas.⁵²

Como já apontado, a pesquisa pretende refletir, por meio da História, sobre identidades a partir de narrativas construídas por escritoras nigerianas. E para movimentar saberes, segundo Nnaemeka⁵³, que evitem a perpetuação de violências, confusões e desconhecimentos sobre a África, é preciso atentar-se para as colocações das mulheres africanas e os seus próprios significados sobre gênero, raça e África⁵⁴. Um trabalho como este, que parte de uma historiadora brasileira em formação, e que busca conhecer a Nigéria através da literatura, deve reconhecer seus distanciamentos e limites.

De acordo com Nnaemeka⁵⁵, existem diversas interpretações permeadas por incompreensões e abusos sobre literaturas africanas escritas por mulheres realizadas por mulheres e homens que partem de uma matriz de pensamento ocidental⁵⁶, mais precisamente do feminismo ocidental. Para a autora, as críticas feministas ocidentais sobre as literaturas

⁵⁰ Patrícia Hill Collins é estadunidense e professora de sociologia na Universidade de Maryland, Estados Unidos da América. Assim como Sueli Carneiro, é uma referência teórica do feminismo negro que está situada nos Estados Unidos da América.

⁵¹ A compreensão de Sul e Norte Global presentes nesta dissertação se faz para além das posições geográficas. Ela se encontra nos debates sobre a produção de conhecimentos e legitimidade de saberes, o que consideramos válido e científico e o que descartamos dentro dos muros acadêmicos centrados nos saberes produzidos no Norte Global, que podem ser territorializadas nas produções da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América. Os termos, desse modo, assinalam campos epistêmicos e um entendimento que há uma desigualdade na construção de conhecimento que pautam experiências como apenas objetos de pesquisa e não produtoras também de conhecimentos outros. Além disso, se entende que as ideias impactam a concretude da vida e estão materializadas nas desigualdades sociais de maneira global. Cf: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

⁵² CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Hollanda, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 325-333; COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento**. Boitempo: São Paulo, 2019.

⁵³ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

⁵⁴ Raça e sua relação com a África será um dos temas do terceiro capítulo.

⁵⁵ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

africanas escritas por mulheres possuem a característica de não reconhecerem o seu lugar de poder e de privilégio epistêmico. As considerações feitas, que pretendem se colocar como autoridades no assunto, não se atentam para os textos, buscando compreendê-los a partir das escritas, seus contextos históricos e culturais, mas desejam encaixar suas teorias em realidades que estão aquém. Muito se confere atenção e importância para as teorias e pouco, conforme Nnaemeka, em ouvir as escritoras africanas e seus ritmos.

É necessário construir a consciência de que pesquisas sobre o continente africano que partem do Brasil também contribuem para elaborar compreensões sobre as vidas de mulheres africanas. Os diálogos e comprometimentos com os textos literários apenas serão possíveis caso se reconheça a posição de externa, alguém que não experiencia o que está posto e precisa, antes de qualquer consideração, pesquisar, aprender e fazer com quem está dentro pensando e teorizando criticamente seu local, em relação com outros, que são as escritoras africanas.⁵⁷

Para Nnaemeka⁵⁸ conhecimentos produzidos por pessoas de fora, sem experiência, e de dentro do continente africano, que as possuem, devem se complementar. É possível colocar a autora em diálogo com bell hooks^{59,60}, que aponta a valorização da experiência não como uma ferramenta que silencia porque tomada como autoridade, mas que colabora para analisar realidades concretas. A experiência se torna “[...] um modo de conhecer que coexiste de maneira não hierárquica com outros modos de conhecer”⁶¹. É uma perspectiva privilegiada sobre o que quer ser apreendido que o amplia e aprofunda o seu conhecimento.

⁵⁶ O intelectual palestino Edward W. Said compreende por Ocidente uma construção histórica em que a Europa, mais necessariamente regiões em que estão localizadas atualmente o Reino Unido, França, Bélgica, Itália, Portugal e Espanha, forjou fronteiras com aquilo não desejável, inventado e nomeado de Oriente, para construir sua identidade excludente. É possível ampliar a compreensão para pensar uma matriz de pensamento ocidental elaborada a partir do colonialismo, que tem como base a invasão, exploração, nomeação, classificação e racialização de outros povos, em suma, a violência colonial, sistematizada e perpetuada pela construção de conhecimentos eurocentradas em que o colonizado jamais poderá ser agente questionador e transformador de suas realidades. Cf: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020; SAID, Edward W.. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵⁷ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

⁵⁸ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

⁵⁹ hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017, p. 115.

⁶⁰ bell hooks é o pseudônimo para a professora Gloria Jean Watkins, teórica feminista negra dos Estados Unidos da América. A escrita do nome da autora é feita com as iniciais minúsculas de forma proposital. Escolha da própria escritora, é um ato que busca romper com padrões acadêmicos.

A partir das duas intelectuais, pode-se pensar que não ter experiência não significa que não podemos conhecê-la, mas que a conheceremos de maneira diferente de quem as possui. Minhas interpretações e reflexões não devem ser tomadas como autoridade para silenciar mulheres nigerianas/africanas, porém está colocada para colaborar em compreensões críticas que fundamente ações de resistências e reexistências, em diversos âmbitos da vida social e política, a partir do Sul Global. Neste trabalho, há o entendimento de que as obras literárias, tomadas como fontes históricas, são narrativas constituídas pelos registros das observações, análises, pesquisas, memórias e experiências individuais e coletivas de Emecheta, Atta e Adébáyò.

Por se constituírem como narrativas, arquitetadas nas encruzilhadas de plurais saberes, percepções, conhecimentos e tempos, os textos literários não devem ser lidos na chave de desenharem uma verdade única sobre as realidades da África. Evita-se entendê-los de maneira literal, mas tratá-los como Literatura: repleto de complexidades, paradigmas, reflexões, alegorias e assuntos movedores históricos e geopoliticamente situados. Assim, busca-se construir um trabalho com os textos, abrindo possibilidades, emergindo suas complexidades e contradições, lugares em que podem se encontrar os seus significados, construindo, dessa maneira, conhecimentos históricos.⁶²

Sidney Chalhoub^{63,64}, no livro *Machado de Assis Historiador*, utiliza de uma abordagem que é um apoio metodológico para a presente pesquisa. O historiador toma os escritos de Machado de Assis como enunciativas de realidades localizadas em um determinado espaço e demandas de um tempo, a do escritor. As análises sobre as narrativas de Machado de Assis são compreendidas por Chalhoub em uma dupla historicidade: o tempo das obras em que está situado Machado de Assis e os tempos as quais se referem as narrativas. É

⁶¹ hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017, p. 115.

⁶² NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995; WILSON-TAGOE, Nana. Reading towards a theorization of African women's writing: African women writers within feminist gynocriticism. In: NEWELL, Stephanie (org.). **Writing African Women: gender, popular culture and literature in West Africa**. Londres: Zed Books.

⁶³ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁶⁴ Sidney Chalhoub é historiador brasileiro e professor de História e estudos africanos e afro-americanos na Universidade de Harvard, Estados Unidos da América. Pesquisador colaborador na Universidade Estadual de Campinas, Brasil, seus estudos e pesquisas sobre história da escravidão e liberdade, do trabalho e cotidiano do Brasil no século XIX é uma das principais referências do campo da História e História Social brasileira.

um movimento que se realiza para analisar os sentidos de histórias criadas em tempos outros para falar sobre o seu tempo e observá-lo a partir de uma perspectiva histórica.

Ainda com Chalhoub⁶⁵, a Literatura informa sobre a lógica social e torna capaz a historiadora e ao historiador refletir sobre modos de pensar questões sociais no tempo da escrita. A obra literária deve ser analisada situando-a no contexto sócio-histórico de produção, perfazendo os caminhos da narrativa, os personagens e as alegorias criadas para dizer para além do que está posto. A Literatura como fonte, de acordo com o historiador, deve ser lida lentamente, pois cada frase e cenário pode enunciar sobre o que a autora ou o autor está pensando sobre o seu tempo. Além disso, é relevante conversar criticamente com as escritoras para além das obras literárias. Entrevistas e ensaios produzidos por Emecheta, Atta e Adébáyò serão fontes de apoio ao longo desta pesquisa.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior⁶⁶, sugere pensar a Literatura para além de um documento a qual se torna um suporte de informações e interpretações para a História. Ele considera tomar os textos literários como um lugar para refletir e teorizar a prática historiográfica. Em outras palavras, pensar com a Literatura e não apesar dela. Entendê-la como espaço de conhecimento o qual colabora para construir uma História que aborda também as sensibilidades, os imaginários e as subjetividades que incluem as experiências humanas no tempo. A Literatura pode instigar a compreensão pela História dos estranhamentos com “nossa condição de existência, tanto coletiva, como individual”^{67, 68}.

Como historiadoras e historiadores, usamos a imaginação para dar sentido aos dados e às fragmentações dos arquivos, construindo noções de temporalidades. Ainda, como seres humanos, precisamos pensar passados para dar sentido aos nossos presentes, e tanto a Literatura quanto a História, de suas específicas maneiras, colaboram na elaboração de significações sobre os tempos. Por isso, este trabalho não se joga em um debate sobre fronteiras entre Literatura e História. No que lhe toca, é uma tentativa inicial de construir

⁶⁵ CHALHOUB, Sidney. História, literatura e legados historiográficos: entrevista com Sidney Chalhoub. [Entrevista concedida a] Claudia Engler Cury, Elio Chaves Flores, Regina Maria Rodrigues Behar. **SAECULUM- Revista de História**, João Pessoa, n. 20, p. 183- 201, jan./jun., 2009.

⁶⁶ Professor e historiador brasileiro na Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ambas no Brasil. Seus principais temas de interesse são teoria da História, identidade, cultura e produção de subjetividades.

⁶⁷ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. São Paulo: Edusc, 2007, p. 48.

⁶⁸ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. São Paulo: Edusc, 2007.

entrelaçamentos possíveis entre História e Literatura em minha prática historiadora que também reconhece a construção de conhecimentos históricos realizados por Buchi Emecheta, Seffi Atta e Ayòbámi Adébáyò.⁶⁹

Além do mais, intenta em contribuir, por meio da História, para refletir, desde o Brasil, com e sobre experiências, discursos e diálogos produzidos por mulheres que dividiram suas vidas pelo menos entre a Nigéria, Inglaterra e Estados Unidos da América. Dessa maneira, visibiliza-se, de maneira coletiva, ações de mulheres do Sul Global em prol de sua autodefinição, autoavaliação e autonomia⁷⁰. Pode ser também um espaço para pensar diálogos na e para a sala de aula, já que por meio da Lei nº 10.639/2003 é obrigatório na rede de educação básica o ensino de História da África no Brasil⁷¹. A legislação, resultado da luta do movimento negro brasileiro, compreende que o continente está em conexão com a construção do território brasileiro e que aprender sobre a África é um movimento de saber sobre a nossa realidade.

Vamos a apresentação da estrutura do trabalho. Ele está dividido, além desta introdução, em três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo, tem-se como objetivo mapear as trajetórias de vidas das escritoras e o contexto de criação das obras, compreendendo-as a partir de uma perspectiva que busca evidenciar suas circulações.

Para o segundo capítulo, busco iniciar um diálogo, com continuidade no terceiro, que contempla dois objetivos desta dissertação: conhecer a Nigéria do século XX e início do século XXI através das narrativas e problemáticas sociais, políticas e culturais expostas por um ponto de vista das mulheres nos romances; e analisar as identidades construídas, e suas intersecções, mulher, negra e africana, nas narrativas na interação entre História e Literatura, por mulheres negras africanas que circulam. Ali, você encontrará análises das narrativas de identidade *mulher* nas obras literárias selecionadas como fontes principais desta pesquisa que buscam situá-las historicamente nos contextos de produção dos romances, podendo informar sobre mulheres na Nigéria.

O terceiro capítulo é a materialização de uma mudança de perspectiva que acompanha esta dissertação. No início, quando construí o projeto, ele estava desenhado para ser uma

⁶⁹ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. São Paulo: Edusc, 2007.

⁷⁰ COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e política do empoderamento. Boitempo: São Paulo, 2019.

⁷¹ BRASIL. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso: 22 fev. 2021.

análise das construções da identidade mulher negra africana nas obras escolhidas e já apresentadas. Acontece que ao aprender caminhando percebi que minha proposta estava em uma ideia de identidade fixa, e uso dela, que intersecciona mulher, raça e África, muito circunscrita em meu presente e lugar. Caso persistisse, as reflexões que se seguem não seriam feitas com Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò. Abri mão de minhas certezas.

Dessa maneira, apresento a compreensão das identidades a partir de suas mobilidades, (re)criações, alargamentos, presenças, ou não, de fronteiras. O que está posto são questionamentos sobre lugares sociais demarcados historicamente a partir de mulher, raça e África possíveis de serem elaborados por meio de reflexões com as escritoras. Dúvidas, e construções, que emergem de seus percursos individuais e coletivos relacionados com diferentes histórias singulares e dos espaços em que circularam.

Por fim, nas considerações finais, retomo, sem ser exaustiva, algumas ideias chaves expostas no decorrer do trabalho. De maneira breve, é um momento de despedida da leitora e do leitor e convite a compartilhar caminhos de pesquisas sobre os temas e clamores que envolvem esta pesquisa.

Muitas vezes, como marca Conceição Evaristo⁷², “escrever é uma maneira de sangrar”⁷³. Este trabalho, então, dialoga sobre aquilo que, apesar dos pesares, não muda, não passa, mas permanece teimosamente e empurra a passados que deveriam ter passado. Aborda sobre violências, hierarquias e desigualdades construídas historicamente em distintas sociedades humanas. De maneira simultânea, também diz sobre resistências, rupturas, sorrisos, lágrimas, em suma, humanidades criadas a partir e apesar de inúmeros sangramentos.

Para Chinua Achebe⁷⁴, as literaturas africanas são locais de celebração. Na concepção igbo, celebrar significa identificar, nomear e considerar os vários aspectos da realidade, reconhecendo a existência como uma atitude a fim de evitar ansiedades, perturbações e traçar estratégias de ações⁷⁵. Celebrar, então, “é reconhecer uma presença, não é lhe dar as boas-

⁷² Conceição Evaristo é escritora, linguista e professora brasileira. Em suas obras, o corpo político produtor de conhecimento, saberes e complexidades é a população negra brasileira, principalmente as mulheres negras do Brasil.

⁷³ EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 109.

⁷⁴ Escritor nigeriano que ampliou, ao longo da segunda metade do século XX, através dos seus trabalhos, as discussões dentro e fora do continente africano sobre o colonialismo e a situação pós-colonial a partir de uma perspectiva dos colonizados africanos.

⁷⁵ ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

vindas. É a cortesia de dar a cada um o que lhe é devido”⁷⁶. Convido a seguirmos atentamente para as reflexões sobre processos históricos na Nigéria, através das identidades, que indicam Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò. Análises das realidades que também intentam imaginar outros mundos possíveis, já que “sabemos que não morrer, nem sempre, é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas”⁷⁷.

⁷⁶ ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 114.

⁷⁷ EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 109.

3 NARRAR HISTÓRIAS DE E EM CIRCULAÇÕES

Oshia, o filho mais velho de Nnu Ego, e Adim, o seu segundo filho, viveram suas juventudes quando mulheres e homens da Nigéria almejavam coletivamente suas emancipações do colonialismo britânico. No final da década de 1940, Oshia e Adim construía seus caminhos para futuros outros nos Estados Unidos da América e no Canadá. Os não retornos pesavam em sua mãe que esperava deles outro comportamento, principalmente de Oshia, o primogênito. Era ansiado que voltassem para a Nigéria para desfrutar de suas conquistas ao lado de sua família, oferecendo uma velhice tranquila a Nnu Ego.⁷⁸

Escrito no final da década de 1970, *As alegrias da maternidade* anuncia, a partir dos protagonismos de mulheres e homens nigerianos, que “[...] as coisas mudaram. Agora são necessários anos de educação para tornar um adulto moderno”⁷⁹. A compreensão que Buchi Emecheta possuía de que modificações de vidas e identidades estavam em curso desde que veio ao mundo, em 1944, está presente na obra em passagens como:

[...] Nnu Ego, de forma similar, estava decaindo depressa. Não era propriamente uma carência material; as filhas mandavam contribuições de vez em quando. No entanto, o que efetivamente a quebrou foi, mês após mês, esperar por notícias do filho que vivia nos Estados Unidos, e também de Adim, que mais tarde foi para o Canadá, e não receber nenhuma. Foi graças a alguns comentários que ficou sabendo que Oshia se casara e que sua noiva era uma mulher branca.⁸⁰

Nnu Ego vive de uma maneira a maternidade que Emecheta ruma a quem lê a repensá-la em contextos pós-coloniais, narrando e questionando identidades. Para a autora, *As alegrias da maternidade* busca significar a vida das mulheres para além da maternidade a partir de percepções de mundo igbo entrelaçadas com as suas experiências de circulações dentro e fora da Nigéria. Publicado pela primeira vez em 1979, Emecheta estava morando em Londres. Após o romance, a autora viajou para os Estados Unidos da América, Alemanha, França, Holanda, e outros países da Europa, América do Norte e África. Foi professora convidada em universidades como Yale, nos Estados Unidos da América, e Calabar, na

⁷⁸ EMECHETA, Buchi. *As alegrias da maternidade*. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

⁷⁹ “Things have changed. It now takes years of education to make a modern adult”. EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. *Kunapipi*, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982.

⁸⁰ EMECHETA, Buchi. *As alegrias da maternidade*. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 313.

Nigéria. Em 1992, afirmava que suas casas estavam em dois lugares: na cidade de Ibuza, no estado do Delta, na Nigéria, e no estado de Califórnia, nos Estados Unidos da América. Londres desde 1962 era o seu lugar de trabalho.⁸¹

Na data de 1979, a Nigéria era governada por muitos homens e mulheres que entre as décadas de 1930 e 1940 frequentaram universidades europeias e norte-americanas, voltando para atuarem na construção de seu país⁸². Daquele ano também era possível perceber criticamente os significados e desafios de se forjar a Nigéria dentro de inúmeras fronteiras sociais e políticas moventes, alargadas, em constantes transformações. Fazia nove anos da guerra civil-Biafra⁸³ (1967-1970) que dizimou milhares de pessoas igbos, inclusive de Ibuza⁸⁴. Como a autora poderia permanecer sem inquietações, críticas e desconfianças diante a acontecimentos violentos, em que também seria alvo caso estivesse na Nigéria, geridos por diversas pessoas na Nigéria, educadas institucionalmente para serem “adultos modernos”?

Sefi Atta, vivendo entre yorubás, igbirras e outros, era pequena quando aconteceu ao longe de sua casa a guerra civil-Biafra, aproximadamente três anos de idade. Apenas teve conhecimento anos após o seu fim, pois ela permaneceu viva entre silêncios, presenças ausências e vontades de lembrar⁸⁵. A Nigéria que foi conhecendo ao longo da sua vida era tão plural quanto as diversidades de gentes, seus projetos e concepções de amanhã podem incluir. Vivenciou tempos de golpes e ditaduras militares, tentativas de estabelecimento de meios democráticos, censuras, ativismos políticos e uma virada de século XX para o XXI que ventava democracias com persistências de conflitos internos, como corrupções nos aparatos

⁸¹ EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982; EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 82-99.

⁸² FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁸³ A guerra civil nigeriana, também conhecida por Guerra civil-Biafra, ou Guerra de Biafra, foi um conflito entre o governo nigeriano e Biafra, um Estado formado a partir da separação dos estados ao sudoeste da Nigéria. A região contava com uma população de maioria igbos e abrangia 67% do petróleo do país. Com duração de 2 anos e meio (1967-1970), a guerra que ocorreu após a independência nigeriana, datada do ano de 1960, marca um processo em que, ao contrário de uma identidade nacional, as populações do território se movimentavam a partir de suas identidades relacionadas aos grupos de pertencimento, nos quais se destacavam os grupos hausa/fulani (Norte), yorubá (Oeste) e igbo (Leste). O governo da Nigéria protagonizou ataques violentos contra Biafra, levando ao seu colapso, que foi de avanços com tropas de exército até a proibir a entrada de alimentos, através de embargo econômico, causando a morte de milhares de pessoas. Cf.: FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁸⁴ EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982

⁸⁵ ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

administrativos governamentais, e explorações dos recursos humanos e ambientais a partir de redes regionais, internacionais e transcontinentais inseridas em dinâmicas múltiplas do capitalismo moderno/colonial⁸⁶. A escritora viveu e vive entre três países Nigéria, Inglaterra e Estados Unidos da América⁸⁷.

Marca de 2004 a sua primeira obra publicada: *Tudo de bom vai acontecer*, uma história sobre a Nigéria após a independência. Enitan Taiwo, a personagem principal, é uma mulher urbana de classe média que vive nas contradições, hierarquias e violências de uma parte da Nigéria costumada a ser descrita como um mundo dividido em dois, ocidental e tradicional, mas que veremos ao longo do trabalho está para além dessas explicações.

Não apenas Sefi Atta questiona silêncios, como exercita outras maneiras para seu público leitor, principalmente nigeriano, pensar relações e agentes dos conflitos e instabilidades do país ontem e hoje, simultaneamente, em que diz sobre identidades. Tio Alex “[...] culpava os britânicos por essas desavenças [guerra civil-Biafra]: ‘Eles e seu maldito império. Vêm aqui e partem nosso país ao meio como se fosse um daqueles malditos pãezinhos torrados que comem com chá’ ”⁸⁸. Um pouco diferente, Enitan, em sua adultez, não tem tanta certeza de quem são os culpados pelas violências que presencia na Nigéria, apesar de localizar alguns problemas e seus corpos políticos de ação e privilégios dentro e fora do país. Sefi Atta diz, por meio de Enitan: “[...] eu nasci no ano da independência do meu país e vi sua luta. A liberdade nunca pretendeu ser doce. Desde o início foi responsabilidade do povo, da pessoa física, lutar pela pátria e se agarrar àquilo”⁸⁹.

Ayòbámi Adébayò nasceu depois de Buchi Emecheta e Sefi Atta, em 1988. Com outros problemas e maneiras de ser, algumas de suas dúvidas e críticas se aproximam das duas antecessoras. *Fique Comigo*, sua obra de estreia em 2017, aponta para contextos culturais e processos históricos na Nigéria no século XXI. A maneira dos nigerianos se relacionarem com a maternidade e o casamento, e as ditaduras militares do século XX com suas continuidades apesar de alguns rompimentos políticos no século XXI. A década de seu

⁸⁶ MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019; OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana**: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

⁸⁷ ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

⁸⁸ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p 11.

⁸⁹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p 361.

nascimento é o escolhido para o romance, marcando um interesse do seu presente pelos passados de regimes militares nigerianos.

Depois de colocar o telefone novamente no gancho, veio se sentar ao meu lado da cama.

- Era Aliyu, o diretor de operações da sede, em Lagos. Ele me ligou para dizer que não devemos abrir o banco para o público amanhã- Ele [Akin] suspirou. - Houve um golpe.

- Ah, meu Deus – falei [Yejide].

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu me perguntei se alguém teria morrido, se nos meses seguintes haveria caos e violência.⁹⁰

Ao mesmo tempo em que escreve sobre o golpe militar do General Ibrahim Babangida, que ficou no poder por sete anos (1985-1993), como na citação anterior, Adébáyò apresenta os dramas de Yejide e Akin na procura por responder às expectativas sociais voltadas a um casal. Parece que os regimes militares não são apenas um pano de fundo, mas constituem as suas histórias, as identidades que narra e do que pretende evidenciar para as leitoras e leitores em suas próprias realidades.

Importante mencionar que a escritora mora na Nigéria no momento da escrita deste trabalho e tem passagens por diferentes cantos do mundo, principalmente após a publicação de *Fique Comigo*. Para ela, é difícil explicar os alcances de seu primeiro lançamento.

Acho que ninguém espera tanta atenção para um primeiro livro, sabe? A maneira como tenho lidado com isso é focar no que estou trabalhando agora. [...] Eu tenho escrito por um tempo, mas ser uma autora é novo. É algo que estou começando a entender.⁹¹

Você pode perceber que ao longo desta introdução além de buscar, de forma embrionária, relacionar autoras, obras e seus tempos, num jogo de dupla historicidade⁹² já

⁹⁰ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 27.

⁹¹ “I don’t think anybody expects that much attention for a first book, you know? The way I’ve handled it is to focus on what I’m working on right now. [...] I’ve been writing for a while, but being an author is new. It’s something I’m starting to understand.” ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Great expectations: an interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Patrik Henry Bass. **The Paris Review**, Nova York, 08 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/08/08/great-expectations-interview-ayobami-adebayo/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

⁹² CHALHOUB. Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

apresentada, e que nos seguirá até o fim desta dissertação, estou constantemente buscando evidenciar as escritoras e suas circulações físicas. Os lugares que nasceram, viajaram e também foram e são suas moradas. Não somente realizo esse exercício para situar as obras nos contextos de vidas das autoras, mas para apresentar uma perspectiva levada nesta pesquisa. As narrativas de identidades construídas nas obras de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò são compreendidas a partir de e em circulações entre mundos e de mundos⁹³. Bem como são feitas as próprias trajetórias das escritoras, tema deste capítulo.

As três escritoras e suas respectivas obras analisadas neste trabalho, situam-se temporalmente em um momento do continente africano marcado pelo que Mbembe⁹⁴ nomeia como de “dispersão” e “circulação”. Dispersão de pessoas da África para outros lugares do mundo e circulação de mundos na África e a partir dela para fora porque é um ponto de partida e de destino⁹⁵. Suas trajetórias de vidas e obras não são apenas marcadas pelos seus movimentos físicos para lugares além-Nigéria. Suas vivências dentro desse próprio lugar são atravessadas por plurais experiências em conexões intercontinentais em diferentes emaranhados de processos históricos e temporalidades.

Por meio de seus livros permanecem circulando através de suas criatividade, reflexões e análises. Dessa maneira, também se torna pertinente pensar nos intermediários entre escritora, obra e público, e suas estratégias para se fazer visível nos circuitos editoriais que, muitas vezes criados sobre perspectivas coloniais, são agentes promotores de invisibilização das expressões intelectuais de mulheres negras⁹⁶.

A seguir você encontrará um vislumbre das vidas e motivações literárias de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò, assim como alguns comentários sobre as circulações, por meio das edições, das obras literárias analisadas nesta pesquisa. Por investigar desde o Sul do Brasil, é relevante apresentar também o caminho que se deu para

⁹³ MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019.

⁹⁴ MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 229.

⁹⁵ MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019.

⁹⁶ DARWIN, John. Afterword: History on a global scale. In: BELICH, James; DARWIN, John; FRENZ, Magret; WICKHAM, Chris (org.). **The prospect of global history**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 178-184; ECKERT, Andreas. A escrita da História e a virada global: perspectivas de um historiador de África. [Entrevista cedida a] Ana Carolina Schweitzer e William Blakemore Lyon. **Esboços**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 617-635, maio/ago. 2021; REIS, Vilma. Virando a língua lá e cá: mulheres africanas ao sul do Saara e mulheres negras brasileiras em nossas produções, trocas possíveis. GOMES, Patrícia Godinho; FURTADO, Cláudio Alves (org.). **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico**: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectivas de gênero. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 271-290.

que, mesmo com as inúmeras tentativas coloniais de apagamentos sistêmicos, as vozes das escritoras fossem percebidas e compreendidas a partir de uma perspectiva de reconhecimento e diálogo através de suas intelectualidades que possibilitam a elaboração desta dissertação.

3.1 BUCHI EMECHETA: CONTADORA DE SUAS HISTÓRIAS PARA OUTROS MUNDOS

Eu não escrevo para mudar o mundo, nem para pregar. Escrevo sobre o mundo que conheço e a maneira como o vejo, para que outros possam ler sobre ele.⁹⁷
(Buchi Emecheta)

É noite quando as crianças de Ibuza sentam aos pés de suas grandes mães. Chegou o tempo de escutar histórias sobre seus antepassados. As mais velhas aquietam seres dados a agitações, pois é preciso estar atenta a cada palavra, imagem e som. Nesses momentos em comunidade, embalada pelas palavras desenhadas no ar pelas contadoras de histórias igbos, a menina Buchi Emecheta foi marcada pela vontade de criar e dizer suas próprias histórias.

Minha Grande Mãe era minha tia. Uma criança pertencia a muitas mães. Não apenas a biológica de uma. Ficávamos horas a seus pés, hipnotizados por seu transe como voz. Através de tais histórias ela podia contar os feitos heroicos de seus antepassados, todas as nossas maneiras e todos os nossos costumes. Ela costumava contá-las de tal maneira, de tal maneira cantada, que até os meus 14 anos eu pensava que estas mulheres eram inspiradas por alguns espíritos. Foi o resultado daquelas visitas a Ibuza, juntamente com o prazer e a informação que aquelas histórias nos davam, que determinei quando cresci que seria uma contadora de histórias, como minha Grande Mãe.⁹⁸

Essa menina de sentidos e sentimentos atentos a sua Grande Mãe, nasceu nas vésperas do fim da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1944, na Nigéria colonial que, desde pelo menos a década de 1930, anunciava ventos de mudanças e emancipações. Vinda de uma

⁹⁷ “I don't write to change the world, nor to preach. I write about the world I know and the way I see it, so that others can read about it.” EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, 1982, p 121.

⁹⁸ “My Big Mother was my aunt. A child belonged to many mothers. Not just one's biological one. We would sit for hours at her feet mesmerized by her trance like voice. Through such stories she could tell the heroic deeds of her ancestors, all our mores and all our customs. She used to tell them in such a way, in such a sing-song way that until I was about fourteen I used to think that these women were inspired by some spirits. It was a result of those visits to Ibuza, coupled with the enjoyment and information those stories used to give us, that I determined when I grew older that I was going to be a storyteller, like my Big Mother.” EMECHETA, Buchi. *Feminism with a small “f”*. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology: Second African Writer's Conference Stockholm 1986**. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173- 174.

família igbo, católica e moradora do subúrbio do bairro Yaba⁹⁹, transitou na urbana Lagos, casa de pessoas de diversos lugares da Nigéria, e em Ibuza¹⁰⁰, local de suas grandes mães, da agricultura e vida coletiva igbo¹⁰¹. Nesse caminhar, Buchi Emecheta foi constituindo-se como escritora por meio de bibliotecas construídas por muitos mundos, como a das oralidades e dos papéis.

Os planos da jovem Buchi Emecheta era estudar e conhecer a Inglaterra. Para isso, foi necessário conquistar a sua família de trabalhadores e migrantes em Lagos para que depositasse suas esperanças, e investimentos financeiros, não somente nos futuros homens da casa¹⁰². Até os 16 anos, momento que precisou interromper os estudos para se casar, Emecheta já tinha frequentado escolas coloniais em Lagos: a Ladilak Escola, Memorial de Reagan Escola Batista e Escola Secundária Metodista Meninas. Emecheta, no secundário, foi aluna de uma das primeiras nigerianas a obter a graduação, a poetisa e escritora Mabel Segun¹⁰³. Nesses lugares, descobriu que para contar suas histórias ao mundo deveria escrever em inglês¹⁰⁴. Falante de igbo e yorubá, Emecheta também foi desincentivada, logo no início de seus estudos, a ser uma escritora por uma de suas professoras brancas¹⁰⁵. Ela apenas não contava com a potência em acreditar em si mesma e a vontade de viver de seu modo de Florence Onye Buchi Emecheta.

⁹⁹ O bairro Yaba permanece situado em Lagos.

¹⁰⁰ Ibuza, conhecida também como Igbuzor, é uma cidade historicamente ligada a comunidades rurais igbo no estado do Delta. Por sua vez, Lagos é uma cidade litorânea que se localiza no estado de mesmo nome. Formada inicialmente por yorubás, destaca-se em sua história a sua importância como porto no comércio de pessoas escravizadas nas Américas entre os séculos XV a XIX. Tornou-se colônia britânica na década de 1860. Em 1914, integrava o protetorado Sul que foi anexado com o do Norte, constituindo a Nigéria. Desde então foi nomeada a capital nigeriana, posto que ocupou até ser substituída, em 1991, pela cidade de Abuja. Considerada a cidade mais populosa do país, é também o seu centro urbano mais importante. As duas cidades se localizam na região Leste da Nigéria e estão a aproximadamente 435 km de distância. Cf.: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. **Historical dictionary of Nigeria**. The Scarecrow Press: Lanham; Toronto.; Plymouth, 2009.

¹⁰¹ EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f!”. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹⁰² EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f!”. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹⁰³ MATIANG'I, M. Okeng'o. **Images of the african woman in Buchi Emecheta's fictional works**. 1992. Dissertação (Mestrado em Artes- Literatura), Universidade de Nairóbi, Nairóbi, 1992.

¹⁰⁴ EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f!”. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹⁰⁵ EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f!”. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

Aos 18 anos, em matrimônio com Sylvester Omodi, Emecheta se mudou para a Inglaterra. A partir de 1962, em Londres, levou consigo a Nigéria recém independente da Inglaterra (1960) com muito trabalho de libertação pela frente. Ainda casada, escreveu a primeira versão da obra *Preço da Noiva*, inspirada na Ibuza que conheceu. Queimada pelo seu marido, a perda de seu primeiro livro foi dolorosa, assim como viver em um casamento violento, com cinco filhos, em um lugar no qual não se poderia recorrer a ajuda dos seus. Mais uma vez, por meio de sua vontade em manifestar o que queria ser, Emecheta assumiu uma posição radical para a cultura igbo cristã naquele momento: divorciou-se de Omodi.¹⁰⁶

Para sobreviver em uma cidade hostil a uma mulher negra africana, buscou a assistência social londrina e também graduou-se em Sociologia na Universidade de Londres, em um curso noturno. Paralelamente, durante o dia trabalhava como bibliotecária e servidora pública. Em algum momento, sentava-se para escrever na sua cozinha, ao som dos murmúrios dos seus cinco filhos e filhas.¹⁰⁷

A escritora passou quase cinco anos tentando publicar suas obras na Inglaterra. A primeira publicação ocorreu em 1972. *No fundo do poço* a princípio eram artigos publicados no *The New Statesman* sobre a vida da imigrante nigeriana Adah em Londres. O livro, segundo Emecheta¹⁰⁸, tratava de temas que a autora conhecia muito bem e incluiu algumas das suas próprias vivências na narrativa. É um livro de desabafo e indignação e sua publicação deu a ela alguma visibilidade na imprensa inglesa.

O segundo livro a ser publicado foi *Cidadã de Segunda Classe*. Finalizado ainda em novembro de 1972, Buchi Emecheta apenas conseguiu publicá-lo em 1975. Acontece que a escritora discutiu com a sua primeira editora, Barrie & Jenkins, e ela associa estes conflitos com as recusas que recebeu de outras editoras bem conhecidas no mercado. “O mais

¹⁰⁶ EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982; EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f”!. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹⁰⁷ EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982; EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f”!. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186; EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 82-99; EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f”!. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology**: Second African Writer's Conference Stockolm 1986. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.

¹⁰⁸ EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982.

importante é que o livro foi publicado, e por uma jovem editora que era então considerada uma empresa radical”¹⁰⁹, a Alisson & Busby.

Figura 3 – Buchi Emecheta



Fonte: Valerie Wilmer¹¹⁰.

Depois dessa obra, Emecheta conquistou sua confiança para se autonegociar como escritora. Como uma terapia para a autora, *Cidadã de Segunda Classe* responde questões de *No fundo do poço*. Bem recebida pelo público, Emecheta, que até então era professora de Ciências Sociais para crianças, a partir de 1975 dedica-se totalmente a escrita.

Eu ia me instalar por conta própria. Eu ia ser uma escritora em tempo integral. Era um tipo de vida precário, ainda pode ser, especialmente se se tem cinco filhos em crescimento para alimentar, mas como tudo o que eu estava determinado a fazer, aguentei.¹¹¹

¹⁰⁹ “The most important thing is that the book was published, and by a young publishing firm who were then regarded as a radical firm.” EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, 1982, p. 144.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.google.com/doodles/buchi-emechetas-75th-birthday>. Acesso: 21 nov. 2022.

¹¹¹ “I was going to set up on my own. I was going to be a full-time writer. It was a precarious type of living, it can still be, especially if one has five growing children to feed, but like everything I was determined to do, I stuck it out.” EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, 1982, p. 116.

Após escrever dois livros a partir de suas experiências em Londres, Buchi Emecheta voltou-se para a Nigéria. Quinto livro publicado¹¹², *As alegrias da maternidade*¹¹³ é uma obra sobre os tempos que viveu que contam a sua história de vida.

Assim, cheguei mais perto de minha própria vida; foram os anos da guerra [Segunda Guerra Mundial]. O cortador de grama nas *As alegrias da maternidade* era um tio distante que eu conhecia, mas fora isso e algumas das cenas no pátio da locomotiva, o resto do livro era imaginativo. Mas você conhece meu tipo de imaginação - principalmente baseada em lugares que eu vi ou ouvi falar.¹¹⁴

O tempo e espaço de *As alegrias da maternidade* é a Nigéria colonial, das décadas de 1930 e 1940. Nas paisagens do romance é possível imaginar a Lagos dividida entre trabalhadores africanos e patrões brancos. Aquela é a terra de oportunidades para jovens que anseiam a vida para além de suas comunidades rurais, como os próprios pais de Emecheta. Nnu Ego, a personagem principal, é uma mulher que sai de Ibuza para se casar com um homem de seu povo que mora em Lagos, Nnaife um trabalhador que passa por diversas atividades, como lavador de roupas para brancos, cortador de grama da administração colonial e soldado da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial¹¹⁵. Os dois ilustram as dificuldades materiais e opressões coloniais que provavelmente marcaram a história de vida de Emecheta, incluindo as histórias de suas gentes transmitidas para a escritora nas noites de luar e contações de histórias na sua casa ancestral.

Nnu Ego também vive uma experiência da maternidade que a impede de ver a vida para além das suas funções de ser mãe. A protagonista dedica-se exaustivamente aos seus filhos para que eles a cuidem, e retribuam seus esforços, na sua velhice. O ciclo no qual se

¹¹² Buchi Emecheta publicou as seguintes obras, além das já citadas: *Preço da noiva* (1976); *The Slave Girl* (1977); *The Moonlight Bride* (1981); *Our Own Freedom* (1981); *Destination Biafra* (1982); *Naira Power* (1982); *Double Yoke* (1982); *The Rape of Shavi* (1983); *A Kind of Marriage* (1986); *Gwendolen* (1989); *Kehinde* (1994); *The New Tribe* (2000). Também constam em suas produções o livro autobiográfico *Head Above Water* (1984); *Titch the Cat* (1979), *Nowhere to Play* (1980) e *The Wrestling Match* (1981) para o público infanto juvenil; e os roteiros *Juju Landlord* (1975), *A Kind of Marriage* (1976) e *Family Bargain* (1987).

¹¹³ O livro está dividido em 18 capítulos: 1. A mãe; 2. A mãe da mãe; 3. A vida da mãe no começo; 4. Primeiros sustos da maternidade; 5. Uma mulher fracassa; 6. Um homem nunca é feio; 7. O dever de um pai; 8. Os ricos e os pobres; 9. O investimento de uma mãe; 10. Um homem precisa de muitas esposas; 11. Partilhando um marido; 12. Homens em guerra; 13. Uma boa filha; 14. Só as mulheres; 15. O pai soldado; 16. Mãe de filhos inteligentes; 17. A honra de uma filha; 18. A mãe canonizada.

¹¹⁴“So I came nearer to my own lifetime; that was the war years. The grass cutter in *Joys of Motherhood* was a distant uncle I used to know, but apart from that and some of the scenes in the loco-yard, the rest of the book was imaginative. But you know my kind of imagination - mostly based on places I have seen, or heard of.” EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, 1982, p. 120.

¹¹⁵ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

organiza e significa as passagens da vida em Ibuza. Para Buchi Emecheta¹¹⁶, essa maneira de viver não era mais possível na Nigéria da década de 1970, tempo da escrita. As crianças se tornariam adultos vivendo no mundo em constante mudanças e instabilidades. Por isso, *As alegrias da maternidade* chama a atenção para refletir sobre as potencialidades das mulheres em se dedicarem a jornadas de conquistas de independências financeiras e emocionais que a fazem amar a vida com os filhos e continuar vivas depois que eles escolhem seus próprios caminhos. A primeira edição do livro saiu pela Alisson & Busby no ano de 1979.

Alisson & Busby foi a segunda editora de Buchi Emecheta, com a estreia de *No fundo do poço*, em 1972¹¹⁷. Fundada no ano de 1967, por Margaret Busby¹¹⁸ ao lado de Clive Alisson, a editora independente permanece em funcionamento. A Alisson & Busby trouxe para a indústria editorial britânica nomes como os de Buchi Emecheta, C.L.R. James e George Lamming. Assim, colaborou para a divulgação de escritoras e escritores negros da África e diásporas, embora não tenha publicado exclusivamente trabalhos de pessoas negras.¹¹⁹

Na segunda publicação de *The Slave Girl*, em 1977, pela editora George Braziller, nos Estados Unidos da América, Buchi Emecheta escreveu na dedicatória: “a Margaret Busby por ela acreditar em mim”¹²⁰. Primeira editora negra da Inglaterra¹²¹, desde o início de sua carreira como editora Busby se comprometeu com a valorização e publicação de escritoras e escritores negros. Em 1992, editou a antologia com textos de cerca de 200 mulheres africanas e afro diaspóricas em diferentes gêneros como drama, poemas, romances e infantis. Chamado *Daughters of Africa: An International Anthology of Words and Writings by Women of African Descent*, inclui um espaço dedicado a Buchi Emecheta. O segundo volume com o título *New*

¹¹⁶ EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. *Kunapipi*, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982.

¹¹⁷ GIKANDI, Simon. *Encyclopedia of African literature*. Londres; Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

¹¹⁸ Margaret Busby nasceu em Accra, Gana. Estudou na Universidade de Londres, onde se encontrou com Clive Alisson e juntos fundaram a editora Alisson & Busby. Construiu uma história de engajamento para a publicação e visibilidade de obras e artistas independentes, principalmente da África e suas diásporas. Além disso, trabalha como revisora, crítica, editora e escritora, contribui para os jornais *The Guardian*, *The Sunday Times* e *The Independent*, assim como em programas de rádio e televisão. Consultar: STEVENSON, John. Black History Month, 2019. **Margaret Busby: Doyenne of black british publishing**. Disponível em: <https://www.blackhistorymonth.org.uk/article/section/bhm-firsts/margaret-busby-doyenne-black-british-publishing/>. Acesso: 09 nov. 2021.

¹¹⁹ BREARY, Jazzmine. Let's not forget. **Writing the Future: Black and Asian Writers and Publishers in the UK Market Place, Spread the Word**, Londres, p. 30, 2013.

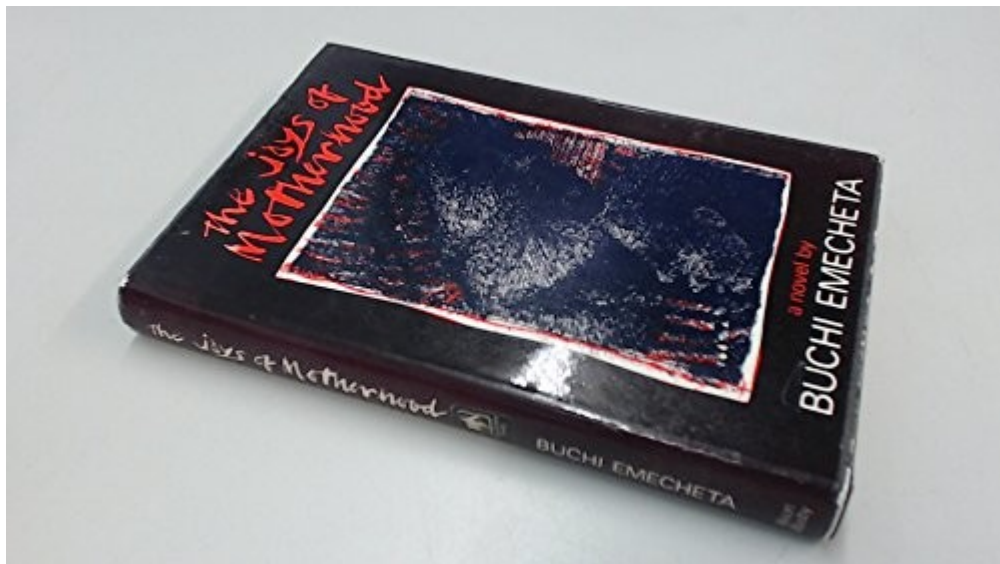
¹²⁰ “To Margaret Busby for her believing in me.” EMECHETA, Buchi. **The slave girl**. Nova York: George Braziller, 1977, p. 06.

¹²¹ BREARY, Jazzmine. Let's not forget. **Writing the Future: Black and Asian Writers and Publishers in the UK Market Place, Spread the Word**, Londres, p. 30, 2013.

Daughters of Africa: An International Anthology of 20th and 21st Century Writing by Women of African Descent foi publicado em 2019. Nesse Busby também reuniu o trabalho de 200 mulheres da África e da diáspora a fim de aprofundar conexões globais entre mulheres negras.¹²²

Logo após a sua primeira publicação em 1979, pela Alisson & Busby, *As alegrias da maternidade* foi publicada na série *African Writers Series*, pertencente a Heinemann Educational Books. Naquele momento, a Heinemann disputava o mercado editorial com outras destacadas no ramo¹²³. Ao longo de 40 anos, a editora foi a via para definir e organizar comercialmente tendências artísticas e ideológicas das literaturas africanas¹²⁴.

Figura 4 – Possível primeira edição de *As alegrias da maternidade* pela Alisson & Busby, em 1979



Fonte: Site Abe Books¹²⁵.

¹²² TEDESSE, Adanech. A life transcending borders: the legacy of Margaret Busby OBE. **Africa Writers**, Londres, 2019. Disponível em: <https://africawrites.org/blog/a-life-transcending-borders-the-legacy-of-margaret-busby-obe/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

¹²³ BEJJIT, Nourdin. Heinemann African Writers Series: history, editorship, and markets. **Logos**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 12-27, 2019.

¹²⁴ BEJJIT, Nourdin. A Colonial Affair: Heinemann Educational Books and the African Market. **Springer Science+Business Media**, Berlim, p. 01-13, abr. 2018.

¹²⁵ Disponível: <https://www.abebooks.com/Joys-Motherhood-Emecheta-B-Allison-Busby/30493076285/bd#&gid=1&pid=1>. Acesso: 21 nov. 2022.

De acordo com o marroquino Nourdin Bejjit¹²⁶, que se dedica a estudar as relações da *Heinemann Educational Books* com as publicações de literaturas africanas, a proposta de publicação de escritoras e escritores africanos pelo editor Alan Hill, vinculado à editora *Heinemann*, promoveu as literaturas africanas dentro e fora da África e compõe a história das suas materializações na segunda metade do século XX. A intenção da série era atingir os públicos leitores no continente e entrar no mercado educacional africano, já controlado por outras editoras britânicas como *Oxford University Press*, *Longman* e *Macmillan*. Um dos seus primeiros editores foi Chinua Achebe, conhecido em países da África. Para Bejjit¹²⁷, sua imagem como editor da série, em um momento das lutas anticoloniais, possibilitou que a *Heinemann* chegasse até as africanas e africanos.

Após a Segunda Guerra Mundial, nos contextos das lutas anticoloniais na África, a *Heinemann* percebeu uma possibilidade comercial de livros no continente. As livrarias em países africanos atendiam uma grande população de estudantes, contudo vendiam apenas livros didáticos. A questão colocada foi: como livros literários poderiam chegar às mãos das africanas e africanos? A resposta foi publicar obras que chamassem a atenção com um preço acessível. Assim, foram publicadas livros de ficção, não-ficção e biografias de diferentes escritores e nacionalidades. Com novas edições de obras conhecidas, traduções para o inglês do francês, árabe e outros idiomas, e edições de novas escritoras e escritores, a *African Writers Series*¹²⁸ se tornou o principal meio de publicação das literaturas africanas na segunda metade do século XX.¹²⁹

Entre 1947 e 1957, constata-se na Nigéria um aumento da população escolar, o estabelecimento de faculdades e universidades, e a construção de perspectivas nacionalistas. A *Heinemann Educational Books* elegeu como importante o mercado nigeriano, atendendo às demandas educacionais de escolas primárias, secundárias, ensino superior e pós-graduação. Em 1961, pensando em estratégias de expansões editoriais, foi aberta uma filial da empresa

¹²⁶ BEJJIT, Nourdin. A Colonial Affair: Heinemann Educational Books and the African Market. **Springer Science+Business Media**, Berlim, p. 01-13, abr. 2018.

¹²⁷ BEJJIT, Nourdin. A Colonial Affair: Heinemann Educational Books and the African Market. **Springer Science+Business Media**, Berlim, p. 01-13, abr. 2018.

¹²⁸ *African Writers Series* iniciou em 1962 por iniciativa de Alan Hill. Ao viajar para a Nigéria, em 1959, Hill percebeu que Chinua Achebe não era muito conhecido por professores, estudantes, universitários e leitores em geral. O autor, publicado pela *Heinemann* em 1958, foi o primeiro a ser publicado na série em 1962 com o mesmo livro: *O mundo se despedaça*. Cf.: BEJJIT, Nourdin. Heinemann African Writers Series: history, editorship, and markets. **Logos**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 12-27, 2019.

¹²⁹ BEJJIT, Nourdin. Heinemann African Writers Series: history, editorship, and markets. **Logos**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 12-27, 2019.

em Ibadan. No ano de 1976, a *Heinemann Educational Books Nigeria* era a principal empresa estrangeira da *Heinemann Educational Books* entre publicações locais e livros importados. Durante os anos de 1962 a 2003, cerca de 81 autoras e autores nigerianos foram publicados, o maior número entre países como Angola, Camarões, Gana, Quênia, Senegal e Sudão.¹³⁰

Tabela 1 – Mapeamento das edições de *As alegrias da maternidade* entre 1979 e 2021

Local	Ano	Editora	Idioma	Título
Londres (Inglaterra)	1979	Allison & Busby	Inglês	The Joys of Motherhood
Londres (Inglaterra)	1979	Heinemann African Writers Series	Inglês	The Joys of Motherhood
Nova York (Estados Unidos da América)	1979	George Braziller	Inglês	The Joys of Motherhood
Munique (Alemanha)	1983	Frauenbuchverlag	Alemão	Nnu Ego – Zwanzig Säcke Muschelgeld
Londres (Inglaterra)	1988	Heinemann African Writers Series	Inglês	The Joys of Motherhood
Londres (Inglaterra)	1994	Heinemann Educational Publishers	Inglês	The Joys of Motherhood
Paris (França)	1994	Gaïa	Francês	Les enfants sont une bénédiction
Nova York (Estados Unidos da América)	1999	George Braziller	Inglês	The Joys of Motherhood
Zurique (Suíça)	2002	Unionsverlag	Alemão	Zwanzig Säcke Muschelgeld
Londres (Inglaterra)	2008	Heinemann Education Books	Inglês	The Joys of Motherhood

¹³⁰ BEJJIT, Nourdin. A Colonial Affair: Heinemann Educational Books and the African Market. **Springer Science+Business Media**, Berlim, p. 01-13, abr. 2018; BEJJIT, Nourdin. Heinemann African Writers Series: history, editorship, and markets. **Logos**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 12-27, 2019.

Madrid (Espanha)	2009	Ediciones Zanzibar	Espanhol	Las delicias de la maternidad
Nova York (Estados Unidos da América)	2013	George Braziller	Inglês	The Joys of Motherhood
Porto Alegre (Brasil)	2017	TAG; Dublinense	Português	As alegrias da maternidade
Porto Alegre (Brasil)	2018	Dublinense	Português	As alegrias da maternidade
Buenos Aires (Argentina)	2021	Editorial Empatía	Espanhol	Delicias de la maternidad

Fonte: Autora do trabalho¹³¹

A tabela acima apresenta algumas circulações de *As alegrias da maternidade* através do mapeamento das edições e locais de publicação que recebeu entre 1979 e 2021, ano do início da escrita deste trabalho. Por meio dela, compreende-se, a princípio, que *As alegrias da maternidade* foi traduzido pelo menos para quatro idiomas - alemão, francês, espanhol e português -, e editado nos Estados Unidos da América, Alemanha, Suíça, França, Espanha, Brasil e Argentina. *As alegrias da maternidade* foi publicado pela *Heinemann* nos anos de 1979, 1988, 1994 e 2008. Em 1992, Buchi Emecheta apontava para as dificuldades de publicar na Nigéria e seu interesse de que suas obras fossem lidas por aquelas e aqueles que eram o tema de sua escrita. “Estou apenas dizendo que é injusto para os ocidentais apenas

¹³¹ A construção da tabela ocorreu a partir de diferentes estratégias de pesquisas online como busca em sites de vendas de livros, resenhas ou tradução do título da obra para diferentes idiomas e busca na plataforma Google. Para esquematizar a possibilidade de verificação às fontes históricas, as referências das obras estão a seguir em ordem cronológica: EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. Londres: Allison & Busby, 1979; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. Londres: Heinemann African Writers Series, 1979; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. Nova York: George Braziller, 1979; EMECHETA, Buchi. **Nnu Ego – Zwanzig Säcke Muschelgeld**. Munique: Frauenbuchverlag, 1983; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. 2 ed. Londres: Heinemann African Writers Series, 1988; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. Londres: Heinemann Educational Publishers, 1994; EMECHETA, Buchi. **Les enfants sont une bénédiction**. Paris: Gaïa, 1994; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. 2 ed. Nova York: George Braziller, 1999; EMECHETA, Buchi. **Zwanzig Säcke Muschelgeld**. Zurique: Unionsverlag, 2002; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. Londres: Heinemann Education Books, 2008; EMECHETA, Buchi. **Las delicias de la maternidad**. Madrid: Ediciones Zanzibar, 2009; EMECHETA, Buchi. **The Joys of Motherhood**. 3 ed. Nova York: George Braziller, 2013; EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: TAG Experiências Literárias; Dublinense, 2017; EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2 ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018; EMECHETA, Buchi. **Delicias de la maternidad**. Buenos Aires: Editorial Empatía, 2021.

escolher estes dois escritores quando existem outros bons escritores. Há aqui uma atitude paternalista em ação. E às vezes um nigeriano tem que vir aqui [Inglaterra] para ser reconhecido”¹³².

Emecheta percebe uma maior circulação de autores consolidados e popularizados pelo Ocidente, referindo-se aos dois escritores Chinua Achebe e Wole Soyinka¹³³, que impacta na valorização e visibilidade dentro da Nigéria. A escritora apontava que uma maneira de mudar isso era possuir suas próprias editoras, citando como exemplo Flora Nwapa. Nwapa fundou em 1977 a editora Tana Press Limited que se ocupava unicamente pela publicação dos livros da autora¹³⁴. Buchi Emecheta também tentou, na década de 1980, abrir uma editora para publicar seus livros e vendê-los na Nigéria, chamada *Ogwugwu Afor Publishing Company*. A impressão ocorria em Londres, o que tornou o processo custoso financeiramente.

[...] na situação africana, você tem que conhecer alguém para poder empurrar e se levantar. E além disso, não podemos publicar ou imprimir dentro do país, apesar de termos tantas pessoas. A impressão que é feita dentro do país depende de quem você conhece ou de alguém que está sacando seu dinheiro para imprimir seu próprio livro.¹³⁵

Para Emecheta, era difícil publicar na Nigéria pelas portas fechadas das editoras e do alto custo para abrir sua própria casa editorial. O que pode indicar para quem detinha o poder de fazer circular as obras literárias africanas, e seus critérios de seleções de escritoras e escritores, como mostra o caso das tentativas de monopolizar as publicações vindas da editora inglesa *Heinemann* por meio da *African Writers Series*.

A estratégia da autora foi vender seus livros de capa dura, de sua editora, na Inglaterra

¹³² “I am just saying that it is unfair for the Westerners just to pick out these two writers when there are other good writers. There is a patronizing attitude at work here. And sometimes a Nigerian has to come here to be recognized.” EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 90.

¹³³ O igbo nigeriano Chinua Achebe (1930-2013) é considerado o primeiro escritor a ter sua obra publicada na Inglaterra, *O mundo se despedaça* (1958). Por sua vez, Wole Soyinka (1934-), yorubá nigeriano, foi o primeiro escritor negro a conquistar, em 1986, o Prêmio Nobel de Literatura. Cf.: GIKANDI, Simon (org.). **Encyclopedia of African literature**. Londres; Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

¹³⁴ CASSIANO, Tathiana C. S. A. . “[...] **Vai haver outra guerra, a guerra das mulheres**”: o protagonismo das mulheres Igbos na escrita literária de Flora Nwapa (Nigéria 1960). 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História- PROFHISTÓRIA), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

¹³⁵ “[...] in the African situation, you have to know somebody to be able to push and stand up. And on top of that, we can not publish or print inside the country, even though we have so many people. The printing that is done inside the country depends on who you know or on someone pulling out his money to print his own book.” EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 90.

e conseguir doar outros para bibliotecas nigerianas, assim como possibilitar a produção deles em audiolivros para serem compartilhados entre pessoas no país, principalmente em Ibuza¹³⁶. Parece que a ação de abrir sua própria editora na Nigéria também utilizada por Sefi Atta, que conheceremos a seguir, não é uma novidade na história das publicações e circulações de escritoras nigerianas.

3.2 SEFI ATTA: TECEDORA DE HISTÓRIAS

Eu uso minha memória de lugares, acontecimentos e pessoas. Eu teço a história em minhas histórias, mas minhas narrativas são inventadas.¹³⁷
(Sefi Atta)

Em algum dia da década de 1960, em Lagos, o escultor e pintor Ben Enwonwu¹³⁸ teve um encontro agradável com os amigos Iyabo Atta e Abdul Aziz Atta, e sua pequena filha. Ao lado do casal, a criança olhava admirada as obras de Enwonwu, levando consigo as marcas daqueles encontros. Sefi Atta, naquele momento, vivia sua infância em uma família de prestígio social, moradora do bairro de Ikoyi, em Lagos, marcado pela presença de funcionários públicos. Seu pai, Abdul Aziz Atta, era Secretário do Governo Federal da Casa Civil do governo militar do General Yalabu Gowon (1966-1975). Muçulmano não praticante, de origem do Norte, era filho de um chefe do povo igbirra. Quando ele faleceu, em 1972, Sefi Atta estava com oito anos de idade. A partir dali, ela foi criada, junto com seus quatro irmãos, pela sua mãe, Iyabo Atta, yorubá, do Sul e cristã.¹³⁹

¹³⁶ EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 82-99.

¹³⁷ “I use my memory of settings, events and people. I weave history into my stories, but my narratives are made up.” ATTA, Sefi. Sefi Atta, The Per Contra Interview. [Entrevista concedida a] Mirian N. Kotzin. **Per Contra: An international journal of the arts, literature, and ideas**, Filadélfia, ed. 18, 2010. Disponível em: <http://www.percontra.net/archive/18attainterview.htm>. Acesso em: 29 jun. 2022.

¹³⁸ Ben Enwonwu (1918-1994), foi um influente artista nigeriano do século XX. Um dos primeiros a ser iniciado em técnicas europeias, estudou em Londres e teve como uma de suas patronas a Rainha Isabel II. Produziu suas obras inspirado por plurais percepções e materializações de mundos da África em (de)encontros com as coloniais, atribuindo sentidos e traços próprios de artes a partir de parâmetros endógenos africanos. Cf.: OGBECHIE, Sylvester O.. Ben Enwonwu: aesthetics and artistic identity in modern nigerian art. **Nka: Journal of Contemporary African Art**, Durham, n. 16/17, p. 24-31, 2002.

¹³⁹ ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. *English in Africa*, Grahamstown, v. 34, n. 2, p. 123-131, out. 2007; ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

Esse casal que possuía laços com grupos culturais e sociais em regiões distintas da Nigéria, ouviam jazz, soul e juju, possuíam uma biblioteca em casa, frequentavam ambientes em que se relacionavam com políticos e artistas nigerianos, proporcionando a Sefi Atta relações com diferentes pessoas, de lugares e culturas plurais. Sua filha veio ao mundo apenas quatro anos após a independência do país, em 1964. “Muitos escritores nigerianos que conheço sentem que são yorubás, igbos ou qualquer outra coisa, mas na verdade me sinto nigeriana e isso aparece na minha escrita”¹⁴⁰.

Chamada de Sefi Atta, mesmo nome de uma de suas tias, foi uma criança que nasceu na Nigéria em que seus pais foram protagonistas de lutas anticoloniais. Sem entender as histórias que teciam a sua própria vida, em sua infância presenciou, de longe, um momento traumático da história da Nigéria: a Guerra civil-Biafra (1967-1970). Somente a partir de um livro sobre a história da guerra civil nigeriana, encontrado na biblioteca de seus pais, Sefi Atta conheceu mais a fundo a sua própria história anos depois. Sua mãe costumava ficar em silêncio sobre o evento em que perdera seu cunhado, o poeta Christopher Okigbo¹⁴¹, que lutou na guerra ao lado dos biafrenses.¹⁴²

Nasci quatro anos depois da independência, depois tivemos a guerra civil, seguida por uma sucessão de golpes militares. O General Gowon, que foi chefe de Estado durante a guerra civil, era o chefe de meu pai. Não sei que idade tinha quando soube que o marido de minha tia, o poeta Christopher Okigbo, foi morto lutando por Biafra. Eu tinha doze anos durante o golpe de 1975, quando o general Murtala Mohammed foi assassinado. Sua filha e eu éramos colegas de classe no Queen's College. Minha infância foi uma época épica na Nigéria, e eu tinha todas essas conexões pessoais com nossa história política.¹⁴³

¹⁴⁰ “Many Nigerian writers I meet feel that they are Yoruba, Igbo or something else, but I actually feel Nigerian and it comes out in my writing.” ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, out. 2007, p. 123.

¹⁴¹ Christopher Okigbo (1932-1967), foi um poeta nigeriano que alcançou visibilidades na década de 1960. Entre seus principais temas poéticos, estavam a independência nigeriana e nacionalismo. Cf.: GIKANDI, Simon (org.). **Encyclopedia of African literature**. Londres; Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

¹⁴² ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

¹⁴³ “I was born four years after independence, then we had the civil war, followed by a succession of military coups. General Gowon, who was head of state during the civil war, was my father’s boss. I don’t know how old I was when I learned that my aunt’s husband, the poet Christopher Okigbo, was killed fighting for Biafra. I was twelve during the coup of 1975, when General Murtala Mohammed was assassinated. His daughter and I were classmates at Queen’s College. My childhood was an epic time in Nigeria, and I had all these personal connections to our political history.” ATTA, Sefi. Sefi Atta, The Per Contra Interview. [Entrevista concedida a] Mirian N. Kotzin. **Per Contra: An international journal of the arts, literature, and ideas**, Filadélfia, ed. 18, 2010. Disponível em: <http://www.percontra.net/archive/18attainterview.htm>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Dos 10 aos 14 anos de idade, ela viveu a história política da Nigéria dentro do prestigioso colégio interno para meninas em Lagos, o *Queen's College*. Ali, além de ter como colega uma das filhas do general Murtala Mohammed, sucessor do General Yakubu Gowon, conheceu as diversidades do seu país através das colegas, como ocorre com a protagonista de seu livro *Tudo de bom vai acontecer*, Enitan Taiwo. Após a sua passagem pelo Queen's College, Sefi Atta mudou-se para a Inglaterra. Entre os 14 aos 18 anos esteve na Escola Millfield, em Somerset, depois foi para a Universidade de Birmingham, graduando-se em contabilidade. Formada, retornou a Nigéria, trabalhando em alguns bancos. Em 1988, voltou para a Inglaterra e em 1994 foi para os Estados Unidos da América, lugar em que reside.¹⁴⁴

Em algum desses momentos, casou-se com o médico nigeriano Gboyega Ransome-Kuti, pertencente a família ativista do cantor Fela Kuti¹⁴⁵. Em 1997, começou a escrever; 2001 foi o ano que obteve um mestrado em escrita criativa na *Antioch University*, Los Angeles¹⁴⁶. Publicou nos Estados Unidos da América seu primeiro romance no ano de 2004: *Tudo de bom vai acontecer*¹⁴⁷.

¹⁴⁴ ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, p. 123-131, out. 2007; ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

¹⁴⁵ Fela Kuti (1938-1997) foi um músico e compositor nigeriano, um dos criadores do gênero musical Afrobeat. Ativista social anticolonial, suas músicas são protestos contra coloniais e críticas aos regimes militares nigerianos das décadas de 1970 e 1980. Cf. LABINJOH, Justin. Fela Anikulapo-Kuti: protest music and social processes in Nigeria. **Journal of Black Studies**, Newbury Park, v. 13, n. 01, p. 119-134, 1982.

¹⁴⁶ ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, p. 123-131, out. 2007.

¹⁴⁷ Sefi Atta possui os seguintes trabalhos publicados, e ainda não traduzidos para o português: os romances *Swallow* (2010), *A Bit of Difference* (2013) e *The Bead Collector* (2019) e seu mais recente trabalho *The Bad Immigrant* (2021); o livro de pequenas histórias *News from Home* (2010) e *Drama Queen* (2018) para crianças; e a coletânea de peças intitulada *Sefi Atta: Selected Plays* (2019). *Swallow* recebeu uma adaptação cinematográfica pela Netflix, de mesmo nome, lançada em outubro de 2021, com direção de Kunle Afolaya. *The Bad Immigrant* é o primeiro romance de Atta que se desloca da Nigéria e trata sobre a vida de um imigrante nos Estados Unidos da América.

Figura 5 – Sefi Atta



Fonte: Site PerContra¹⁴⁸.

Escrito em inglês, *Tudo de bom vai acontecer* é dividido em tempos que acompanham a vida da narradora-protagonista Enitan Taiwo na Nigéria: 1971, 1975, 1985 e 1995¹⁴⁹. Períodos marcados por sucessivos golpes militares e perseguições políticas, Sefi Atta pretendeu falar sobre as mulheres nigerianas consideradas privilegiadas, aquelas com que convivia, de uma maneira a criticar o alcance de tais prestígios em uma sociedade marcada por hierarquias e imposições sociais as mulheres, percebida como subalterna por olhares e poderes norte/eurocentrados. Nas suas palavras, ela diz: “[...] eu precisava registrar o que tinha visto e vivenciado porque as mulheres ao meu redor eram consideradas privilegiadas e não me pareciam privilegiadas”¹⁵⁰.

É preciso ressaltar, então, as diferenças entre a sua trajetória de vida e a de Buchi Emecheta. Não se pode deixar de lado que as duas autoras provêm de classes sociais distintas na Nigéria, além de seus tempos, e isso, de alguma maneira, impacta as suas escritas. Tomo como exemplo as personagens principais das obras analisadas neste trabalho. Na obra de

¹⁴⁸ Disponível: <http://www.percontra.net/archive/18attainterview.htm>. Acesso: 21 nov. 2022.

¹⁴⁹ Está é a principal divisão do livro. Entre a indicação de cada ano não há outras subdivisões como capítulos.

¹⁵⁰ “I needed to record what I had seen and experienced because the women around me were considered privileged and they did not seem privileged to me.” ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. *English in Africa*, Grahamstown, v. 34, n. 2, out. 2007, p. 125.

Emecheta, Nnu Ego é constantemente atravessada pela fome e labutas diárias para conseguir sobreviver na Lagos colonial. No romance de Atta, Enitan é uma jovem advogada que passa por experiências de censura e violências provindas dos regimes militares. Seu pai, também advogado, em algum momento da narrativa se torna um preso político. Fazer tais reflexões não anulam as potencialidades das duas escritoras, por outro lado, aponta para as complexidades, fluxos históricos, desigualdades e problemáticas da Nigéria a partir de dentro.

Ao escrever de uma perspectiva que evidencia os problemas infligidos as mulheres estabelecidas economicamente dentro da Nigéria, sem perder de perspectiva os cenários políticos, Sefi Atta retrata em *Tudo de bom vai acontecer* os silêncios e violências que estruturam as vidas nigerianas.

Acho que as pessoas da geração de meus pais estão mais silenciosas sobre a guerra [Guerra civil-Biafra]. Foi um trauma até mesmo para aqueles que estavam longe da frente de batalha. Eles ainda vivenciaram um trauma de consciência. É verdade, as discussões públicas sobre a guerra são mais como rixas amargas, e não consigo imaginar como ensinaremos algo sobre o qual ainda não podemos falar racionalmente. Mas não se trata apenas de Biafra.¹⁵¹

Trata-se de escrever sobre os inúmeros silêncios que persistem na Nigéria. Os silêncios sobre as ditaduras militares que marcam a segunda metade do século XX no país, e a volta, no século XXI, mesmos militares eleitos de maneira popular no regime civil¹⁵². As crises socioambientais causadas pelas companhias petrolíferas na região do Delta, controladas por elites locais em negociações com capitais estrangeiros, as permanentes disputas políticas a partir de critérios de comunidade de pertencimento, origem e região¹⁵³. Como pano de fundo da obra estão os períodos das ditaduras militares. Através das histórias que marcaram a sua própria e daqueles com quem conviveu, Sefi Atta chama atenção para os problemas sociais,

¹⁵¹ “I think that people of my parents’ generation are more silent about the war. It was a trauma even for those who were far from the battlefield. They still experienced a trauma of conscience. Granted, public discussions about the war are more like bitter brawls, and I can’t imagine how we will teach anything we still can’t talk about rationally. But it’s not just Biafra.” ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. *iNigerian*, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022

¹⁵² Olusegun Obasanjo governou o país em dois momentos. Como governo militar de 1976 a 1979 (três anos) e na Quarta República (1999-), eleito popularmente, de 1999 a 2007 (oito anos). Por sua vez, Muhammadu Buhari, atual presidente da Nigéria (2015-), já esteve no poder por aproximadamente dois anos como Major-General no governo militar de 1983-1985. Cf.: OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

¹⁵³ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008; MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Petrópolis: Vozes, 2019.

econômicos e políticos que ainda persistiam na Nigéria quando escreveu *Tudo de bom vai acontecer*, os primeiros anos de 2000.

Ao publicar sua primeira obra nos Estados Unidos da América precisou se posicionar criticamente aos incentivos editoriais em que retratasse a África imaginada pelo Ocidente. Foi constantemente questionada sobre os significados do seu romance, sendo pressionada a fazer diversas explicações sobre a sua escrita, os sentidos e traduções culturais. Contudo, Sefi Atta se recusou “[..] a fazer concessões básicas como explicar cada detalhe mundano relacionado à Nigéria, até fazer concessões maiores como contar histórias que atendem às expectativas estereotipadas fora da África”¹⁵⁴.

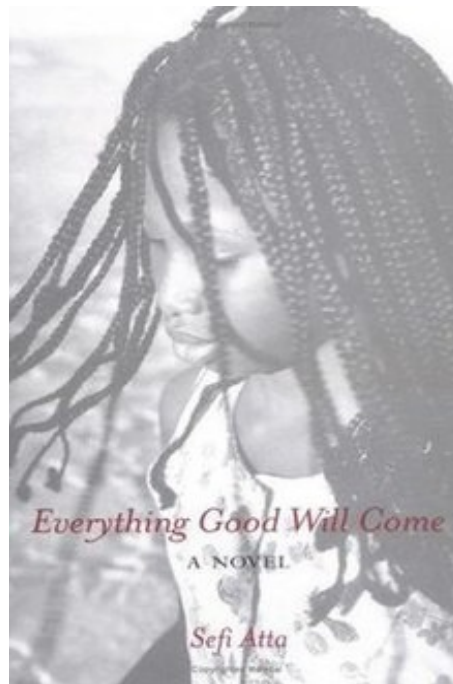
A editora independente norte-americana *Interlink Books* aborreceu Sefi Atta ao utilizar na capa de *Tudo de bom vai acontecer* uma menina negra com um penteado que não era utilizado por Enitan na Nigéria dos anos 1970.

A capa da edição americana de *Tudo de bom* mostra uma jovem com tranças. Ela tem extensões que não existiam na época em que Enitan era uma jovem garota. Enitan nunca teria feito seu cabelo assim e era só óbvio para mim que a garota era americana. Eu acho que eles pensavam que ela parecia africana porque seus lábios estavam meio cheios. Mais tarde descobri que ela também é a garota de um anúncio de um xampu anticaspa. Eu estava aqui nesta livraria procurando em revistas quando descobri isso. Minha editora na Nigéria disse imediatamente que eu não estava tendo esse tipo de capa: uma que diz étnica, negra e mulher.¹⁵⁵

¹⁵⁴ “[...]making basic concessions like explaining every mundane detail relating to Nigeria, to making larger concessions like telling stories that fulfill stereotypical.” ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

¹⁵⁵ “The front cover of the US edition of *Everything Good* shows a young girl with braids. She has extensions that didn't exist at the time Enitan was a young girl. Enitan would never have done her hair like that and it was só obvious to me that the girl was American. I think they thought she looked African because her lips are kind of full. I later discovered that she is also the girl in an advertisement for an anti-dandruff shampoo. I was here at this bookstore looking through magazines when I discovered that. My publisher in Nigeria immediately said I was not having that kind of a front cover: one that says ethnic, black, and woman.” ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, out. 2007, p. 128.

Figura 6 – Edição de *Tudo de bom vai acontecer* nos Estados Unidos da América pela Interlink Books em 2004



Fonte: *Site Sefi Atta*¹⁵⁶.

Sefi Atta reconhece as dificuldades de movimentos criativos dentro dos Estados Unidos, marcado pelas desigualdades e segregações raciais, em que suas histórias devem corresponder às narrativas que falem sobre dores, tragédias e faltas. Por outro lado, a Nigéria das leitoras e leitores de Atta é a de mulheres e homens que vivem em cidades urbanizadas, vestem jeans e roupas tradicionais africanas, são advogadas, jornalistas, secretárias, cozinheiras e ganhadoras de concurso de beleza. “As pessoas que compram meu livro na Nigéria são pessoas que podem comprar o livro, pessoas educadas e profissionais que se cansam de ler histórias que negam suas experiências”¹⁵⁷.

Atta cria personagens que constroem vínculos com as múltiplas culturas nigerianas, são socializadas em percepções yorubas e igbos, em contato com diversos grupos de pertencimento, e consomem marcas do capitalismo moderno/colonial. Assim, possuem percepções próprias sobre modos de sentir, pensar e fazer dentro de suas casas, nas ruas, nos mercados, nos escritórios e universidades. De acordo com a autora:

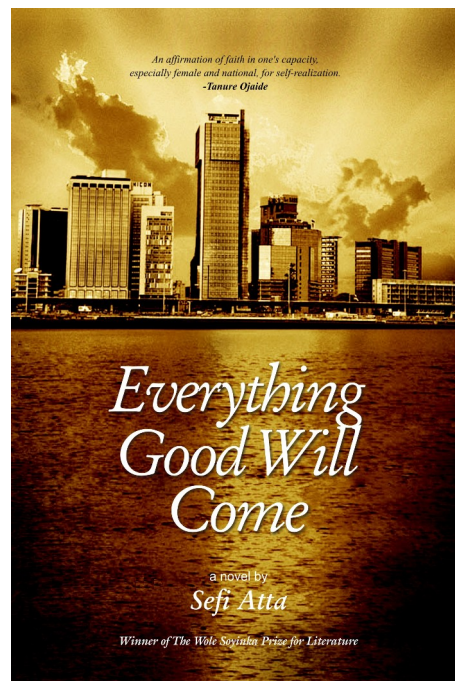
¹⁵⁶ Disponível: <http://www.sefiatta.com/everything.html>. Acesso: 21 nov. 2022.

¹⁵⁷ “People who buy my book in Nigeria are people who can afford to buy the book, people who are educated and professional and they get tired of reading stories that negate their experiences.” ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. *English in Africa*, Grahamstown, v. 34, n. 2, out. 2007, p. 127.

É muito importante para eu escrever sobre experiências que me são familiares - as histórias do dia a dia. As pessoas ainda têm a visão de que a África é apenas um continente pobre e faminto de vilarejos que sofrem constantemente com a seca, então minhas histórias têm que ter um senso de perspectiva e dimensão, não importa a história que eu esteja contando.¹⁵⁸

Em 2005, *Tudo de bom vai acontecer* foi publicada na Nigéria pela Farafina, mesma editora do livro *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozie Adichie. Na capa está o horizonte da urbana Lagos em que Sefi Atta constrói narrativas de identidades que atravessam as histórias das mulheres daquele lugar.

Figura 7 – Edição de *Tudo de bom vai acontecer* na Nigéria pela Farafina em 2005



Fonte: Site Farafina¹⁵⁹.

Além da Farafina publicar *Tudo de bom vai acontecer*, é provável que a obra foi editada e publicizada por uma empresa da própria Sefi Atta, em 2011, a A.A.A. Press¹⁶⁰ e que

¹⁵⁸ “It's very important for me to write about experiences that I am familiar with - the everyday stories. People still have the view that Africa is just a poor, starving continent of villages that constantly suffer from droughts, so my stories have to have a sense of perspective and dimension, no matter what story I am telling.” ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, out. 2007, p. 127.

¹⁵⁹ Disponível: <https://farafinabooks.wordpress.com/2010/10/08/a-review-of-everything-good-will-come/>. Acesso: 21 nov. 2022.

¹⁶⁰ A informação é possível de ser apurada no endereço eletrônico: <https://nigeria24.me/aaa-press-limited>. Acesso em: 08 fev. 2022.

divulga os seus livros no país. Foi possível também mapear algumas publicações que apontam para a circulação de suas obras, investimentos pessoais e coletivos para chegar até leitores diversos que passam por países como Estados Unidos da América, Nigéria, Espanha, França, Suíça e Brasil, presente na tabela abaixo.

Tabela 2 – Mapeamento das edições de *Tudo de bom vai acontecer* entre 2004 e 2021

Local	Ano	Editora	Idioma	Título
Northampton (Estados Unidos da América)	2004	Interlink Books	Inglês	Everything Good Will Come
Lagos (Nigéria)	2005	Farafina Books	Inglês	Everything Good Will Come
Northampton (Estados Unidos da América)	2007	Interlink Books	Inglês	Everything Good Will Come
Barcelona (Espanha)	2008	Icaria	Espanhol	Todo lo bueno llegará
Arles (França)	2009	Actes Sud	Francês	Le meilleur reste a venir
Lagos (Nigéria)	2011	A. A. A. Press	Inglês	Everything Good Will Come
Rio de Janeiro (Brasil)	2013	Record	Português	Tudo de bom vai acontecer
Zurique (Suíça)	2015	Unionsverlag	Alemão	Sag allen, es wird gut!
Rio de Janeiro (Brasil)	2020	TAG; Record	Português	Tudo de bom vai acontecer

Fonte: Autora do trabalho¹⁶¹

Há um ponto que gostaria de elencar para reflexão presente na tabela anterior. Ele aponta para um movimento de auto publicação que Sefi Atta faz ao criar uma editora na Nigéria para publicar as suas obras em inglês. Aí se encontra esforços para a publicação, possibilitando a circulação e visibilidade do trabalho intelectual de Atta no seu país. Reflexão que pode ser ampliada para o caso de Buchi Emecheta exposto no tópico anterior.

É possível estabelecer laços entre esses esforços e o que Conceição Evaristo relata sobre as lutas de mulheres negras brasileiras para publicarem suas obras. Para a escritora, ser publicada é ser compreendida como alguém que produz conhecimento, e completa afirmando que “[...] para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político”¹⁶². Assim, é necessário encontrar diferentes maneiras de publicar, disputando espaços para que seja possível mostrar suas narrativas de uma maneira que as visibilize e valorize, desde a produção física da obra a maneira como circula e para quem se dirige.

A partir disso, Sefi Atta apresenta seu movimento para alcançar leitoras e leitores ao proporcionar sua própria publicação onde se encontra seu maior público leitor¹⁶³, estando mais próxima dos processos de colocar seu trabalho para circular. Ao assumir essa atividade, é plausível refletir que Sefi Atta, e também Buchi Emecheta e Ayòbámi Adébáyò, que vem a seguir, estão comprometidas em publicar suas obras para aquelas e aqueles para quem escreve e que são sua fonte de inspiração artística, as mulheres e homens da Nigéria.

¹⁶¹ Semelhante abordagem realizada para o mapeamento da tabela de circulação da obra *As alegrias da maternidade* foi utilizada para construir a tabela sobre *Tudo de bom vai acontecer*. Assim, reitero a possibilidade de estar aberto a modificações, reconhecendo seus limites de abrangência. Da mesma forma que anteriormente realizado, as referências das obras estão a seguir em ordem cronológica: ATTA, Sefi. **Everything Good Will Come**. Northampton: Interlink Books, 2004; ATTA, Sefi. **Everything Good Will Come**. 2 ed. Northampton: Interlink Books, 2007; ATTA, Sefi. **Everything Good Will Come**. Farafina Books: Lagos, 2005; ATTA, Sefi. **Todo lo bueno llegará**. Barcelona: Icaria, 2008; ATTA, Sefi. **Le meilleur reste a venir**. Paris: Actes Sud, 2009; ATTA, Sefi. **Everything Good Will Come**. A. A. A. Press: Lagos, 2011; ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013; ATTA, Sefi. **Sag allen, es wird gut!**. Zúrique: Unionsverlag, 2015; ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

¹⁶² EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. [Entrevista concedida a] Djamilá Ribeiro. **CartaCapital**, São Paulo, maio 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

¹⁶³ ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, p. 123-131, out. 2007.

3.3 AYÒBÁMI ADÉBÁYÒ: SEMEADORA DE DÚVIDAS

Eu acho que se você quiser, realmente, se destacar como escritora, se retirar da história, as suas preocupações sempre vão perpassar aqueles personagens. As perguntas que você faz a você mesma acabam aparecendo no seu romance.¹⁶⁴
(Ayòbámi Adébáyò)

No meio de suas tias, a pequena Ayòbámi Adébáyò escutou de maneira curiosa o mundo daquelas mulheres, seus problemas, angústias e críticas. Naquele lugar, começava a compreender lentamente o que seria esperado dela nesta comunidade e a gestar dúvidas sobre as ideias já estabelecidas e transmitidas por gerações.

Minha mãe tem muitas irmãs. Elas tiveram conversas muito, muito interessantes. Como eu era uma criança tranquila, eu sentava na sala e ouvia estas histórias. Acho que desenvolvi uma curiosidade sobre a vida de outras pessoas a partir disso, e um interesse em olhar o que estava por baixo da camada de pessoas presentes em público.¹⁶⁵

Distante de recusar a sua comunidade, Ayòbámi Adébáyò busca, por meio da sua escrita, apresentar e cultivar maneiras de não se deixar sufocar por ela. Filha da médica Olusola Famurewa e de Adebayo Famurewa, cresceu em casas repletas de livros de uma família de leitoras e leitores que moraram nas cidades nigerianas, com intensa presença de yorubás, Lagos, local de seu nascimento em 1988, Ilesa e Ifé-Ifé¹⁶⁶. Ilesa é o lugar de suas memórias de infância, em que aprendeu a sua língua materna: yorubá ijeshá¹⁶⁷. Sobre Ilesa, ela diz que:

¹⁶⁴ Ayòbámi Adébáyò, Flip 2019. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò dublado. 1h14min55s. <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>

¹⁶⁵ "My mother has a lot of sisters. They had very, very interesting conversations. Because I was a quiet child, I would sit in the room and listen to these stories. I think I developed a curiosity about the life of other people from that, and an interest in looking at what was lying beneath the layer of what people present in public." ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Great expectations: an interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Patrik Henry Bass. **The Paris Review**, Nova York, 08 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/08/08/great-expectations-interview-ayobami-adebayo/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

¹⁶⁶ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Stay with me insisted on being written – Adábáyò. [Entrevista concedida a] Nigerian Tribune. **Nigerian Tribune**, Ibadan, 01 set. 2019. Disponível em: <https://tribuneonlineng.com/stay-with-me-insisted-on-being-written-adebayo/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

¹⁶⁷ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Stay with me insisted on being written – Adábáyò. [Entrevista concedida a] Nigerian Tribune. **Nigerian Tribune**, Ibadan, 01 set. 2019. Disponível em: <https://tribuneonlineng.com/stay-with-me-insisted-on-being-written-adebayo/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

É a minha casa, e é um lugar que quero ver cada vez mais na literatura. Essa era uma das coisas que eu queria fazer com este livro [*Fique Comigo*]; escrever sobre este lugar que significa muito para mim. Nasci em Lagos e depois a minha família mudou-se para Ilesa. Passei uns cinco anos lá antes de nos mudarmos novamente. Meus anos de formação quando criança, quando você está aprendendo a linguagem, foi nesse ambiente [...]¹⁶⁸

No convívio diário com livros das bibliotecas das escolas católicas que frequentou e aqueles de seus pais, e da presença yorubá, construída no trânsito com outras, Ayòbámi Adébáyò aos treze anos era leitora de Wole Soyinka. Aos dezesseis colecionava cadernos em que escrevia suas próprias histórias e escolheu o curso que frequentaria na universidade pública Obafemi Awolowo, em Ifé-Ifé: Literatura Inglesa.¹⁶⁹

Figura 8 – Ayòbámi Adébáyò



Fonte: Tomiwa Ajayi¹⁷⁰

¹⁶⁸ “It’s home, and it’s a place that I want to see more and more in literature. That was one of the things I wanted to do with this book; to write about this place that means a lot to me. I was born in Lagos, and then my family moved to Ilesa. I spent like five years there before we moved again. My formative years as a child, when you are picking up language, was in that environment [...]” ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Stay with me insisted on being written – Adábáyò. [Entrevista concedida a] Nigerian Tribune. **Nigerian Tribune**, Ibadan, 01 set. 2019. Disponível em: <https://tribuneonlineng.com/stay-with-me-insisted-on-being-written-adebayo/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

¹⁶⁹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Great expectations: an interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Patrik Henry Bass. **The Paris Review**, Nova York, 08 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/08/08/great-expectations-interview-ayobami-adebayo/>. Acesso em: 01 nov. 2022; ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Riley Mang. **The Los Angeles Review**, Los Angeles, 2018. Disponível em: <https://losangelesreview.org/interview-ayobami-adebayo-2/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

¹⁷⁰ Disponível: <http://www.ayobamiadebayo.com/media-room/>. Acesso: 21 nov. 2022.

Quase ao final de seu curso, aos dezenove anos, participou de uma oficina sobre escrita literária que tinha como professora Chimamanda Ngozie Adichie¹⁷¹, a famosa escritora que, como Wole Soyinka e Chinua Achebe, segundo Adébáyò, estava presente em todas as livrarias na Nigéria¹⁷². Buchi Emecheta e Sefi Atta também constam nas suas referências literárias¹⁷³. É possível estabelecer relações entre a obra de Atta e Adébáyò no que tange, para além de alguns temas mobilizadores, às narrativas de identidades a partir de mulheres nigerianas urbanas da classe média nas obras analisadas neste trabalho.

No início de 2008 Ayòbámi Adébáyò começou a criar os personagens que daria vida em sua primeira obra: *Fique Comigo*¹⁷⁴. Em 2010, já graduada e mestre em literatura inglesa, trabalhava em um banco em Lagos. As rotinas de trânsito congestionado para ir ou voltar do trabalho ofereciam a oportunidade para pensar ideias literárias. Essas ideias foram anotadas no celular, passadas para o computador nos finais de semana e guardadas até o momento que viajou para a Inglaterra para cursar o mestrado em escrita criativa na Universidade de East Anglia, construindo-se no romance publicado em 2017 na Inglaterra.¹⁷⁵

¹⁷¹ Escritora nigeriana aclamada internacionalmente, com tradução para mais de 30 idiomas. Seu TED Talk, feito em 2009, *O perigo da história única* é um dos mais vistos da história do TED Talk. Cf.: BUSBY, Margaret (org.). **New Daughters of Africa**: an international anthology of writing by women of african descent. Amistad: Nova York, 2019.

¹⁷² ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Great expectations: an interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Patrik Henry Bass. **The Paris Review**, Nova York, 08 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/08/08/great-expectations-interview-ayobami-adebayo/>. Acesso em: 01 nov. 2022; ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Ayòbámi Adébáyò: ‘We should decide for ourselves what happiness looks like’. [Entrevista concedida a] Alice O’Keeffe. **The Guardian**, Londres, 26 fev. 2017a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/feb/26/ayobami-adebayo-nigerian-author-stay-with-me-interview-family-children-happiness>. Acesso em: 09 fev. 2022.

¹⁷³ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Great expectations: an interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Patrik Henry Bass. **The Paris Review**, Nova York, 08 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/08/08/great-expectations-interview-ayobami-adebayo/>. Acesso em: 01 nov. 2022; ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Riley Mang. **The Los Angeles Review**, Los Angeles, 2018. Disponível em: <https://losangelesreview.org/interview-ayobami-adebayo-2/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

¹⁷⁴ Além de *Fique Comigo* a Adébáyò é autora de *A spell of good things* (2023).

¹⁷⁵ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Ayòbámi Adébáyò: ‘We should decide for ourselves what happiness looks like’. [Entrevista concedida a] Alice O’Keeffe. **The Guardian**, Londres, 26 fev. 2017a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/feb/26/ayobami-adebayo-nigerian-author-stay-with-me-interview-family-children-happiness>. Acesso em: 09 fev. 2022.

Os tempos e espaços de *Fique Comigo*¹⁷⁶ entrelaçam-se com a trajetória de Ayòbámi Adebáyò. Os personagens principais Yejide e Akin são retratados em suas vidas na Nigéria nas cidades de Jos e Ilesa de 1985 até 2008. Principalmente, é na década de 1980, com as ditaduras militares, violações de direitos, resistências e silenciamentos, que está a atenção da escritora. Esse é o período de seus primeiros passos no mundo, conhecido através de incessantes pesquisas bibliográficas e das histórias que conseguia capturar nas conversas e memórias de seus mais velhos. Nas palavras da escritora:

Sempre me interessei pelo passado da Nigéria e ainda estou muito interessada nas coisas que aconteceram nos anos 80 e 70 porque acho que foram anos importantes para a Nigéria. Nos anos 80, estivemos sob ditadura militar por um bom tempo. E acho que a maneira como nos relacionamos com nosso país como cidadãos foi moldada de várias maneiras pelos eventos que ocorreram naquela época. Infelizmente, não são coisas que discutimos com muita frequência, sabe? Então é um período que sempre me interessou porque acho que pode nos ajudar a entender a Nigéria mesmo agora.¹⁷⁷

Fique Comigo trata de temas que ajudam a entender a Nigéria a partir de leituras e críticas de Adébáyò sobre os seus passados que apontam para questionamentos sobre relações de poder, hierarquias e práticas sociais vivenciadas pela autora no século XXI, como o papel da maternidade como definidora do valor social de uma mulher na Nigéria. A história narra a partir de Yejide e Akin suas dificuldades em terem filhos biológicos e a imposição de suas famílias para que isso aconteça. Yejide, após quatro anos com Akin, presencia a pressão familiar pelo casamento de seu marido com outra mulher em razão da não vinda do primogênito. Além de não conseguir realizar seu papel social da maternidade, Yejide necessita lidar com a poligamia, mesmo não concordando com a decisão.¹⁷⁸

¹⁷⁶ O livro está dividido em Parte 1, com 09 capítulos, numerados de 01 a 09. Os personagens que narram podem mudar de um capítulo para outro entre Yejide e Akin, e entre eles há alguns capítulos (não a maioria) em que o tempo é 2008. O mesmo acontece para a Parte 2, com 21 capítulos, numerados de 10 a 30, Parte 3, com 09 capítulos, numerados de 31 a 30. Por fim, na Parte 4, que se passa todo em 2008, há 03 capítulos, numerados de 40 a 42.

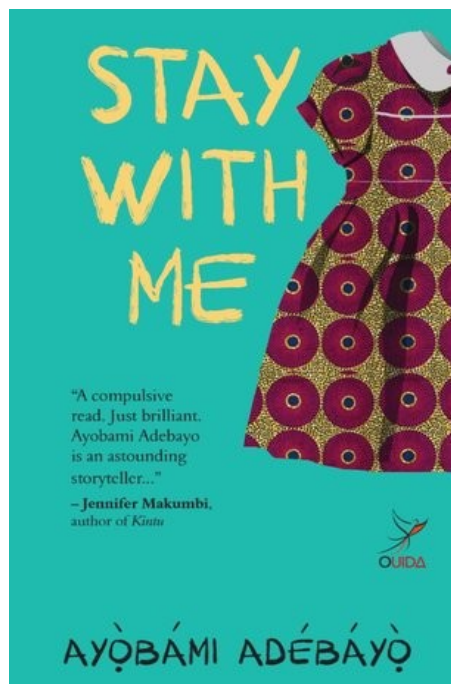
¹⁷⁷ “I had always been interested in Nigeria's past and still very interested in things that happened in the '80s and the '70s because I think that they were important years for Nigeria. In the '80s, we were under military dictatorship for quite a while. And I think that the way we engage with our country as citizens was shaped in many ways by the events that took place in that time. Unfortunately, they are not things that we discussed very often, you know? So it's a period of time that I've always been interested in because I think that it can help us to understand Nigeria even right now.” ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. 'Stay with me' is a novel of commitment, culture and the struggle to conceive. [Entrevista concedida a] Scott Simon. **NPR**, Washington, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/08/19/544533403/stay-with-me-is-a-novel-of-commitment-culture-and-the-struggle-to-conceive>. Acesso em: 01 nov. 2022.

¹⁷⁸ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique Comigo**. 2.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

O primeiro romance de Adébáyò foi recebido pelo mercado editorial com intensa visibilidade, traduzido para diversos idiomas - como alemão, espanhol, árabe -, entre os anos de 2017 e 2018. Para citar algumas delas e seus respectivos países: Canongate (Inglaterra), Ouida Books (Nigéria), Kwani? (Quênia), Piper Verlag (Alemanha), ARThur/Inaque (Eslováquia), Finnish (Grécia), Achuzat Bayit (Israel), Dar Al Muna (Jordânia)¹⁷⁹. É interessante perceber as traduções realizadas em países de tradições judaica e muçulmana fora do Ocidente, como em Israel e na Jordânia, que marcam as potências identificações e aproximações que podem ser construídas desde outro lugar além do Ocidente, a Nigéria.

Fique comigo é uma obra recente temporalmente ao compará-la as outras duas colocadas em evidência neste trabalho. Assim, para tratar de sua circulação, pensamos os romances juntos a partir do caso de seus trânsitos no Brasil

Figura 9 – Edição de *Fique comigo* na Nigéria pela Ouida Books em 2017



Fonte: Site Ayòbámi Adébáyò¹⁸⁰.

Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò compõem o catálogo de edições especiais para assinantes da TAG Experiências Inéditas, um clube de livro com sede na cidade de Porto Alegre, feitas a partir de parcerias com editoras diferentes. É possível ler uma rede

¹⁷⁹ As editoras, e idiomas, podem ser obtidos no site oficial da autora. O endereço eletrônico do site é <http://www.ayobamiadebayo.com/>. Acesso em 09 fev. 2022.

¹⁸⁰ Disponível: <http://www.ayobamiadebayo.com/media-room/>. Acesso: 21 nov. 2022.

de referenciação dessas autoras que influencia na circulação no país. Chimamanda Ngozie Adichie, escritora nigeriana com diversas obras publicadas no Brasil, foi a curadora da primeira publicação de Buchi Emecheta¹⁸¹. A segunda edição de Sefi Atta foi indicada pela TAG por Ayòbámi Adébéyò, em 2020, quando essa já tinha sido recepcionada no Brasil no ano de 2018¹⁸².

Figura 10 – Edições de *As alegrias da maternidade* publicadas no Brasil. Nas imagens estão as edições da TAG Experiências literárias (a esquerda); Dublinense (a direita), utilizada na pesquisa.



Fonte: Sites TAG¹⁸³ e Dublinense¹⁸⁴.

Emecheta teve seu primeiro livro publicado no Brasil, *As alegrias da maternidade*, por meio da TAG em parceria com a editora independente Dublinense, também de Porto Alegre, em outubro de 2017, após ao seu falecimento que ocorreu em janeiro do mesmo ano. Logo depois, em 2018, *As alegrias da maternidade* recebeu uma nova edição apenas da Dublinense. Também foram publicados pela editora os livros: *Cidadã de Segunda Classe* (2018), *No fundo do poço* (2019) e *O preço da noiva* (2020). Ayòbámi Adébéyò foi publicada

¹⁸¹ EMECHETA, Buchi. *As alegrias da maternidade*. Porto Alegre: TAG Experiências Literárias; Dublinense, 2017.

¹⁸² ATTA, Sefi. Entrevista com Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Fernanda Grabauska. **Posfácio- Tudo de bom vai acontecer**, TAG Comércio de Livros, Porto Alegre, set. 2020a, p. 05-09.

¹⁸³ Disponível: <https://www.taglivros.com/blog/as-alegrias-da-maternidade/>. Acesso: 09 nov. 2022.

¹⁸⁴ Disponível: <https://dublinense.com.br/livros/as-alegrias-da-maternidade/>. Acesso: 09 nov. 2022.

de maneira inédita por meio da parceria da TAG com o grupo editorial HarperCollins, no ano de 2018, sendo disponibilizado em seguida uma edição somente da HarperCollins. Por último, os direitos de publicação de Sefi Atta foram obtidos pelo grupo editorial Record em 2013, data da primeira publicação de *Tudo de bom vai acontecer* no Brasil. A segunda edição, feita em 2020 em parceria da Record com a TAG, colocou o livro novamente para circular em um momento diferente da sua primeira vez.

Figura 11 – Edições de *Tudo de bom vai acontecer* publicadas no Brasil. Nas imagens estão as edições da Record (a esquerda); TAG Experiências Literárias (a direita), utilizada na pesquisa.



Fonte: Sites TAG¹⁸⁵ e Record¹⁸⁶.

A pesquisadora brasileira Maria Teresa Rabelo Rafael¹⁸⁷ buscou analisar os problemas que envolvem a circulação no Brasil de escritoras e escritores africanos de língua francesa, pensando a tradução e os caminhos percorridos. À vista disso, selecionou para estudo os catálogos de onze editoras, seis independentes e cinco grupos editoriais, entre os anos de 2000

¹⁸⁵ Disponível: <https://loja.taglivros.com/kit-tag-curadoria-tudo-de-bom-vai-acontecer-sefi-atta>. Acesso: 09 nov. 2022.

¹⁸⁶ Disponível: <https://www.record.com.br/produto/tudo-de-bom-vai-acontecer/>. Acesso: 09 nov. 2022.

¹⁸⁷ RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil**: um estudo de caso das estratégias de tradução em *Alá e as crianças-soldados*, de Ahmadou Kourouma. 2019. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

e 2015, além de investigar as estratégias de tradução do livro *Alá e as crianças-soldados*, de autoria de Ahmadou Kourama.

O estudo da pesquisadora proporciona iniciar considerações sobre a temática, isso porque Rafael¹⁸⁸ aponta para que os grupos editoriais procuram publicar obras que estão consagradas internacionalmente. Arriscam-se menos e seguem uma lógica comercial, respondendo à demandas e distinguindo-se, dessa maneira, de editoras independentes. Ademais, a autora também traz possíveis aspectos que favoreceram a circulação de escritos de autoria africana no Brasil a partir da segunda metade do século XX.

Figura 12 – Edições de *Fique comigo* publicadas no Brasil. Nas imagens estão as edições da TAG Experiências Literárias (a esquerda); HarperCollins (a direita), utilizada na pesquisa.



Fonte: Sites TAG¹⁸⁹ e HarperCollins Brasil¹⁹⁰.

¹⁸⁸ RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil**: um estudo de caso das estratégias de tradução em *Alá e as crianças-soldados*, de Ahmadou Kourouma. 2019. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

¹⁸⁹ Disponível: <https://loja.taglivros.com/kit-tag-ineditos-jul-18-fique-comigo-ayobami-adebayo>. Acesso: 09 nov. 2022.

¹⁹⁰ Disponível: <https://harpercollins.com.br/products/fique-comigo-ayobami-adebayo?variant=42080168378534>. Acesso: 09 nov. 2022.

De acordo com Rafael¹⁹¹, o governo brasileiro aplicou, entre 1990 e 2016, tratados internacionais e políticas afirmativas para possibilitar relações com países africanos. Além disso, a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na década de 1990 normatizou o currículo e as disciplinas curriculares, estabelecendo temas transversais que dizem respeito às conexões históricas entre Brasil e África. A autora verificou que através da implementação da Lei nº 10.639/2003, que trata sobre a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e africana na rede de educação básica do país, ocorreu um acréscimo, desde 2006, das obras editadas pelas editoras independentes Língua Geral, Nadyala, Pallas, Gryphus, Kapulana e Estação Liberdade. No entanto, Rafael¹⁹² conclui que para os grupos editoriais, que possuem maiores vínculos comerciais e de rentabilidade com a cultura, não ocorreu impacto da lei citada.

Antes de dar a questão por encerrada, é preciso situar que o tempo que Maria Teresa Rafael analisa, 2000 a 2015, difere-se das publicações de Emecheta, Atta e Adébáyò no Brasil estudadas neste trabalho, a saber 2017 a 2020, além de serem escritas em inglês. Por outro lado, ao compreender a circulação como um processo histórico, que pode ter início já no final do século XX, não se descarta a hipótese de que a circulação dessas autoras esteja relacionada às políticas públicas aplicadas para a igualdade racial no Brasil.

Concorda-se com a autora que os grupos editoriais estão inseridos em estratégias capitalistas voltadas ao incentivo do consumo. Seus comprometimentos são distintos de editoras independentes, que podem estar ligadas à projetos políticos de justiça social e racial. Por outro lado, deixa-se em aberto a possibilidade de refletir sobre os impactos comerciais no Brasil das demandas sociais pelas literaturas de escritoras africanas. Proponho colocar em destaque o protagonismo dos movimentos sociais brasileiros, aqui em específico do movimento negro, que tencionam mudanças que não ocorreriam sem mobilizações, exigências e, não raras vezes, protestos e conflitos.

¹⁹¹ RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil: um estudo de caso das estratégias de tradução em Alá e as crianças-soldados, de Ahmadou Kourouma. 2019. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

¹⁹² RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil**: um estudo de caso das estratégias de tradução em Alá e as crianças-soldados, de Ahmadou Kourouma. 2019. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

A brasileira Nilma Lino Gomes e os brasileiros Paulo Vinícius Baptista da Silva e José Eustáquio de Brito¹⁹³ corroboram esse argumento destacando não apenas a Lei nº 10.639/2003 como um meio de impulso para a visibilidade dos debates sobre a desigualdade racial e ações concretas antirracistas, mas um conjunto, uma trajetória de movimentação que data anterior ao século XXI e que se encontra para além da Lei nº 10.639/2003. De acordo com as palavras da autora e autores, as ações afirmativas:

[...] não existiriam, em nosso país, se não fosse a força reivindicativa, propositiva e o perfil político educador do movimento negro. Consideramos que esse movimento social é o principal responsável pela adoção das políticas de ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação.¹⁹⁴

Segundo a autora e os autores, ao longo do século XX, o Brasil foi marcado pelas reivindicações do movimento negro pelo combate e enfrentamento ao racismo, exigindo ao Estado reconhecimento das desigualdades raciais no país e políticas públicas para a promoção da igualdade racial, implementadas no início do século XXI. A partir da década de 1980, a luta do movimento negro se voltou para o reconhecimento da existência do racismo no Brasil, ofuscado pelo mito da democracia racial fortalecido pelos projetos políticos da ditadura civil-militar (1964-1985).

Os anos 2000 são marcados pela crítica do movimento negro às desigualdades raciais nas políticas educacionais. Posto isso, as ações afirmativas se mostraram como caminhos possíveis, em curto e médio prazos, para garantir o direito de acesso e permanência à educação e valorização racial daquelas e daqueles que são a maioria da população brasileira. Em 2003, a pauta racial pela primeira vez foi elevada ao nível das políticas públicas, no governo do Partido dos Trabalhadores (PT), através da aprovação da Lei nº 10.639/2003. Logo após, ampliou-se para todas as etapas e modalidades de ensino através das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais.¹⁹⁵

¹⁹³ GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; BRITO, José Eustáquio de. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 01-14, 2021.

¹⁹⁴ GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; BRITO, José Eustáquio de. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 01-14, 2021, p. 01.

¹⁹⁵ GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; BRITO, José Eustáquio de. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 01-14, 2021.

As políticas públicas de ações afirmativas foram aplicadas em níveis nacionais, estaduais e regionais. Em 2012, foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff a Lei nº 12.711/2012 que trata sobre cotas para os ingressos de pessoas negras, além de indivíduos com renda menor que um salário-mínimo e meio e advindas de escolas públicas, nas universidades e institutos federais. As ações afirmativas aplicadas através das cotas trouxeram para as universidades pessoas diversas com suas próprias reivindicações, questionamentos e propostas que desafiam os modos de pensar, fazer e divulgar o conhecimento no Brasil.¹⁹⁶

A partir de 2016, a crescente reação antirracista, tema de *posts* em redes sociais e discursos inflamados, não se revertem em ações que mudem a realidade da violência sistêmica e estrutural imposta às pessoas negras. Nilma Lino Gomes¹⁹⁷ denuncia: “[...] indignados, porém, imóveis”. A partir disso, ancora-se as indagações: até que ponto a circulação das obras de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò proporcionaram interpretações, imaginários e ações descolonizadoras que objetivam a transformação do cenário histórico de desigualdades raciais no Brasil, um país em que, segundo Gomes¹⁹⁸, a classe tem por base a exploração racial? Quais as intenções da circulação, não apenas através dos livros, mas em produções de *podcasts*, debates *online*, resenhas, entrevistas, participações em eventos, para aquelas que a proporcionam, as editoras e seus parceiros? Perguntas que levam em conta que uma circulação de uma obra demanda entender estruturas complexas e contraditórias que envolve fazer as obras tornarem-se vivas e em movimento, expandindo-se para além do que as escritoras pensavam em que elas poderiam se transformar.

Ainda, há que se considerar, por meio da pesquisadora brasileira Ana Rita Santiago¹⁹⁹, que os escritos de mulheres negras brasileiras é um recriar “[...] pela literatura, teimosamente, outros teores de inventar a existência e dizer sim à vida”²⁰⁰. Relaciono essa reflexão com as ações de Emecheta, Atta e Ayòbámi. As escritoras buscam por estratégias para se fazer

¹⁹⁶ GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; BRITO, José Eustáquio de. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 01-14, 2021.

¹⁹⁷ GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. 2021, p. 439.

¹⁹⁸ GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. 2021.

¹⁹⁹ SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de autoria negro-feminina: um canto à (re)existência. **Revista Fórum Identidades**, Itabalana, Universidade Federal de Sergipe, v. 31, n. 1, p. 75-91, jan./jun. 2020.

²⁰⁰ SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de autoria negro-feminina: um canto à (re)existência. **Revista Fórum Identidades**, Itabalana, Universidade Federal de Sergipe, v. 31, n. 1, p. 75-91, jan./jun. 2020, p. 79-80.

circular, buscando romper com “[...] a não autorização a que, historicamente, se submetem as suas vozes e autorias [...]”²⁰¹ vindas da Nigéria.

É pela percepção de agenciamento, de exercícios de desobediências epistêmicas e esforços individuais²⁰² e coletivos que se pode refletir sobre a ligação de Buchi Emecheta com a editora Margaret Busby na Londres da década de 1970, ou a proposta de Sefi Atta de criar sua própria editora em Lagos no ano de 2011, assim como Ayòbámi Adébáyò escolher frequentar um mestrado em escrita criativa na Inglaterra e lá publicar seu primeiro romance em 2017. Foram escolhas estratégicas em busca de circulação e autodefinição dentro e fora da Nigéria.

Escolhas estratégicas que passaram por negociar com locais do Norte Global que estipulam, através de relações desiguais de poder, as linhas abissais²⁰³ que validam o que é conhecimento dentro das lógicas do pensamento moderno ocidental²⁰⁴. Pode-se pensar que nas suas circulações trafegaram como *outsiders within*²⁰⁵ nos Estados Unidos da América, Inglaterra e outros países da Europa, aproximando-se das proposições de Patrícia Hill Collins²⁰⁶. Espaços que são locais geopolíticos que detêm os privilégios epistêmicos de visibilizar ou excluir experiências²⁰⁷ na colonialidade. Além de negociar, também passa por

²⁰¹ SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de autoria negro-feminina: um canto à (re)existência. **Revista Fórum Identidades**, Itabalana, Universidade Federal de Sergipe, v. 31, n. 1, p. 75-91, jan./jun. 2020, p. 81.

²⁰² SANTIAGO, Ana Rita. História, Literatura e a escrita de mulheres africanas e afro-diaspóricas: uma entrevista com Ana Rita Santiago. [Entrevista concedida a] Tathiana Cristina da Silva Anizio Cassiano. **PerCursos**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 358-379, set./dez. 2021.

²⁰³ Para Boaventura de Sousa Santos (Portugal), o que ele chama de pensamento moderno ocidental se define a partir da construção de linhas abissais que postulam o que está do outro lado como inexistente, sub-humano ou não humano e, portanto, excluído pela ciência moderna/colonial como maneiras legítimas de informar e atuar na realidade tanto quanto ela própria. Cf.: SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2014, p. 29-67.

²⁰⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2014, p. 29-67.

²⁰⁵ Podendo ser traduzido para “estrangeira de dentro”, um lugar de observação privilegiado. Collins, no contexto da produção intelectual das mulheres negras nos Estados Unidos, utiliza essa categoria para refletir sobre como as mulheres negras compreendem suas capacidades de notar as problemáticas de um pensamento considerado normal pelos “de dentro”, *insiders*, que estão totalmente integrados aos paradigmas e formas de pensar na sociologia. Cf.: COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

²⁰⁶ COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

²⁰⁷ Maximilian Feldner (Austria) chega a reflexões aproximadas, a partir de caminhos diferentes dos quais realizo, ao abordar o mercado literário mundial em relação as publicações de escritoras e escritores que o autor identifica como integrantes da literatura nigeriana da diáspora no século XXI. Nesse grupo, o autor inclui Sefi

negar e agir de maneira própria, como a proposta crítica de Emecheta em assumir sua edição e Atta em não aceitar uma capa de *Tudo de bom vai acontecer* que não condiz com as realidades nigerianas, por isso construindo outras.

Foi como sujeitos que frequentaram espaços de legitimação e manifestação do que se reconhece por conhecimento, que estando no autodenominado centro sabiam-se não aceitas nos espaços que constroem historicamente suas invisibilidades. Por estarem neste lugar conseguiram observá-lo de fora, construindo outros conhecimentos, entendendo o seu funcionamento e como criar fissuras necessárias a passagem de seus escritos, chegando até o Brasil. Sem mais, é tempo de prestarmos atenção, eu e você, para outras circulações, a dos mundos repletos de complexidades e negociações que compõe a Nigéria do final do século XX e início do XXI a partir das identidades das mulheres narradas por Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò, enunciado por meio de seus lugares de pertencimento e de vivências.

Atta. Para saber mais, destaco a leitura do segundo capítulo, tópico *On the Global Literary Market*. Cf.: FELDNER, Maximilian. **Narrating the new african diaspora: 21st century nigerian literature in context**. Londres: Palgrave Macmillan, 2019.

4 MULHERES NA NIGÉRIA DE BUCHI EMECHETA, SEFI ATTA E AYÒBÁMI ADEBÁYÒ

Eu sabia que deveria me ajoelhar, curvar minha cabeça como uma garotinha sendo castigada e dizer que sentia muito por ter insultado meu marido e sua mãe em um fôlego só. Eles teriam aceitado minhas desculpas – eu poderia ter dito que a culpa era do demônio, ou do clima, ou de minhas novas tranças, que estavam apertadas, fazendo minha cabeça doer e me forçando a desrespeitar meu marido diante deles. Mas meu corpo inteiro estava contraído como uma mão artrítica, e eu simplesmente não conseguia obrigá-lo a assumir formas que não queria assumir. Então, pela primeira vez, ignorei a ofensa de um parente e me levantei quando todos esperavam que eu me ajoelhasse. Quando fiquei de pé, me senti ainda mais alta. (Fique comigo, Ayòbámi Adébáyò, p. 18)

Filha de um prestigioso chefe local igbo, Nwakocha Agbadi, a personagem Nnu Ego nasceu em Ibuza na primeira metade do século XX. Para ela, assim como para os seus, a maternidade era aquilo que a tornaria, de fato, mulher. Contudo, não era suficiente trazer ao mundo, por meio de seu ventre, crianças, e sim, seres humanos identificados como meninos. No pensamento de Nnu Ego: “[...] só agora, com esse filho, vou começar a amar aquele homem [Nnaife, seu marido]. Ele me transformou numa mulher de verdade - em tudo o que quero ser: mulher e mãe. Então, já não tenho motivos para odiá-lo”²⁰⁸.

Ao se casar com Niyi Franco, em Lagos no ano de 1995, Enitan Taiwo conheceu sua sogra Toro Franco. Toro representava a expectativa social de como deveria ser uma boa mulher. Era mãe, silenciosa e pronta para atender aos desejos de seu marido e filhos, quase sempre direcionados à cozinha, a qual liderava com maestria. “Meu sogro domara a esposa, de um jeito que parecia que tinha tirado o cérebro dela com uma colher e deixado o suficiente para ela se manter obediente. Seu filho agia como se eu fosse invisível até eu me comportar como ele queria”²⁰⁹. Aponta Enitan em seu processo de questionamento, e desconforto, sobre uma identidade de mulher em que Toro Franco era modelo.

Em uma manhã no ano de 1985, na cidade de Ilesa, Yejide Ajayi recebeu como um mal sinal familiares batendo à sua porta. Pressentimento validado ao saber que conduziam até ali uma segunda esposa para Akin Ajayi, seu marido. Sem aviso prévio, tomada de uma surpresa revoltante, Yejide compreendia que na perspectiva dos familiares do esposo o caso do primogênito da família Ajayi ainda não ter filhos era sua culpa. Ao longo do seu casamento precisou ouvir inúmeras ofensas. Eis aqui uma delas, proferida pela mãe de Akin:

²⁰⁸ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 75.

²⁰⁹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 279.

“[...] as mulheres fabricam crianças, e se você não consegue fazer isso então não passa de um homem. Ninguém deveria chamá-la de mulher”²¹⁰.

Ser mulher significa ser mãe. “Uma mulher fracassada”, assim é rotulada aquela que não fez de um homem pai, especialmente, de outra criança-menino-homem²¹¹. Um homem a qual está associada por meio do casamento, desempenhando o papel de esposa, cuidadora da casa, das pessoas que a compõe, mediando conflitos. “Você precisa aprender que uma mulher faz sacrifícios na vida”, aconselha Toro Franco para Enitan, “[...] não é tão difícil satisfazer os caprichos do seu marido para ter paz nesta casa”, concluiu²¹². Um esposo que os caprichos devem ser atendidos e que não pode ser odiado. É o que comenta o amigo do marido de Nnu Ego quando ele reclamou que sua esposa não o tolerava:

Como é possível que uma mulher odeie o marido que sua gente escolheu para ela? Você vai lhe dar crianças e alimento e ela vai ter seus filhos, tomar conta deles e de você e preparar suas refeições. O que há nisso para odiar? Uma mulher pode ser feia e ficar velha, mas um homem nunca é feio [...]”²¹³

Um homem, repito, não é feio. Yejide tentou internalizar essas palavras até se convencer que “[...] me calar significa que eu era uma boa esposa”²¹⁴, em vez de questionar se o problema de não terem filhos não estaria em seu marido. Uma boa esposa também recebe a poligamia e abre espaço para outras mulheres. Caso contrário, se torna uma “mulher perversa”²¹⁵.

Neste capítulo, trabalho com a ideia de que é possível analisar nos três romances, *As alegrias da maternidade*, *Tudo de bom vai acontecer* e *Fique comigo*, narrativas da identidade mulher, localizada na Nigéria na segunda metade do século XX e início do século XXI, a partir dos questionamentos, descolamentos e posicionamentos críticos das escritoras Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébéyò. Por meio das trajetórias das protagonistas Nnu Ego (*As alegrias da maternidade*), Enitan (*Tudo de bom vai acontecer*) e Yejide (*Fique comigo*), as escritoras apresentam *mulher* em suas multiplicidades, complexidades, ressignificações e negociações. A seguir, cabem reflexões sobre os mecanismos de sua construção, imagens e

²¹⁰ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 42.

²¹¹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 89.

²¹² ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 330.

²¹³ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 102.

²¹⁴ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 212.

²¹⁵ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 67.

papéis que a compõe. Através das narrativas, indaga-se quais elementos constroem essa identidade que podem apontar para a sua construção inserida no processo histórico do colonialismo e sua indissociável face, o capitalismo colonial-moderno, que dizem respeito à experiências que se situam para além do ano da independência da Nigéria, 1960.

Imagine Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò sentadas uma ao lado da outra em um encontro de mulheres de diferentes idades que escreveram sobre a Nigéria. Pretendem, neste momento, falar sobre como a mulher é percebida entre os seus. Apesar de suas singularidades é possível pontuar que conseguem compartilhar histórias que podem gerar identificações entre si. Assim, mencionam passados que atravessam e constroem os seus presentes, papéis que aprenderam a ser ou apreender em outras. A seguir, a partir desse cenário, começo a tecer análises em forma de emaranhados de tempos que nos fazem adentrar nos mundos historicamente situados das autoras.

4.1 PLURAIS

Buchi Emecheta apresenta as mulheres que vivem na Nigéria na década de 1970 a partir de outras que estão inseridas nos anos de 1930 e 1940. Em *As alegrias da maternidade* é possível perceber suas contradições, problemáticas e complexidades. Como salientado no capítulo anterior, uma de suas preocupações ao escrever a obra estava em evidenciar maneiras de viver das mulheres que conhecia em 1979 que caminhavam para desequilíbrios. O primeiro capítulo de *As alegrias* se chama “A mãe” e apresenta Nnu Ego já na maternidade. O segundo, “A mãe da mãe”, conta a história antes do nascimento de Nnu Ego. O terceiro, “A vida da mãe no começo”, fala de Nnu Ego antes de ser mãe. Os três capítulos iniciais estão orientados em dizer sobre mães mulheres, suas sociabilidades iniciais, suas culturas. Para entender a(s) mulher(es) a qual Buchi Emecheta se refere é preciso mergulhar em seus modos de sentir viver a partir delas.

Nnu Ego, mulher igbo, se casou pela primeira vez com Amatokwu, um agricultor. O casamento era de seu agrado. Contudo, conforme o tempo passava se surpreendia ao perceber que não correspondia às expectativas sociais. Nada de filhos. Percebe-se a sua angústia ao rogar a sua *chi*²¹⁶:

²¹⁶ *Chi*, na percepção igbo, é uma divindade pessoal encarregada pelo destino do indivíduo. No caso de Nnu Ego, sua *chi* é uma mulher escravizada por seu pai, morta durante os ritos fúnebres da mãe de Nnu Ego para

Por favor, se apiede de mim. Sinto que o povo de meu marido já começa a procurar uma nova esposa para ele. Eles não podem esperar para sempre por mim. Ele é o primogênito da família, seu povo quer que ele tenha um herdeiro o mais depressa possível. Por favor, me ajude.²¹⁷

A protagonista necessitava ter filhos para ser valorizada entre aqueles com quem compartilhava seus dias e para preservar seu casamento. Infelizmente, sua *chi* não consentiu filhos na relação entre ela e Amatokwu, que se casou novamente. No fim, ela precisou retornar para a casa de seu pai, casando-se logo depois com um homem que não a agradava. Seu destino era mudar para Lagos e se casar com Nnaife, o lavador de roupas de mulher branca²¹⁸.

Nas relações sociais e culturais de que Buchi Emecheta retrata existem benefícios sociais em ser mãe a partir dos quais muitas ações são pautadas. Pensamos com a autora: para tocar pessoas a elaborar outras maneiras de as mulheres se relacionarem com funções e expectativas sociais, circunscritas nessa identidade, na década de 1970, é possível deixar de lado o que move estas mesmas mulheres para direções outras?

Ainda na casa de seu pai, na espera de que ele a arranjasse um segundo casamento, Nnu Ego foi questionada: “você tem vontade de ter um marido e a sua própria família?”²¹⁹. Ao que ela respondeu: “sim, muita vontade pai. [...] Quando as pessoas ficam velhas, precisam dos filhos para tomar conta delas. Se você não tem filhos e seus pais já se foram, não tem ninguém por você”²²⁰.

Enquanto isso não acontecia, a mãe fazia sacrifícios, viveria em certas faltas materiais com orgulho para presenciar os seus filhos crescendo, tomando conta de suas próprias vidas e de seus pais. Nos dizeres das mulheres em que se lembrou Emecheta, não havia com o que se preocupar, pois seu filho “não demora a crescer; vai comprar suas roupas e cuidar da lavoura para você. Assim, sua velhice será doce”²²¹. Para muitas delas, por meio do casamento com

acompanhá-la. Como não era do desejo da escravizada morrer, antes de receber uma pancada em sua cabeça jurou vingança à família de Nnu Ego. Nnu Ego considera que não consegue ter filhos porque sua *chi* não permite. Depois que se casa com Nnaife, e sofre em Lagos, a *chi* a concede muitos filhos. Cf.: UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982; EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

²¹⁷ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 04

²¹⁸ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women’s writing: identity, sexuality, and difference**. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

²¹⁹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 54.

²²⁰ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 54.

²²¹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 117.

um homem tornar-se mãe poderia ser possível. Buchi Emecheta expõe mulheres que vivem a maternidade compartilhada com outras em que possuem o papel e responsabilidade central de cuidado, apoio e perpetuação da vida. Ainda, por meio dos casamentos de Nnaife com outras mulheres, poligamia²²², a autora apresenta, como bem pontua Obioma Nnaemeka²²³, diferentes formas das mulheres se conectarem com a maternidade que pode ser interpretado como caminhos de mudanças apontados por ela.

Após a morte do irmão mais velho Nnaife herdou suas quatro esposas. Nnu Ego ficou em pânico, pois sua preocupação era “de onde Nnaife ia tirar o dinheiro” para sustentar cinco mulheres com seus filhos em Lagos²²⁴. Sua amiga tentou consolá-la: “Ah, querida, você é obrigada a aceitar todos eles?”, perguntou Mama Abby, que não conhecia bem os costumes dos igbos. “Você já tem seus próprios filhos para cuidar... imagino que as pessoas saibam que Nnaife não tem emprego estável...”²²⁵.

Conhecendo os igbos, ao contrário de Mama Abby, Nnu Ego compreendia que não haveria escapatória se quisesse continuar ocupando o seu lugar de primeira esposa e de filha que respeita a trajetória de sua família. Precisaria dividir um quarto com outras mulheres. Esse momento informou a Nnu Ego que seu marido, através de outras, tornara-se superior, o chefe de uma grande família. Assim como ela se tornara a primeira esposa. Um papel de destaque em que era dever dela lidar com a situação da melhor forma possível, representando o seu marido quando ele se ausentava. Para resumir, apenas uma mulher se locomoveu para perto de Nnaife, Adaku.

Adaku e Nnu Ego eram responsáveis por preparar as refeições que alimentavam Nnaife e seus filhos. No entanto, não recebiam dinheiro suficiente do esposo que gastava a

²²² De acordo com a pesquisadora nigeriana Gloria Chuku, no pensamento igbo, que a autora estende para outras culturas na África, o casamento é o lugar para procriação e uma mulher torna-se mulher após a maternidade. A poligamia oferece a oportunidade para mais mulheres serem mães. Por outro lado, na percepção de Chuku, concede privilégios e *status* aos homens. Cf.: CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 278.

²²³ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

²²⁴ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 167.

²²⁵ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 167.

maioria de seu salário de cortador de grama²²⁶ na compra de vinho de palma²²⁷ para seu consumo. Por sugestão de Adaku, elas resolveram fazer uma greve, deixando de alimentá-lo. De maneira oposta ao pretendido, que seu marido respondesse aos seus protestos e reservasse mais dinheiro para os cuidados da casa, Nnaife começou a se alimentar na rua. Para completar a desgraça o primeiro filho de Nnu Ego, Oshia, fez uma travessura. Sendo criança em meio às divergências cortou em pedacinhos, com uma tesoura, o pouco dinheiro que Nnu Ego possuía de reserva, guardado no quarto, para assim multiplicá-lo e encerrar as brigas.

O que fazer diante aos eventos que empurravam aquelas mulheres às incertezas e dores? Nnu Ego, dotada da responsabilidade da primeira esposa de ser sensata e fazer o que precisava ser feito, desistiu da greve. Preparou uma refeição para Nnaife com todo o alimento que restava na casa. Assim, pretendia agradá-lo, demonstrar o seu arrependimento e a dependência ao marido. Contudo, Nnaife não voltou. Elas ainda não sabiam, mas ele havia sido sequestrado pelos colonizadores para lutar na Segunda Guerra Mundial²²⁸.

As mulheres e as crianças sem dinheiro e alimento ficaram expostas ao desamparo da fome. Cada qual ao seu modo, sofreram. O modo de sofrimento de Nnu Ego foi o silêncio. Ela sabia que não possuía liberdade para manifestar a sua dor.

Esperava-se que fosse forte, já que era a esposa mais velha; que se comportasse mais como um homem que como mulher. E já que os homens não podiam sofrer abertamente, ela tinha de aprender a também esconder sua dor.

Ouviu Adaku chorar e invejou a sua liberdade. ²²⁹

A greve demonstrou a Nnu Ego que, com certas negociações, ela possuía uma aliada para reivindicar suas necessidades e desejos a Nnaife. Em Adaku compreendia uma ajuda para dividir os trabalhos de responsabilidade das esposas. O cuidado com a casa e as pessoas que nela habitavam poderia ser partilhado. Durante a ausência de Nnaife Adaku progrediu no seu comércio, tornou-se uma mulher rica, na percepção de Nnu Ego. Ela foi embora como um

²²⁶ Para você se localizar na narrativa: quando Nnu Ego se casou com Nnaife ele era lavador de roupas dos ingleses dr. Meers e senhora Meers. No início da Segunda Guerra Mundial, os patrões retornaram para a Inglaterra e Nnaife e sua família foram despejados da casa que moravam aos fundos da casa dos Meers. Após isso, Nnaife foi acompanhante de viagem de jovens ingleses até chegar a ocupar o cargo de cortador de grama do governo colonial. Adaku chegou nesse momento de sua vida.

²²⁷ Bebida alcoólica feita da fermentação da seiva de palmeiras.

²²⁸ Abordarei esse assunto no próximo capítulo.

²²⁹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 198.

ato de escapar das humilhações que chegavam da parte de Nnaife e sua família. Mas também da própria Nnu Ego que não aceitava que a segunda esposa vivia melhor que ela. Constantemente, precisava reafirmar a sua superioridade por ser a esposa mais velha e mãe de futuros homens. Adaku era mãe de meninas, um dia mulheres. Estava abaixo e deveria se comportar conforme sua posição na perspectiva de Nnu Ego e seus próximos.

Buchi Emecheta possivelmente mostra que muitas mulheres que conheceu possuíam o potencial, ou já agiam deste modo, para, como Adaku, romper laços com situações opressoras e fazer-se por conta própria²³⁰. Sua própria trajetória de vida é um exemplo notável. Por isso, ela conta uma história, ambientada na Nigéria colonial, mas com vestígios de marcas de seu presente, de agências de mulheres que encaravam os estigmas e consequências sociais por não seguirem as regras estabelecidas. Vidas outras se faziam possíveis, não sem dores e sacrifícios. Além disso, outro problema que Emecheta evidencia são as hierarquias entre mulheres e suas utilizações para reproduzir violências sobre outras. Observamos.

Nnu Ego também buscava fortalecer uma posição de hierarquia como primeira esposa e mãe de homens que emana autoridade em relação à Adaku. Segundo Juliana Makuchi Nfah-Abbenyi²³¹, Buchi Emecheta desenvolveu em suas obras críticas sobre diversas condutas das mulheres que ensinavam e reproduziam em outras as violências as quais eram submetidas. Gloria Chuku, que analisa a literatura de Flora Nwapa, contemporânea de Emecheta, aponta, no ano de 2013, para que “[...] a perpetuação de práticas culturais que degradam as mulheres e minam seu *status* foi e ainda é, infelizmente, realizada mais por mulheres idosas e privilegiadas do que por homens”²³². As mulheres em *As alegrias da maternidade* também são representadas como aquelas que exigem e reprimem Nnu Ego por suas atitudes, assim como a protagonista investe críticas e julgamentos sobre outras mulheres.

O primeiro capítulo, “A mãe”, descreve a cena em que Nnu Ego ao saber que seu primeiro filho, Ngozi, faleceu ainda bebê corre desesperada para um ato de suicídio, pois a

²³⁰ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

²³¹ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women’s writing**: identity, sexuality, and difference. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

²³² “The perpetuation of cultural practices that debase women and undermine their status was and is still, unfortunately, carried out by elderly and privileged women more than by men. In this context, the solution to women’s problems lies in their own hands. Women should work together as a social group in order to end inhibitive cultural practices in their society.” CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition**: creative conflict in African and African diasporic thought. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 278.

morte de um filho é a perda de sua identidade²³³. No decorrer da obra, a imagem é aprofundada a partir da narrativa da vida de Nnu Ego até o momento no qual está diante da ponte em que pretende romper a sua dor emocional através de sua morte física. Emecheta prende quem lê na imaginação do que está ao redor de Nnu Ego. Parece importar para a escritora criar imagens sobre as pessoas que param para entender o que acontecia. Elas observam e não ficam silenciosas diante da cena porque “[...] uma coisa dessas não é permitida na Nigéria; você simplesmente não está autorizado a cometer suicídio em paz, porque todos são responsáveis uns pelos outros”²³⁴.

Nnu Ego, então, fora impedida de se auto machucar pela multidão que a cercava. Sem saberem o que a levou a tentativa foi reprimida por homens e mulheres. Uma mulher desconhecida, identificada como igbo no romance, além de verbalizar seu julgamento a agrediu fisicamente.

Dando um passo à frente, esbofeteou um lado do rosto de Nnu Ego e acrescentou: “Quer dizer que você tem um bebê em casa e mesmo assim vem aqui desonrar o homem que pagou para que você fosse trazida para esta cidade? Não sei o que está acontecendo com nosso povo: é só chegar ao litoral que as pessoas já acham que são donas de si mesmas e esquecem a tradição de nossos pais”²³⁵

Depois que Nnu Ego explicou o motivo de atentar contra a própria vida – seu filho estava morto –, a mulher a compreendeu e a comunidade reforçou a sua desgraça. “E todos concordaram que a mulher que não dá um filho ao marido é uma mulher fracassada”²³⁶.

Enfatizo que ao escrever o livro a escritora estava na Inglaterra, anos longe do país de seu nascimento. Rememorar a Nigéria a partir de sua comunidade pode indicar a maneira como as mulheres de que Emecheta escreve são construídas: por meio de um forte senso de pertencimento em coletividade que transpassa tempos e espaços. Dessa maneira, as mulheres em *As alegrias da maternidade*, estudadas a partir de Nnu Ego, são mães em e de comunidades, esposas, dentro de hierarquias da poligamia, e filhas. Para quem se volta o romance em 1979, já entrando na década de 1980, essas histórias eram as de suas mães, mas também suas. Uma escrita sobre a vontade de muitas mulheres de se redefinirem a partir de dentro pontuando seus próprios problemas e como interpretá-los.

²³³ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women’s writing**: identity, sexuality, and difference. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

²³⁴ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 86.

²³⁵ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 88.

²³⁶ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 89.

De acordo com Nnaemka²³⁷, apesar das vontades de críticas literárias as quais analisa em encerrar a perspectiva de Emecheta numa descrição e definição de mulheres igbos, a escritora retrata muitas mulheres da Nigéria. Entre elas, que estão em *As alegrias da maternidade* nas entrelinhas, podem estar as protagonistas da história que Ayòbámi Adébáyò conta a seguir.

Eu devia ter três ou quatro anos e como eu era muito quieta, eu acho que elas [mãe e tias] sempre esqueciam que eu estava na sala. Então, elas diziam coisas que eu não deveria ter ouvido provavelmente. Eu ficava sentada ali ouvindo, ouvindo, ouvindo porque eu adorava histórias. Mas eu comecei a me perguntar, perguntas sobre algumas das histórias que eu ouvia. Uma das histórias que era muito comum que eu ouvia, era talvez uma amiga delas que já estava casada há muitos anos e que não tinha filhos [...] e essa narrativa de mulheres que coloca uma espécie de tecido, uma coisa que pareciam que estavam grávidas e depois de 9 meses existe um limite de quanto você pode enganar com essa farsa. Mas uma das coisas que eu comecei a me perguntar muito no início da minha vida: e se essas mulheres não estivessem mentindo, e se elas realmente acham que estão grávidas? Quando eu comecei a escrever esse romance era uma das coisas que eu imediatamente coloquei no meu romance e eventualmente eu comecei a fazer pesquisas. Será que é possível na ciência isso? E eu descobri toda a base científica para uma mulher que com tanta pressão, em termos de ter que engravidar, que de repente ela vai enganar o próprio corpo e o corpo acaba se convencendo que está grávido. Então era uma das preocupações que eu tinha ao escrever esse livro. Baseado no fato que quando eu era jovem, rapidamente ficou aparente para mim que o que que era esperado de mim era crescer, casar e ter filhos. De uma certa forma era isso. Era simples assim. Aí eu comecei a me perguntar e se eu não quiser isso? E se eu não puder fazer isso? Que posição eu vou ter na sociedade? Que posição eu vou ter nessa comunidade?²³⁸

O trecho anterior é a transcrição de parte da fala de Ayòbámi Adébáyò na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) que acontece anualmente na cidade de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Adébáyò participou do evento em 2019 e foi instigada em uma mesa a elaborar reflexões sobre o romance *Fique Comigo*. Percebe-se, através do recorte anterior, que naquele momento a autora relacionou a sua escrita com a sua experiência. Conferiu sentido as suas questões literárias dentro de uma trajetória de dúvidas acerca das certezas postas diante de si desde sua infância.

Adébáyò complexificou o sofrimento de Yejide em seu romance ao conectá-la a outras vidas, sendo ela ao mesmo tempo única e muitas. Reflexões que emergem a partir das suas próprias angústias como mulher na Nigéria. A escritora elaborou perguntas que encorajam

²³⁷ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. *Research in African Literatures*, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

²³⁸ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò (áudio em português), Paraty, 12 jul. 2019. 1 vídeo (1h14min55s). Publicado pelo canal Flip- Festa Literária Internacional de Paraty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>. Acesso em: 18 abr. 2022.

deslocamentos. “Se eu não quiser isso? E se eu não puder fazer isso? Que posição eu vou ter na sociedade? Que posição eu vou ter nessa comunidade?”²³⁹. Serei uma mulher fracassada?

Antes mesmo dos familiares entrarem pela porta de sua casa, trazendo a segunda esposa de seu marido, chamada Funmi, Yejide já se preocupava em gerar em seu ventre e trazer ao mundo filhos. Ela recorreu a sacerdotes e se dispunha a ficar em jejum sob um tapete de oração durante uma semana, desmaiando ao terceiro dia. No hospital, enquanto se recuperava, sua sogra reforçou que era necessário Yejide aprender a sofrer e que sua falha, - não ter aguentado uma semana em jejum-, era a demonstração de que “não estava pronta para ser mãe”²⁴⁰. Yejide ficou atormentada. “Queria ser o que eu nunca tinha sido. Queria ser mãe”²⁴¹. A personagem principal de *Fique Comigo* deseja a maternidade, mas não pode tê-la.

A poligamia, imposta pela família de Akin, parece ser o momento em que Yejide percebe a aproximação da realização das promessas das consequências sociais por não ser mãe. Além de não ter ninguém para si, na sua percepção ela perderia seu lar e o respeito entre os seus. Seria menor em um relacionamento que foi construído pelo amor, mas que “[...] as pessoas não veem os dois como iguais”²⁴². Yejide adoeceu e chegou a passar mais de nove meses pensando, sentindo e agindo como um corpo grávido. Até Akin, ciente de que o problema de não terem filhos estava nele, elaborar um plano, sem seu consentimento, para engravidá-la.

Sobre os passados e presentes na história de Yejide e Akin, Ayòbámi Adébáyò colabora para explicar as suas intenções. Primeiro, as palavras da autora:

[...] eles vivem em uma sociedade onde ter filhos valida, não apenas o indivíduo, mas o próprio casamento, de modo que um relacionamento que onde o casamento nem está envolvido, talvez as pessoas namorem e tenham um filho juntos, seria visto como aquele que é mais forte, dura mais tempo. É mais importante do que relacionamento conjugal onde não há filho. Então eles vivem naquele tempo e naquele mundo. E os membros da família simplesmente sentem que têm o direito de dizer a eles o que fazer e de fazer coisas realmente terríveis com eles, às vezes, apenas para garantir que eles se submetam à sua vontade.²⁴³

²³⁹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò (áudio em português), Paraty, 12 jul. 2019. 1 vídeo (1h14min55s). Publicado pelo canal Flip- Festa Literária Internacional de Paraty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>. Acesso em: 18 abr. 2022.

²⁴⁰ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 15.

²⁴¹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 15.

²⁴² ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò (áudio em português), Paraty, 12 jul. 2019. 1 vídeo (1h14min55s). Publicado pelo canal Flip- Festa Literária Internacional de Paraty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>. Acesso em: 18 abr. 2022.

Parece que Adébáyò parte de uma análise sobre o passado para indicar permanências e mudanças em seu presente acerca de mulheres. De acordo com a escritora, no século XXI um filho ainda legítima, torna verdadeiro, o casamento na Nigéria. Na década de 1980, tempo em que o casal vive, ela reconhece que era mais difícil para Yejide sair desta situação em que a família do seu marido entende que pode e deve fazer algo para que Akin tenha um filho. São as dificuldades que Buchi Emecheta apresenta. Por mais que, como leitoras e leitores, torçamos para que Nnu Ego encontre um merecido descanso doce, vivendo as colheitas de seus frutos, ela não consegue cessar com as injustiças e responsabilidades que pesam ocupar o lugar de mulher mãe primeira esposa. Algo que Adébáyò, através de suas experiências, encontra diferenças do seu presente com o passado. Para ela, mesmo naquele período, na década de 1980, a poligamia não era mais tão aceita entre os jovens. O que persistia, então, em 2017, era a maternidade como indicador de mulher e uma prática a ser cumprida para continuar vivendo socialmente entre os seus.

Ainda em negação Yejide recebeu a visita indesejada de Funmi no seu lugar de trabalho. Ao ser chamada de Mãe pela segunda esposa, título da primeira esposa, anunciando a quem estivesse por perto o que estava acontecendo no casamento de Yejide, ela se segurou para não agredir aquela que não faz muito tempo chegou. “Eu não era sua mãe. Eu não era mãe de ninguém [...]. Ainda era apenas Yejide. Esse pensamento amarrou a minha língua e me fez ter vontade de arrancar a dela”²⁴⁴.

Nessa passagem, Adébáyò expressou a luta de Yejide em se autodefinir dentro do que considera mulher, não pelas normas da poligamia. Essa parece ser a centralidade para a autora quando trata sobre o assunto. É sobre o direito de recusar, de tomar as rédeas de sua vida. Yejide não deseja viver desse modo e sua opinião não é levada em consideração, não é uma fala com potência de mudança. Os anos passaram e Buchi Emecheta se conecta com jovens mulheres da Nigéria do século XXI.

²⁴³ “They live in a society where having children validates, not just the individual, but the marriage itself such that a relationship that where marriage is not even involved, maybe people dated each other and they had a child together, would be seen as one that is stronger, lasts longer. It's more important than marital relationship where there's no child. So they live in that time and in that world. And the family members just feel that they have the right to tell them what to do and to do sometimes really terrible things to them just to make sure that they bend to their will.” ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. 'Stay with me' is a novel of commitment, culture and the struggle to conceive. [Entrevista concedida a] Scott Simon. NPR, Washington, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/08/19/544533403/stay-with-me-is-a-novel-of-commitment-culture-and-the-struggle-to-conceive>. Acesso em: 01 nov. 2022.

²⁴⁴ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 34.

Os exemplos que Yejide possuía confirmavam a sua descrença nesse modo de viver das mulheres que assumiram a identidade esperada para si, e que Adébáyò questionou no seu próprio caminhar: “crescer, casar e ter filhos”²⁴⁵. Se não fora possível dar filhos a Akin era obrigação de Yejide aceitar sua nova posição. Assim como fez Iya Martha, a primeira esposa de seu pai.

Sabia que mulheres como Funmi, o tipo de mulher que escolhia ser a segunda, terceira ou sétima esposa, nunca recuavam facilmente, nunca. Tinha visto elas chegarem e se transformarem na casa de meu pai, todas aquelas mães que não eram minhas, sempre entravam com uma estratégia escondida sob a roupa, nunca eram tão estúpidas nem tão afáveis quanto pareciam a princípio. E era Iya Martha quem sempre era pega desprevenida, quem ficava atordoada, sem uma estratégia ou um plano próprio.²⁴⁶

Iya Martha também não era mãe de Yejide. A sua mãe fora a segunda esposa, uma mulher que não teve a linhagem reconhecida pelas esposas de seu pai e faleceu no parto de Yejide. Sua filha precisou viver sob a rejeição e a solidão de uma casa em que não havia espaço para ela. Cada esposa cuidava de si e de seus filhos, fechando a porta de seu ambiente privado. Atrás das portas, no corredor, Yejide habitava as histórias que eram contadas aos seus irmãos. Nessa casa, Iya Martha parecia a pessoa mais infeliz do mundo e sua infelicidade começou com a mãe de Yejide, aquela que a fez “a primeira dentre não exatamente iguais”²⁴⁷. Foi Iya Martha que levou Funmi à casa de Yejide.

Cada esposa elabora para si um mundo, o protege e procura de alguma forma garantir que seu espaço exista. Ademais, Iya Martha consegue exercer certa influência sobre Yejide. Assim, através das mulheres mais velhas, a primeira esposa de seu pai e a sua sogra, a protagonista de *Fique Comigo* compreende que tem um papel a cumprir, o qual necessita realizar em nome de sua sobrevivência física e emocional. A maternidade asseguraria seu posto de superioridade, autoridade da primeira esposa e a sobrevivência de seu casamento (recorde a importância disso também para Nnu Ego). Algo que a mãe de Enitan Taiwo, Victoria, possuía, mas não significava diretamente uma vida plenamente realizada. Sefi Atta continua apontando para a vida das mulheres na década de 1970 e 1980. A maneira como

²⁴⁵ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò (áudio em português), Paraty, 12 jul. 2019. 1 vídeo (1h14min55s). Publicado pelo canal Flip- Festa Literária Internacional de Paray. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>. Acesso em: 18 abr. 2022.

²⁴⁶ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 39.

²⁴⁷ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 27.

pode complementar Ayòbámi Adébayò informa que a autora também elabora considerações sobre mulheres na Nigéria do século XXI.

Enitan Taiwo aprendeu com Victoria como deveria se comportar e realizar as tarefas que cabiam a uma menina. Aos 10 anos de idade sabia que seus pais viviam brigados desde que seu irmão mais novo faleceu de anemia falciforme. No dia da última crise da doença Victoria, em desespero, levou o seu filho para a igreja e não ao hospital. Enitan cresceu entendendo que a culpa da morte de seu irmão era um fardo que Victoria carregava. O trauma transformou a religião e a igreja, no ponto de vista de Enitan, intermediado pelo seu pai, Bandele Sunday Taiwo, um lugar em que Victoria se perdera fanaticamente. “Nada, nada deteria minha mãe, dizia ele [Bandele], até ela ter destruído tudo na nossa casa por causa daquela igreja dela. Que tipo de mulher ela era? Que tipo de mulher egoísta e fria era ela?”²⁴⁸

Bandele trabalhava o dia inteiro no seu escritório, exercendo sua profissão de advogado, enquanto Victoria, com diploma de enfermeira, era responsável pelos cuidados da casa e da educação de Enitan. É ela que sua filha temia com a sensação de que constantemente estava a desagradando. O diálogo a seguir se passa na cozinha quando Enitan, Victoria, além da empregada da família, Bisi, estão preparando o jantar e Bandele chega do trabalho. A conversa é iniciada pelo pai e quem narra é Enitan.

- Vejo que sua mãe está de novo fazendo você aprender tudo o que ela faz.

Peguei outra banana e fiz um corte na base, esperando um pouco mais de solidariedade da parte dele. Minha mãe deu uma sacudida numa panela no fogão e levantou a tampa para ver como estava o ensopado.

- Ficar aqui na cozinha não faz nenhum mal a ela – disse minha mãe. [...]

- Você devia contar para ela que meninas pequenas não fazem mais esse tipo de trabalho – falou ele.

- Quem disse? – perguntou minha mãe.

- E, se ela perguntar como você aprendeu essa bobagem, responda que foi com seu pai e que ele é a favor da emancipação das mulheres. [...]

- De todas as mulheres menos de sua esposa – retrucou minha mãe.²⁴⁹

²⁴⁸ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 11.

²⁴⁹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 24-25.

Sefi Atta, como lemos no primeiro capítulo, deseja em *Tudo de bom vai acontecer* escrever sobre mulheres consideradas privilegiadas na Nigéria. Entretanto, ela pondera tais conclusões. Victoria é uma dessas mulheres e convive diariamente com humilhações, silenciamentos e negligências vindas de seu marido. Ela é culpada pela doença e morte de seu primeiro filho. Chamada de fanática por se agarrar a religião para conseguir conviver com a dor da perda e da reprovação social. Ali também é um espaço de socialização, pois está reclusa em casa, precisando educar sua filha. Caso Enitan falhe em algo como mulher o julgamento está em Victoria.

Minha mãe começou a falar em yoruba. Contou coisas horríveis sobre sangue e bebês e a razão de isso ser um segredo.

- Eu não vou me casar – falei.

- Vai, sim – disse ela.

- Não vou ter filhos.

- Vai, sim. Toda mulher quer ter filhos. [...]

- Por que está chorando? – perguntou ela.

- Não sei.

- Venha cá. Eu rezei por você e nada de ruim vai lhe acontecer.²⁵⁰

Ao longo de sua vida Enitan não entendia as dores, silêncios, teimosias e distâncias de sua mãe em relação a Bandele. “Se não presta para mim [Victoria], não presta para você [Enitan]. No dia que se der conta disso, estarei aqui à sua espera. O estrago já está feito. Você continua muito cega para perceber”²⁵¹. Respondeu à sua mãe quando ela se posicionou em defesa de seu pai, afirmando que, ao contrário do que Victoria dizia, Bandele era moralmente digno. Somente próximo dos 30 anos Enitan percebeu o que sua mãe lhe apontava. Victoria estava divorciada há anos e ainda lutava para que Bandele passasse a casa para seu nome. Ela preservava dores profundas de um marido que tivera um filho fora do casamento e que fez de um lar uma casa de ausências. Enitan não conseguia compreender como sua mãe vivera assim

²⁵⁰ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 27.

²⁵¹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 104.

até ela ir para a rua e sentir o peso dos olhares assediadores de homens, ter em dúvida sua inteligência e ser definida somente pela maternidade e casamento.

No momento em que ela descobriu sobre a existência de um irmão, trabalhava no escritório de seu pai. Diplomada em direito, dependia financeiramente de Bandele, o qual não a deixava encarregada de tarefas mais complexas. Ali, percebeu que fora testemunha a vida inteira de como seu pai “[...] levou minha mãe à loucura”²⁵². “Sempre acreditei que minha mãe tinha escolhido depender do meu pai. A prova disso eram seus diplomas guardados empoeirados. [...] O poder sempre tinha estado nas mãos do meu pai”²⁵³.

As memórias de infância de Enitan retornavam para uma Victoria que, por múltiplos motivos, reproduziu o papel esperado a ela. A partir do momento em que a protagonista compreendeu que talvez as maneiras de ser de sua mãe foram forjadas nas ausências de escolhas abriu possibilidade para perceber e se identificar com as múltiplas Victorias. No percurso que fez, Victoria, através de uma imagem de conformação da identidade de mulher que aprendeu a ser, sobreviveu, subverteu e enganou a todos da sua maneira²⁵⁴.

Sabia que minha mãe sofria por causa dos sacrifícios feitos durante a vida de casada e entendi por que se dedicou à igreja com tanto fervor. Se tivesse apelado para o vinho ou para a cerveja, seria chamada de bêbada. Se tivesse procurado outros homens, seria chamada de puta. Mas quem a censuraria por se dedicar a Deus?²⁵⁵

Com Sefi Atta é possível pensar em práticas de proteção e cuidado que perpetuam no tempo e atingem diferentes mulheres nigerianas no século XXI. Junto com Buchi Emecheta e Ayòbámi Adébáyò parece apontar para o que está relacionado em dizer mulher na Nigéria, as identificações e suas funções. Para Atta, Enitan é “[...] uma mulher nigeriana moderna que está em conflito com sua cultura patriarcal. Mas ela é uma narradora íntima, quase como se estivesse pegando sua mão e dizendo: 'Venha e veja’”²⁵⁶. E dentro desta concepção cabe processos de rompimentos com sofrimentos atingidos às mulheres. Contudo, *mulheres* estão situadas em estruturas sociais e de poder, locais tão diversos que suas experiências podem

²⁵² ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 166.

²⁵³ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 169.

²⁵⁴ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 198.

²⁵⁵ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 198.

²⁵⁶ “A modern Nigerian woman who is in conflict with her patriarchal culture. She is an intimate narrator though, almost as if she is taking your hand and saying: Come and see.” ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em 09 fev. 2022.

tanto como aproximar ou afastar umas às outras. Lidar com essas diferenças é constatá-las em movimentos, vivas, complexas, humanas.

4.2 SITUADAS

Será que Nnu Ego era uma mulher igbo²⁵⁷ tradicional? Por sua vez, as protagonistas Yejide e Enitan se identificariam como yorubás²⁵⁸ ou modernas? Modernas yorubás? Tais perguntas podem conduzir para a seguinte ideia. A formação sócio-histórica no continente africano se constitui por fronteiras bem definidas, em um pensar colonial, entre tradicional/barbarie, definido como um tempo antes da colonização, e moderno/civilizado, temporalidade localizada a partir do colonialismo europeu. Um problema de conceber a história da África em escalas de progresso criadas e pautadas na narrativa e temporalidade colonial é que, dessa maneira, evita-se reconhecer o continente a partir de processos históricos compostos por permanências, simultaneidades, transformações, rupturas, conflitos realizados em interações e dinâmicas internas e externas, próprios dos coletivos humanos²⁵⁹.

Se seguirmos esse pensar, as relações nas cidades de Lagos (Emecheta e Atta), Jos e Ilesa (Adebáyò), seriam *originárias* de formas disto ou daquilo e conseguiríamos apontar com exata precisão onde acaba uma e inicia outra. Por outro lado, a vida rural em Ibuza (Emecheta) iria ser definida a partir do enraizamento das tradições igbos construídas sem interações sociais para além da comunidade. Convido, com isso, a construirmos uma outra compreensão que parece ser mais frutífera para refletir sobre processos históricos, negociações e resistências que constroem a identidade mulher(es) em evidência neste capítulo. O ponto de partida é reconhecer que esse pensar significa a existência de culturas e

²⁵⁷ A seguir apresento algumas reflexões sobre a cultura igbo. No terceiro capítulo, problematizarei o conceito de etnia, seus usos, abusos e possíveis caminhos não coloniais.

²⁵⁸ Pessoas que se identificam como yorubá podem ser encontradas em países como Nigéria, República do Benim, Togo e em diversas diásporas. Na Nigéria, é um dos maiores grupos de pertencimento, concentrado principalmente no Leste nas cidades de Ile-Ife, Lagos e Ibadan. Destaco também a participação forçada de yorubás na diáspora africana para as Américas no período da escravidão (séculos XV a XIX). No Brasil, estão presentes em aspectos culturais, sociais e políticos referenciados, preservados e construídos por gerações de resistências negras. Enitan se identifica como yorubá. Já em *Fique Comigo* yorubá é a cultura que Yejide indica possuir as suas famílias. Cf.: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. **Historical dictionary of Nigeria**. The Scarecrow Press: Lanham; Toronto: Plymouth, 2009. ABIMBOLA, Wande. A concepção iorubá da personalidade humana. **Revista Olorun**, Porto Alegre, n. 3, p. 01-22, abr. 2011.

²⁵⁹ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 13-15.

identidades na África a partir de purezas e imutabilidades que expressam uma suposta autenticidade essencial africana²⁶⁰ ou uma assimilação total aos modos coloniais de vida. Busca-se outras compreensões que consigam abraçar os mundos em circulações, como abordado no capítulo anterior, que constrói o continente, mais especificamente, a Nigéria.

Nfah-Abbenyi²⁶¹, elabora uma análise sobre *As alegrias da maternidade* que é pertinente para o curso deste capítulo. Para a pesquisadora, Buchi Emecheta, por meio de Nnu Ego, descreve as migrações de Ibuza para Lagos no período colonial como deslocamentos culturais. Manter as formas de vida da sua comunidade de nascimento em Lagos é insustentável para a personagem. Existem dificuldades em ser a mulher que foi ensinada a ser. Dessa maneira, necessita entender que vive um complicado e doloroso processo, a transição “[...] da vida tradicional, rural, para a vida moderna, pós-colonial nas cidades”²⁶². Para além disso, seria também uma alegoria dos (des)encontros culturais em trânsitos na Nigéria da década de 1970? Escrever sobre o tema a partir da Nigéria inserida na experiência do colonialismo inglês entre 1930 e 1940 apontaria para um processo histórico que deve ser analisado para refletir sobre as mulheres a qual Emecheta observava, lembrava, representava e imaginava no momento de criação da obra?

A imigração europeia no continente africano não fora intensa até a década de 1880. As regiões costeiras, desde pelo menos o século XVI, já comercializavam com os europeus. Esses embrenhavam-se nos territórios principalmente através de iniciativas isoladas, missões cristãs, companhias privadas e contatos com comerciantes e governantes da África. As africanas e africanos lidavam com a presença estrangeira, tanto de europeus como de árabes, com variações de região para região, permanecendo a maioria com as suas autonomias. Até as duas últimas décadas do século XIX, muitas africanas e africanos habitantes para além do litoral reconheciam os europeus como pessoas de passagem e os associavam as suas crenças e estereótipos ao estrangeiro. Contudo, a partir de 1880 até 1914 ocorreu uma aceleração da invasão europeia no continente africano.²⁶³

²⁶⁰ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

²⁶¹ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. *Gender in African women's writing: identity, sexuality, and difference*. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

²⁶² “From traditional, rural life to modern, post-colonial life in the cities.” NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. *Gender in African women's writing: identity, sexuality, and difference*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 36. Ebook.

²⁶³ M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

De acordo com o historiador congolês Elikia M'Bokolo²⁶⁴, um dos fatores que possibilitaram a aceleração da invasão europeia foram as imagens inventadas pelos europeus sobre o continente, cada vez mais negativas, que cresciam de acordo com os interesses colonizadores. Assim, para o historiador, sociedades científicas, poderes públicos e imprensa popular encorajaram as expedições. De 1850 a diante, teses racistas se disseminavam na Europa e nos Estados Unidos da América as quais dividiam os seres humanos em raças superiores e inferiores, relacionando-as com as culturas e o entendimento delas a partir de parâmetros evolucionistas²⁶⁵. A cultura europeia era moderna, seu contrário eram as tradicionais, fadadas a imobilidade, atraso e passado²⁶⁶. Dessa maneira,

[...] ficavam legitimadas a colonização, muito antes da corrida aos territórios, e todas as teorias sobre a incapacidade congênita dos africanos em igualarem os brancos em matéria de desenvolvimento técnico e econômico ou de organização política, teorias essas que iriam durar muito para lá da colonização.²⁶⁷

As ações colonizadoras legitimadas a partir da ideologia da diferença e superioridade cultural europeia estavam alinhadas, no século XIX, a um processo de construção e consolidação dos nacionalismos europeus que necessitavam de um império para legitimar seus imaginários de grandezas entre si e para o mundo que projetavam como seu espelho²⁶⁸. Um dos objetivos da colonização era, então, “[...] inscrever os colonizados no espaço da modernidade”²⁶⁹. Em outras palavras, inserir a África em uma economia mundial liderada pelos europeus, focada em seus interesses, através da introjeção de valores, costumes, comportamentos e pensamentos mantenedores do controle da Europa²⁷⁰.

²⁶⁴ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

²⁶⁵ Parâmetros desiguais que classificam as culturas em menos ou mais avançadas. A comparação possui como referência a cultura europeia, considerada, pelos colonizadores, o modelo a ser seguido e imposto a outros povos. Cf.: LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 08-23.

²⁶⁶ BAGODO, Obarè. Saberes endógenos e desafios da modernidade. In: HOUNTONDJI, Paulin J. (org.). **O antigo e o moderno: a produção do saber na África contemporânea**. Mungualde: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2012, p. 53-70.

²⁶⁷ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 323.

²⁶⁸ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

²⁶⁹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 175.

Em contrapartida, os movimentos nacionalistas africanos mobilizaram, nas lutas anticolonialistas do século XX, discursos que se reapropriaram da diferença cultural que “estava no centro das teorias coloniais da inferioridade e da desigualdade” como uma maneira de se autodefinir a partir da ideia de uma cultura autêntica que percorria todo o continente²⁷¹. Dessa maneira, as múltiplas culturas que compõem o continente africano, segundo Mbembe²⁷², foram reunidas em uma unidade – a africana –, racializada e ancorada em uma perspectiva de recuperação de maneiras de pensar, ser e fazer anteriores a colonização, composta, desde a sua origem, sem influências externas.

Por trás desse discurso da diferença existia uma “rejeição ou fetichização de tudo o que é estrangeiro” e uma tradução de “qualquer novidade em termos antigos – o que permite negá-la ou neutralizá-la”²⁷³. Dessa forma, a busca pela afirmação das humanidades de mulheres e homens da África, contrária a uma perspectiva colonialista que os retirava deste círculo, construíram uma maneira de inscrição que se constituía a partir da sua singularidade cultural. Ao fim, “[...] o discurso negro consistia em retomar, internalizar e empregar a benefício próprio a ideologia [colonial] da diferença cultural”²⁷⁴.

Sem deixar de lado a relevância de imaginar passados, exercer outras formas de vida e constituir projetos de “restituição, reparação e justiça”²⁷⁵, Mbembe sugere pensar outras maneiras de cura dos processos históricos traumáticos que compõem a história da África²⁷⁶. Entre elas, reconhecer “o outro em si” e de que “não existe identidade negra tal como existem os Livros Revelados. Há uma identidade em devir que se alimenta ao mesmo tempo das diferenças entre negros, sejam étnicas, geográficas ou linguísticas, e das tradições herdadas do encontro com Todo-Mundo”²⁷⁷.

²⁷⁰ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

²⁷¹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 159.

²⁷² MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 175.

²⁷³ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 169.

²⁷⁴ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 160.

²⁷⁵ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 309.

²⁷⁶ O autor não deixa de perceber a relevância desse movimento de recuperação e reversão do nome “negro” dentro do processo histórico da retomada da humanidade por aqueles e aquelas empurradas violentamente a assumirem essa posição, e seus sentidos, fantasmas e imaginários no Ocidente. Cf.: MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

²⁷⁷ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 171.

A Nigéria em Atta e Ayòbámi é retratada através dos seus centros urbanos e das múltiplas culturas que o compõem²⁷⁸ a partir de mulheres situadas em lugares sociais diferentes das que Buchi Emecheta narra. Espaços construídos também nas relações históricas com modos de viver que passam pelo Ocidente, as suas violências, desejos e resistências.

Milhões de pessoas viviam em Lagos. [...] Havia um barulho constante de carros, canos de descarga pipocando, motores batendo pino, gente que ia de casa para o trabalho de ônibus e vice-versa. [...] Havia inúmeros outdoors: Pepsi, Benson and Hedges, Daewoo, Macarrão Instantâneo Indomie, Dirija com Cuidado, Lute Contra o Abuso Infantil. Todos os cheiros se fundiam em um: pele suada e gases de escapamento.²⁷⁹

Em Ilesa, Yejide ia e voltava de seu trabalho como proprietária em um salão de beleza. Lá obtinha sua renda que junto com o salário de seu marido, gerente de banco, os possibilitava morar em um condomínio com muros altos para se proteger dos assaltos recorrentes. No condomínio, “[...] todos éramos civilizados e modernos em nossas casas de dois andares, tocando a buzina quando passávamos de carro uns pelos outros”²⁸⁰. Essas pessoas se diferenciavam das que viviam no meio rural. Eram integrantes de famílias que, por gerações, estavam em atividades ligadas à administração pública e níveis mais elevados de educação institucional, como advogados e bancários, e possuíam diplomas universitários da Nigéria e do exterior, principalmente dos Estados Unidos da América ou Inglaterra²⁸¹.

Alguns centros urbanos já existiam no continente africano anterior as invasões europeias. Contudo, “[...] a colonização alterou totalmente o movimento de urbanização e a paisagem urbana da África em função das suas próprias necessidades”²⁸². As imposições e exigências coloniais, como cobranças de impostos e obrigação de cultivo de certos alimentos para exportação, sobre muitas mulheres e homens que viviam através da agricultura, forçaram ao êxodo rural, principalmente entre as décadas de 1940 a 1950. Crescimento que ocorreu de maneira diferente em cada região, os migrantes eram em sua maioria homens, de diversos

²⁷⁸ A maioria das cidades na Nigéria são compostas por diferentes grupos de pertencimento. Ao todo, o país integra cerca de 250 grupos étnicos-linguísticos. Cf.: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. **Historical dictionary of Nigeria**. The Scarecrow Press: Lanham; Toronto: Plymouth, 2009.

²⁷⁹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 109.

²⁸⁰ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 85.

²⁸¹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018; ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b.

²⁸² M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 500.

grupos sociais e culturais, que avistavam nas regiões urbanas melhores condições de vida, possibilidade para pagar impostos e os dotes das noivas. Mesmo longe de seus lugares de nascimento preservavam seus vínculos com eles.²⁸³

Nnaife é um desses homens. Ele traz Nnu Ego para Lagos que, por sua vez, procura perpetuar a maneira de viver em Ibuza, identificando diferenças entre ela e outras mulheres que de diversos lugares da Nigéria e até da Inglaterra constroem a cidade. Tradições, costumes, saberes, conhecimentos, práticas, saberes-fazeres construídos nos processos endógenos da África, muitos em uma escala de longa duração, a partir de suas conexões entre si e com diferentes lugares do mundo para além da Europa²⁸⁴. De acordo com cada região do continente, maneiras de gerir, produzir e continuar a vida impactadas, adaptadas, transformadas em outras, inventadas, ou não, a partir, e apesar, do colonialismo europeu.

Emecheta apresenta no romance pistas do que define como tradições. A partir de Nnu Ego é possível perceber que são valores que guiam sua vida, costumes de um lugar “onde sua gente havia vivido por cinco, seis, sete gerações sem mudar coisa alguma”²⁸⁵. É provável que quando evoca as tradições em seu livro a autora esteja apontando para valores e costumes que se legitimam na ideia de continuidade. No fazer, sentir, imaginar, prever que passa por conjuntos de elementos construídos por uma coletividade e para preservá-la.

Em *As alegrias da maternidade* eram os modos de viver das pessoas localizadas em Ibuza que se identificavam como igbos. Desse modo, a compreensão que Nnu Ego possui sobre o que significa ser mulher, dos seus papéis e responsabilidades, está inserida em um espaço que se organizava em pequenos núcleos sociais e tinha na agricultura e no comércio o seu principal meio de sobrevivência²⁸⁶. Emecheta parece trazer críticas ao que identifica como seu lugar de pertencimento social e cultural sem deixar de evidenciar o que de valioso considera que ele possua para persistir em lembrá-lo e transmitir a outras pessoas.

Nesse lugar, a maternidade e o casamento são um dos aspectos que constroem as identidades de mulher e homem²⁸⁷. Possuir filhos é importante para a cultura igbo, pois, além de manter e aumentar a vida humana, garante que tudo o que fora conquistado continue no

²⁸³ M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

²⁸⁴ BAGODO, Obarè. Saberes endógenos e desafios da modernidade. In: HOUNTONDI, Paulin J. (org.). *O antigo e o moderno: a produção do saber na África contemporânea*. Mangualde: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2012, p. 53-70.

²⁸⁵ EMECHETA, Buchi. *As alegrias da maternidade*. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 66.

²⁸⁶ EMECHETA, Buchi. *Preço de noiva*. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

âmbito espiritual²⁸⁸. Nas palavras do pesquisador nigeriano E. Elochukwu Uzukwu, para os igbos,

[...] a finalidade da vida é a espiritualização (plenitude da vida). A pessoa é completamente espiritualizada quando se torna um ancestral. Um homem sem filhos pode ter vivido uma boa vida (uma das condições para ser um antepassado), pode ser rico, mas não tem um filho para realizar os ritos mortuários necessários para sua indução na terra dos antepassados.²⁸⁹

De acordo com Uzukwu²⁹⁰, não é possível reconstruir uma origem dos igbos²⁹¹, localizados nas regiões leste, centro-oeste e partes do sul da Nigéria. O nome pode se referir a como as pessoas de fora das comunidades identificavam aqueles que falavam igbo, tornando-se o próprio nome de sua autoidentificação. Os igbos espreitaram relações com os europeus desde o século XVI através do comércio de pessoas escravizadas levadas para as Américas. Reunidos em organização política descentralizada a partir de famílias, aldeias e clãs, além do comércio de escravizados, trabalhavam com a agricultura e comercializavam inhame, óleo de palma, fruta-pão, tecidos, peixe e produtos do ferro.

Além disso, segundo o autor, a vida para os igbos é compreendida na relação entre os seres humanos e espíritos, e precisa ser cuidada²⁹². A preservação da vida dos membros da família, aldeia e clã é um valor a quais outros estão ligados e as pessoas se relacionam de

²⁸⁷ NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women's writing**: identity, sexuality, and difference. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

²⁸⁸ UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, v. 5, n. 3, set. 1982, p. 188–209.

²⁸⁹ “The finality of life is spiritualization (fullness of life). One is completely spiritualized when one becomes an ancestor. A childless man might have lived a good life (one of the conditions for being an ancestor), might be rich, but he does not have a child to perform the mortuary rites necessary for his induction into the land of ancestors.” UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, v. 5, n. 3, set. 1982, p. 204.

²⁹⁰ UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, v. 5, n. 3, set. 1982, p. 188–209.

²⁹¹ Artefatos arqueológicos indicam a ocupação de povos igbos na Nigéria em cerca de 4.500 anos atrás. Cf.: UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982.

²⁹² Ezukwu explica que a realidade igbo se estabelece da seguinte maneira: Chi/ Chukwu (a fonte de vida), chi (personalidade emanada e parte de Chi/ Chukwu encarregada pelo destino pessoal do indivíduo), ancestrais (estão próximos à Chi/ Chukwu, guardiãs da vida da comunidade) e espíritos (favorecem ou não a continuidade da vida). Cada indivíduo é o retorno de um ancestral, expresso no físico e personalidade, que pode ser alguém mais velho que está vivo, espírito local, espíritos malignos, ou uma pessoa que fez parte da comunidade, foi a amado por essa e teve uma vida plena. Dessa maneira, a vida de cada indivíduo está ligada a Chi/Chukwu, chi e a família ou linhagem. Cf.: UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982.

maneira hierarquizada e participativa. Viver bem e de maneira plena é, portanto, conquistar “longa vida e descendência, riqueza, *status* ancestral”²⁹³. Para isso, é necessário equilíbrio.²⁹⁴

O mundo de Nnu Ego não estava em equilíbrio. Em Ibuza, Nnu Ego receberia a ajuda de muitas mulheres para cuidar dos seus filhos. Assim, poderia exercer outros trabalhos, como na agricultura e comércio, para viver de maneira digna. A vida em comunidade seria um apoio também para as dificuldades e desafios com seu marido. Recorrer-se-ia ao coletivo para mediar conflitos conjugais e resolvê-los. Na aldeia, viveria na sua própria cabana, compartilhada com seus filhos. Sobretudo, não passariam fome, pois a vida em Ibuza precisa ser preservada. No entanto, em Lagos, estava

[...] no mundo dos brancos²⁹⁵, onde é dever do pai sustentar a família [...] Em Ibuza as mulheres contribuíam, mas na urbana Lagos os homens tinham de ser os únicos provedores; esse novo cenário privava a mulher de seu papel útil. Nnu Ego disse para si mesma que a vida que se permitira levar quando tinha o bebê Ngozi fora muito arriscada: estava tentando ser tradicional num cenário urbano.²⁹⁶

No trecho anterior, Nnu Ego reflete sobre a responsabilidade que entendia possuir pela morte de Ngozi, seu primeiro filho, e o que faria de diferente com o segundo, Oshia. Para Nnu Ego de maneira imprudente buscou dividir sua atenção entre a maternidade e a venda de cigarros e produtos pequenos perto de sua casa, tarefa de importância para a economia do lar, como se fazia em Ibuza. Entretanto, em Lagos os valores da cultura do colonizador organizavam o mundo. Nesse pensamento, era obrigação do pai prover economicamente a família. A mulher estava restrita a casa como a única responsável pelos cuidados dos filhos. Assim, Buchi Emecheta indica a experiência de que imposições coloniais mudaram as funções e hierarquias para mulheres como Nnu Ego²⁹⁷.

²⁹³ “Long life and progeny, wealth, ancestral status.” UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982, p. 205.

²⁹⁴ UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982.

²⁹⁵ Como a autora identifica a Lagos regida por normas, valores e costumes da cultura do colonizador britânico.

²⁹⁶ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 117.

²⁹⁷ OYÈWÙMI, Oyèrónké. O fardo da mulher branca: mulheres africanas no discurso ocidental feminista. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2020, p. 145-167; OYÈWÙMI, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Os choques entre o saber-fazer da Europa e o da África, para M'Bokolo²⁹⁸, impôs outras práticas culturais no continente africano. Para a introdução da cultura dos brancos a religião e a educação, ligada às instituições coloniais, foram elementos importantes da política colonial. No caso da primeira, foi um cristianismo exportado do colonizador no final do século XIX que também inseriu outras necessidades, percepções de mundo, de gênero e diferenças entre gerações de africanas e africanos.

Uzukwu²⁹⁹ sugere o que poderia significar a conversão ao cristianismo³⁰⁰ para os igbos. Missionários cristãos e instituições como a Sociedade Missionária Cristã³⁰¹ se instalaram nos territórios igbos, a partir do século XIX, e constituem a maior mudança forçada em suas sociabilidades. Para o autor, as conversões em massa de igbos ao cristianismo advêm da imposição frente ao militarismo colonial e da fragmentação das aldeias. Mas, também, que junto aos missionários vinham as escolas.

Os igbos relacionavam a educação colonial com a sua percepção da relevância do sucesso e do progresso para alcançar prestígio social. A plenitude da vida somente acontece quando ela está sob controle. “Assim, a educação e a conversão tornam-se o meio de restabelecer este equilíbrio”³⁰². Receptivos a mudanças que observavam criar benefícios, não significou que se transformaram radicalmente. As práticas do Ocidente eram insuficientes.³⁰³

Nos centros urbanos, as cidades se dividiam conforme os intentos dos europeus. De acordo com M'Bokolo³⁰⁴, os melhores bairros eram reservados a população branca com construções ao estilo colonial e sedes administrativas. Ao longe, estavam muitos africanos

²⁹⁸ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

²⁹⁹ UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982.

³⁰⁰ Com diversas manifestações religiosas, advindas de distintas culturas, o islamismo influenciou a região a partir do século XI, já o cristianismo chega no século XIX com os colonizadores europeus. No século XXI, são essas as religiões da maioria das nigerianas e nigerianos (principalmente o cristianismo ao sul; islamismo ao norte). Cf.: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. **Historical dictionary of Nigeria**. The Scarecrow Press: Lanham; Toronto: Plymouth, 2009.

³⁰¹ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

³⁰² “Thus education and conversion become the means of reestablishing this equilibrium.” UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982, p. 193.

³⁰³ UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982.

³⁰⁴ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

que habitavam a miséria e pobreza. Assim, formou-se um grande contraste entre bairros ricos e zonas de pobreza que caracteriza diversas cidades africanas após a saída dos brancos, como Lagos.

A partir dos centros urbanos é possível perceber as construções de desigualdades e distanciamentos econômicos, culturais e sociais que informam sobre as diferentes mulheres narradas nas obras literárias aqui analisadas. Ao que parece, por meio dos romances, um dos elementos que difere as nigerianas que vivem em centros urbanos, além das suas aquisições materiais, com quem está casada, ou possui relações próximas, são os níveis educacionais que teve acesso ao longo de sua vida. Através da colonização a educação vinculada às instituições de ensino ocidentais se tornou um meio de mobilidade e prestígio social aquém das regras culturais dos grupos sociais que compunham a África³⁰⁵. Em outras palavras, “[...] o nível de estudos alcançado no sistema educacional ocidental e o conhecimento de línguas europeias tornaram-se novos critérios do *status* social, inseparáveis do nível salarial e do prestígio inerente ao cargo ocupado”³⁰⁶.

Os europeus desprezaram os sistemas educacionais africanos fundados na oralidade, ritos de passagem, iniciações e aprendizagens com os mais velhos que ensinavam o que era preciso para viver, se comportar socialmente, conhecer e perpetuar as ciências de seus antepassados. “Para os colonizadores, o método europeu de escolarização era o único meio de aceder à civilização”³⁰⁷. A partir de 1914, as metrópoles europeias passaram a investir na construção de um sistema educativo (ensino primário, secundário, superior e cursos técnicos), inicialmente administrado pelas Igrejas. Seu objetivo era estabelecer um controle colonial através do que compreendiam como assimilação a cultura do colonizador. Além disso, fornecer homens necessários para ocupar funções como técnicos, auxiliares e administradores em cargos submetidos aos mandos dos brancos.³⁰⁸

Os brancos temiam que a educação se tornasse um meio de ascensão social para os negros e de contestação da dominação europeia. Dessa forma, os ensinamentos durante a colonização eram separados entre colonizadores e colonizados com reconhecimento diferente

³⁰⁵ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

³⁰⁶ HABTE, Aklilu; WAGAW, Teshome. Educação e mudança social. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (org.). **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 818.

³⁰⁷ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 510.

³⁰⁸ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

entre diplomas das colônias e das metrópoles. Os europeus também se importavam com a formação dos chefes autóctones e de seus filhos na educação colonial “[...] a fim de fazer deles verdadeiros esteios da administração colonial”³⁰⁹.

Nas colônias britânicas, a partir de 1927, o ensino dos primeiros anos ocorria nas línguas maternas e depois, até o final, se realizava em inglês. Entretanto, grande parte dos que chegavam aos níveis mais elevados de escolarização eram homens, filhos de pessoas que poderiam sustentar financeiramente os estudos, já que a maioria das escolas eram privadas. Além de conseguirem investir em viagens para a Grã-Bretanha, a fim de concluir os estudos iniciados na Nigéria em escolas filiadas à Universidade de Londres e ingressar em um curso superior. Dessa forma, desenvolveu-se um meio propício para a criação de elites na África. Na década de 1970, o ensino e domínio da língua colonial continuavam restringidas a uma porção de indivíduos e era rara nas zonas rurais.³¹⁰

Desde 1958 com a descoberta do petróleo na região do Delta do Níger, ele é o principal fator de riqueza da Nigéria, acumulada principalmente por funcionários do Estado, empresas estrangeiras e seus intermediários no país ³¹¹. Anterior a isso, ocorreu a formação de uma elite³¹² composta por homens e mulheres educados na Europa que pressionaram, a partir da década de 1930, o governo colonial para mudanças como a entrada de nigerianos na administração do protetorado.

Desse modo, as pressões sociais realizadas através de discursos nacionalistas negociaram reformas institucionais com os colonizadores, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, aumentando a autonomia das mulheres e homens vinculados à uma identidade nacional nigeriana em construção. O objetivo, então, era mudar o governo dos britânicos para os nigerianos com propostas seguindo para diferenciados caminhos: retirada dos britânicos imediatamente ou trabalho com eles para uma transição gradual. A partir de movimentos paulatinos a independência do país ocorreu no dia primeiro de outubro de 1960. A disputa do poder foi realizada entre partidos políticos nigerianos que já vinham se construindo a partir de diferenças demarcadas regionalmente e de pertencimento. Além disso,

³⁰⁹ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 513.

³¹⁰ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

³¹¹ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

³¹² Para os historiadores, esse grupo social já vinha se relacionando com os europeus ao longo da colonização e, de certa forma, colaborado com eles em prol de seus próprios interesses.

independência política não significou autonomia econômica, com as exportações da agricultura e petróleo controlados pela Europa, assim como tecnologias e conhecimentos.³¹³

Segundo Chuku³¹⁴, a partir dos preceitos cristãos nas escolas coloniais as meninas na Nigéria aprendiam a se comportarem de acordo com um ideal de mulher ligada às estruturas de ser, pensar e fazer europeus. Aos meninos era reservado aprender sobre conhecimentos necessários para atuar na Nigéria, construindo-se como profissionais voltados às burocracias coloniais e líderes. Para a autora, “[...] como resultado, um bom número de homens nigerianos adquiriu a arrogância de uma sociedade ocidental dominada pelos homens, que foi reforçada pelas sensibilidades patriarcais existentes”³¹⁵. Em *As alegrias da maternidade* são eles que estudam e vão para a universidade no exterior. As meninas são ensinadas a cuidar da casa e esperar pelo casamento.

Ainda com Chuku³¹⁶, as mulheres, além de serem condicionadas a modos de ser que remetem a uma Grã-Bretanha Vitoriana, foram incentivadas a tirar proveito da educação colonial, construindo vantagens e hierarquias entre si de acordo com o nível de escolarização. Sendo assim, o colonialismo e a educação advinda dele tiveram efeitos contraditórios em algumas mulheres na Nigéria. De um ponto de vista, isso “[...] desencadeou oportunidades econômicas e reformas sociais que ajudaram as mulheres a melhorar seu *status* na sociedade”³¹⁷. Por outro lado, “[...] minou o *status* da mulher e as sujeitou a condições de dependência”³¹⁸.

³¹³ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

³¹⁴ CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

³¹⁵ “As a result, a good number of Nigerian men acquired the arrogance of a male-dominated Western society, which was reinforced by existing patriarchal sensibilities.” CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 280.

³¹⁶ CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

³¹⁷ “Colonialism unleashed economic opportunities and social reforms that helped women improve their status in society.” CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 279.

³¹⁸ “Undermined women’s status and subjected them to conditions of dependence.” CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 279.

A educação vinculada às instituições coloniais, das escolas a universidades, passaram por processos de ressignificações dentro da Nigéria. Muitos espaços ligados a objetivos relacionados as buscas por controle e permanências de poderes coloniais não permaneceram com os mesmos sentidos, currículos e intenções após a independência. Apesar de que reformas que transformem práticas educacionais ainda com referências coloniais continuem sendo necessárias no século XXI, a compreensão da educação como um meio para forjar pessoas para a independência, e almejada unidade nacional, estava presente.³¹⁹

Desde 1960 os dirigentes de diferentes países africanos, inclusive a Nigéria, se esforçam para ampliar e reformar as instituições de ensinos outrora organizadas pela administração colonial. Na década de 1980, já era possível perceber um aumento da escolarização primária. Contudo, o ensino secundário e universitário, levado para diferentes regiões nigerianas, não apresentavam os mesmos resultados. No começo do século XXI, essas perspectivas continuam. Ou seja, há uma certa universalização do ensino primário e desigualdades de acesso ao secundário e principalmente ao universitário. Ainda, homens, em relação a mulheres, são os que mais estão presentes nesses espaços.³²⁰

As personagens principais em Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò frequentaram universidades na Nigéria e além do continente africano. Transitam pelas ruas de Lagos e Ilesa todos os dias e viajaram, ou moraram, na Europa. Trabalham em escritórios e nos seus próprios negócios. Quando chegam em casa cozinham ensopados. Não raras vezes, discutem com seus maridos sobre tarefas que são impostas a elas. No final da noite, continuam sofrendo pela “[...] falta de maridos, maus maridos, namoradas dos maridos, mãe dos maridos”³²¹. Elas se entendem como mulheres nigerianas, civilizadas e modernas. Em contrapartida, estão as mulheres identificadas como “incivilizadas e um pouco insanas”, empobrecidas, que não tiveram acesso à educação institucional ou não reproduzem modos ocidentais³²².

Por outro lado, do alto de suas capacidades de se sentirem superiores, porque habitantes de mundos privilegiados pelo Ocidente, Yejide e Enitan não conseguem se esconder por toda a vida por terem o corpo com marcadores da desigualdade. Também são

³¹⁹ ADE-AJAYI, Jacob. F.. Historical education in Nigeria. *Journal of the historical society of Nigeria*. Ibadan, n. 1, v. 8, p. 3-8, dez. 1975; HABTE, Aklilu; WAGAW, Teshome. Educação e mudança social. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (org.). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 817-846.

³²⁰ HABTE, Aklilu; WAGAW, Teshome. Educação e mudança social. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (org.). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 817-846.

³²¹ ATTA, Sefi. *Tudo de bom vai acontecer*. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 216.

³²² ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. *Fique comigo*. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 42.

julgadas, assediadas, estupradas, inferiorizadas e desumanizadas por serem mulheres em seu país e mulheres negras quando estão na Europa³²³. Atta e Adébáyò, escrevendo a partir de uma história dos finais do século XX, repercutem sobre as diferenciações e hierarquias entre as mulheres nigerianas que não viveram o período colonial. Quais os motivos de lembrar e escrever sobre essas diferenças, enfatizando as econômicas e educacionais?

O historiador M'Bokolo³²⁴ entende a invasão e permanência da colonização europeia na África, principalmente do final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, através da utilização da tríade missionários cristãos, administração colonial e companhias privadas em prol do controle dos colonizadores. Assim, modos de gerir a força de trabalho humana, os recursos naturais, os saberes e conhecimentos não se separam³²⁵. O cristianismo colabora na inserção, gradual e heterogênea, de muitas africanas e africanos em uma maneira de pensar o mundo capitalista. Modo que desestabilizou hierarquias de poder endógenas e construiu outras³²⁶. Nas palavras de Chuku³²⁷, “[...] a presença ocidental provocou mudanças no sistema de valores onde a riqueza material se tornou um determinante importante do poder e do reconhecimento na sociedade [africana]”.

Enitan, no final do romance, foi presa em Lagos por participar de uma reunião de artistas contra a ditadura militar do General Sani Abacha no ano de 1995. Na prisão, ela se deparou com uma mulher empobrecida sem meias palavras. Chamada de Mãe das Prisões, a personagem nomeou o que as diferenciava. Face a face com Enitan, de dedo em riste, disse:

Advogada? E nunca tinha visto uma cela de prisão por dentro? É uma advogada de merda. Uma advogada de merda. Eu trabalhei para uma advogada exatamente como você. Uma verdadeira afro-europeia. Falava como se tivesse uma batata na boca. [...] Uma europeia. Dá para ver. Nunca pensei que veria alguém assim aqui. [...] Vocês não nos consideram suas iguais. Olham para nós e pensam que parecemos verdadeiros animais.³²⁸

³²³ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b.

³²⁴ UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, [s.l.], v. 5, n. 3, p. 188–209, set. 1982.

³²⁵ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

³²⁶ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

³²⁷ “The Western presence brought about changes in the value system where material wealth became a major determinant of power and recognition in society.” CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 281.

Sefi Atta aparenta utilizar da sua observação para narrar sobre mulheres que se diferenciam pelas posições de mando e prestígios nas estruturas capitalistas, capacidade de consumo e comportamentos identificados como não-africanos. Essas diferenças são mecanismos de acesso e manutenção de poderes, como aponta a Mãe das Prisões, provavelmente no século XXI.

Nesse contexto, vale ressaltar a reflexão de Enitan:

Dizia-se que não havia classe média em um país como o nosso, apenas a elite e o povão. [...] Nossa sociedade estava um passo atrás em comparação com aquelas pelas quais seríamos definidos. A elite nigeriana era formada pela classe média. Poucos, como funcionários do governo ou ex-governo, possuíam o tipo de riqueza que elites no restante do mundo tinham. A classe média, por sua vez, era formada pelos trabalhadores, e o povo, por pobres.³²⁹

Atta apresenta a complexidade que se deve encarar ao buscar refletir sobre as desigualdades sociais na Nigéria. A autora parece apontar para as dificuldades de definir a elite nigeriana, uma minoria detentora de poderes materiais e simbólicos, sem analisá-la em perspectiva com as do Norte Global. Enitan e Yejide, em *Fique Comigo*, não se consideram da elite, mas, sim, da classe média da Nigéria. Como Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò identificam esta classe média? Como ocorre o processo de diferenciação entre a classe média, a elite e o povo para as escritoras? Quais os motivos para a necessidade de diferenciar classe média e elite?

De certa maneira, as experiências de Atta e Adébáyò colaboram para uma reflexão da Nigéria como integrante do Sul Global. Uma elite nigeriana, enriquecida principalmente pela exportação de petróleo, é questionada em relação ao poder daqueles que estão e formam o Norte Global. Os ricos em Emecheta são os brancos.

O oitavo capítulo de *As alegrias de maternidade* possui o título que marca a condição de Nnu Ego na Lagos colonial: “Os ricos e os pobres”³³⁰. “Você se comporta como um escravo”, diz Nnu Ego para Nnaife se referindo a sua relação de lavador de roupas de uma mulher branca, a senhora Meers. “Você chega para ela e diz: Por favor, madame crá-crá, posso dormir com a minha esposa hoje?”. Indignada e envergonhada Nnu Ego finaliza: “quero viver com um homem, não com um homem mandado por mulher”³³¹. Por sua vez,

³²⁸ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 296; p. 298.

³²⁹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 248.

³³⁰ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 119.

³³¹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 71-72.

Nnaife a repreende, “como eu disse antes, você precisa fazer o que eu lhe digo”, porque foi Nnaife que a fez e a faz mulher³³². A cena é comentada pela amiga Cordelia: os maridos são escravizados pelos brancos, nós somos escravizadas pelos nossos maridos. “A única diferença é que eles recebem algum dinheiro pelo que fazem, em vez de serem comprados”³³³, citando o dote de noiva³³⁴.

Anteriormente pontuei que modos de gerir a força de trabalho humana, os recursos naturais, os saberes e conhecimentos não se separam nas relações coloniais³³⁵. Acrescento neste momento, através da passagem anterior, que a racialização e gênero também não estão apartadas desse padrão de poder³³⁶. As hierarquias de gênero, e seus impactos nas condições materiais das mulheres na Nigéria, complexificaram-se quando Nnu Ego se estabeleceu na Lagos colonial. Seu marido tem poder sobre ela; a mulher branca sobre Nnaife; e Dr. Meers, o homem branco, está acima de todos nesta estrutura. Buchi Emecheta, escrevendo da Inglaterra, lugar em que a sua epiderme, traços físicos e origem determinava quais e como seriam seus acessos, ou não, a direitos, à vida, ao reconhecimento e respeito social, lembra aos seus contemporâneos uma Nigéria colonial há pouco deixada oficialmente para trás. Quais eram os vestígios desse passado presentes em seu tempo que a impulsiona a escrever sobre ele quando pensava em mulheres?

Por outro lado, vale dizer, não é igual à opressão entre Nnu Ego e a senhora Meers quando o assunto é a relação com seus maridos. Através da estrutura de poder, alicerçada na raça, essas mulheres são diferentes. Até mesmo o lugar de mulher pode ser negado a Nnu Ego no pensamento ocidental. “Devido ao racismo, o modo como gênero é construído para

³³² EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 72.

³³³ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 73.

³³⁴ Negociação e oferta realizada pelo futuro marido à família da mulher para conquistar a permissão e poder realizar o casamento. De acordo com Emecheta, em seu tempo o dote era pago em dinheiro, influenciado pelo colonialismo e as novas compreensões sobre riqueza. O dote da noiva é um dos consolos de se ter uma filha. Conta a autora que pelo costume igbo se o casamento se realizar alheio a ele a esposa não sobrevive no parto do primeiro filho. Cf.: EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018; EMECHETA, Buchi. **Preço de noiva**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

³³⁵ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

³³⁶ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130; OYÈWÙMÌ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

mulheres negras difere das construções da feminilidade branca”³³⁷. Ademais, a identidade de mulher de Nnu Ego se constitui no entrelaçamento de distintas formas de opressão. A opressão racial e de classe é compartilhada com Nnaife³³⁸.

A história do capitalismo é a da construção do sujeito racial. Convertido em humano mercadoria, moeda e objeto, por sua vez tem na experiência do tráfico negreiro, séculos XV a XVIII, uma possível datação inicial³³⁹. Para explorar humanos, nomeados negros, e tornar suas energias em trabalhos, foram necessários subsidiar imaginários, visões e desejos a partir da raça, do qual negro é sinônimo³⁴⁰. É o meio que possibilita a manutenção das fantasias e desejos que tem na exploração do outro, dos outros, o seu alicerce³⁴¹. Assim, foram impostas divisões de trabalho através da raça, produzindo um padrão de imaginário e organização racial das classes sociais^{342, 343}.

A Lagos que Buchi Emecheta retrata, por meio das imagens da colonização, é um mundo dividido entre quem possui condições materiais e simbólicas e outros, por sua vez, que possuem muito pouco ou quase nada. A isso a escritora conecta a raça. De acordo com

³³⁷ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Cobogó: Rio de Janeiro, 2019, p. 101.

³³⁸ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Cobogó: Rio de Janeiro, 2019.

³³⁹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁴⁰ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁴¹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁴² Consoante Edward Palmer Thompson, classe é um fenômeno histórico que emerge a partir de experiências comuns compartilhadas entre sujeitos dentro de uma formação cultural, social e econômica específica. “A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção” em que mulheres e homens estão inseridos. Definida pelos sujeitos “enquanto vivem sua própria história” (THOMPSON, 1987, p. 12), a classe deve ser pensada em relação com outras. É um processo no qual os sujeitos constroem uma identidade a partir de seus próprios interesses, vinculados às suas posições coletivas nas estruturas econômicas não apartadas das, e também produzindo, realidades sociais, culturais e políticas que podem conter experiências de exploração ou a busca pela manutenção de poderes. Em suma, “se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas” (THOMPSON, p. 277, 2001). A classe, e a definição e entendimento que se tem dela por quem a vive, também constroem, e é construída, por valores, modos de vida, expectativas, costumes, significados e sentidos compartilhados e conferidos a uma identidade de classe. É essa conceitualização que conduz as reflexões sobre o tema neste trabalho. Cf.: THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. v.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; THOMPSON, Edward Palmer. Algumas observações sobre classe e falsa consciência. In: THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

³⁴³ GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984; QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

Maldonado-Torres³⁴⁴, a relação entre espaço e raça na estruturação do poder na colonialidade “[...] cria e separa as cidades dos deuses e as cidades dos danados”. As africanas e africanos, no romance de Emecheta, habitam pequenos quartos com cozinha compartilhada aos fundos das grandes e confortáveis moradas dos brancos, ou se encontram em lugares apertados, pagando aluguéis a senhorios também africanos. As mulheres, chamadas de colonizadas naquele momento, se diferenciam entre si, agem a favor ou contra uma das outras, mas muitas se unem de acordo com momentos e condições que compartilham.

4.3 EM MOVIMENTO

Retomemos o pensar de Chuku³⁴⁵ para refletir sobre os efeitos contraditórios na mulher nigeriana do colonialismo e a educação institucional, muitas criadas no período colonial e que se apresentam após ele através de arranjos e interesses próprios da Nigéria independente. Essa educação pode assim como ser fator de distanciamentos entre mulheres, ao mesmo tempo se tornar uma trajetória possível para as conquistas de suas autonomias. Uma das inúmeras ferramentas de resistência a fim de se apropriar, negociar, subverter, modificar e construir a identidade *mulher* na Nigéria.

Nnu Ego percebe que investir na educação colonial dos filhos Oshia, Adim e Nnamdio é oferecer-lhes um futuro possível em que também caiba a possibilidade de tornar a sua velhice doce. Por outro lado, desconfia da utilidade da escola ocidental para as suas filhas. Como a mãe, aprenderiam toda a inteligência necessária para a administração de uma família, incluindo também dedicar-se ao comércio de pequenos produtos. É Adaku que acredita na escolarização de suas filhas como um meio para ajudá-las a viver melhor.

Adaku surge na casa de Nnu Ego para presentear e se despedir de Oshia que iria viajar até outra cidade para realizar os estudos secundários. Ela informou a todos os presentes que suas filhas estavam estudando em uma escola de freiras, com perspectivas de avançarem para além dos estudos primários. Depois de ouvir a informação, Nnu Ego reconheceu:

³⁴⁴ MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 80, p. 71-144, mar. 2008, p. 73.

³⁴⁵ CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women’s Studies. In: CHUKU, Gloria. **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

“Estou começando a achar que talvez haja um futuro para as mulheres instruídas”.
[...]

“Mas Kehinde e Taiwo ainda estão na escola, não estão?”, perguntou Adaku.

“Ah, não. Elas só frequentaram a escola por dois anos. Temos de pensar em Adim e Nnamdio e, com o que vamos pagar pela escola de Oshia, não temos como pagar também para as gêmeas. Acho que elas sabem ler um pouco. Pessoalmente, não me incomodo. Daqui a alguns anos, estarão casadas. Podem reforçar o orçamento de casa vendendo alguma coisa. Para elas, o mais importante é encontrar bons maridos”, declarou Nnu Ego, encerrando a conversa.³⁴⁶

Para Adaku, uma mulher divorciada e que não é mãe de filhos homens, é plausível que a educação institucional de suas filhas, colonial naquele momento, não seja somente uma ferramenta para obter renda financeira. Ela também é uma comerciante, muito próspera, diga-se de passagem, e pode preservar esse negócio para transmiti-lo às meninas. Então, qual é o sentido de investir no acesso à escola? Pode ser que esteja preparando-as para o mundo de Lagos. Percepção de Emecheta na qual a educação formal para as mulheres era um meio para angariar suas independências e possíveis mobilidades sociais. O ser mãe, contudo, não é deixado de lado, pois é como *mãe*, preocupada com os futuros de suas filhas, que Adaku expõe suas vontades, calcula suas ações e legitima a sua atuação para além do esperado. Assim, é plausível pensar os usos dos papéis e representações atribuídos socialmente às mulheres de maneira que possam negociar e tramar estratégias individuais e coletivas.

Na década de 1970, Enitan, aos 10 anos de idade, era incentivada a estudar e ser advogada, prosseguindo na mesma profissão de seu pai. Por seu lado, Victoria passa adiante a sua filha os ensinamentos necessários para viver como mulher na Nigéria. Para além dos diplomas é preciso compreender regras e expectativas. A partir de uma suposta conformidade foi que Victoria encontrou algumas estratégias para viver melhor. Sefi Atta parece narrar sobre as mulheres que a criaram, conviveu em sua vida e, também, suas potenciais leitoras. Mulheres que acessam universidades, possuem certas mobilidades sociais e econômicas e precisam se apropriar em muitos momentos do que está vinculado à identidade de mulher, apresentada no início do capítulo, para atuarem em suas realidades.

Yejide não imaginava um futuro para sua primeira filha Olamide sem uma festa de formatura da universidade. Seus sonhos eram que:

³⁴⁶ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 269.

[...] na escola, ela [Olamide] ganharia todos os prêmios e eu [Yejide] ficaria de pé durante as cerimônias de entrega, batendo palmas com força para que todos soubessem que era minha filha. Ela iria para a universidade, naturalmente, e seria médica ou engenheira, talvez inventora, vencedora do prêmio Nobel de medicina, química física.³⁴⁷

A imaginação da personagem principal de *Fique Comigo* naturalizava uma identidade de mulher na qual pertence a formação universitária e o reconhecimento social pela sua inteligência de pesquisadora. Sonhos que podem estar circunscritos na trajetória de Yejide e sua classe social na Nigéria da década de 1980. Mesmo com outras percepções apresentadas por Sefi Atta a universidade pode ser um meio de valorização e criação de perspectivas de futuro para as mulheres na Nigéria em 1980 presentes no século XXI.

Por outra perspectiva, a importância conferida às autonomias das mulheres antecede aos diplomas ocidentais e se fundem com práticas endógenas na África.

A razão pela qual nós, africanas, temos dificuldade em nos identificar com o feminismo [do Ocidente] é porque sempre trabalhamos. Portanto, não adianta nos dizer que o feminismo é algo novo. Mesmo quando você vai à casa de seus maridos no vilarejo, sua mãe não vai apenas embalar suas belas roupas. Ela lhe dará utensílios e ferramentas para seu trabalho, ou o que ela acha que você vai precisar para continuar a trabalhar.³⁴⁸

Os trabalhos das mulheres se estendem para plurais espaços não pensados e vividos necessariamente de forma fragmentada³⁴⁹. Nnu Ego tem sua própria tenda de comércio de cigarros, lenhas e amendoins, próxima as suas vizinhas por ser mãe, a responsável, no modo de compreensão igbo, pela sobrevivência de seus filhos. Yejide estudou em uma universidade nigeriana e é proprietária de um salão de beleza, onde emprega outras mulheres. Enitan, como sabemos, é advogada, com dupla formação na Nigéria e Inglaterra, e exerce sua profissão. Quando mães, amarram seus bebês ao seu corpo e vão para os lugares que pretendem ir ou deixam eles com pessoas que possam cuidá-los em sua ausência física, de preferência sua família. Contribuir financeiramente para a casa não é sinônimo de desistir de ser mãe. Nas

³⁴⁷ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 101.

³⁴⁸ “The reason why we africans have difficulty identifying with feminism is because we have always worked. So its no use telling us that feminism is something new. Even when you are going to your husbands house in the village, your mother will not just pack your beautiful clothes. She wil give you utensils and tools for your work, or what she thinks you will need for you to go on working.” EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 94.

³⁴⁹ OYÈWÙMI, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

palavras de Buchi Emecheta³⁵⁰, “[...] nós sempre trabalhamos. Mas isso não significa, como pode no Ocidente, não ter filhos”.

A partir dos valores sociais outorgados para a maternidade, a mulher constrói espaços de influência sobre si e daqueles que a rodeiam. É o fato de Yejide ser mãe que sua sogra concede a ela o poder de dizer o que fazer com o corpo do seu segundo filho falecido, Sesan. Quando Akin tenta se impor na decisão, sua mãe responde: “[...] olhe só para Akin, que não sabe o que é uma gravidez, veja como ele fala. Minha filha, não ouça o que ele diz. É você quem deve decidir, porque sabe como é ficar de joelhos em trabalho de parto”³⁵¹.

Enitan, ao longo da sua trajetória de entender-se sobre si e o mundo ao redor, percebe que os títulos acadêmicos não bastam para que não seja assediada e julgada na rua. Assim como não lhes autoriza a tomar decisões sobre a sua vida sem a interferência de seu pai e marido. Ao final do romance, depois que se torna mãe de Yimika, ela consegue romper com um casamento que a empurrava para uma vida em que a mulher não poderia decidir por si, sempre a serviço do marido e seus familiares.

“Desde a infância as pessoas me diziam que eu não podia fazer isso ou aquilo, que ninguém se casaria comigo e eu nunca seria mãe. Agora eu era mãe”³⁵². Por ser mãe, ao conquistar aquilo que disseram que não conseguiria, Enitan teve coragem para subir a escada de sua casa, tirar o pano da cabeça, fazer a mala e levá-la ao carro.

Meu marido perguntou por que eu o estava deixando.

- Porque preciso – respondi, com apenas duas palavras.

- Que tipo de mulher é você? – perguntou ele.

Não dei resposta.³⁵³

Yejide se afasta de Akin quando pensa que perderia para a morte mais um filho, agora a terceira, Rotimi. Passa anos longe da cidade em que se casou, tocando seus negócios no

³⁵⁰ EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 95.

³⁵¹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 156.

³⁵² ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 356.

³⁵³ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 363.

ramo da beleza e do comércio de ouro. Ao voltar, descobre que Rotimi está viva e é recebida de braços abertos por sua filha. Ela tem alguém por ela.

Fecho os olhos como se recebesse uma benção. Dentro de mim, um nó se desfaz, a alegria se espalha por todo o meu ser, pouco familiar e ao mesmo tempo indiscutível, e sei que isso também é um começo, a promessa de maravilhas por vir.³⁵⁴

Apesar de todo o sofrimento para criar seus filhos, Nnu Ego conseguiu torná-los pessoas que vivem por si mesmas. “Esta vida é muito injusta conosco, homens. Fazemos todo o trabalho e vocês, mulheres, recebem toda a glória”³⁵⁵, julgou o motorista que levou Nnu Ego de volta para Ibuza após suas filhas casarem e seus filhos irem estudar na América do Norte. Seu marido foi preso por agredir um vizinho em nome da honra de sua família e ela considerada uma mulher má pela família de Nnaife, a culpando pelo que lhe aconteceu.

As mulheres podem escolher viver outras vidas, indica Buchi Emecheta a partir da personagem Adaku, segunda esposa de Nnaife. Como lemos na primeira parte deste capítulo, ela procurou se afastar da pobreza e a violência a qual foi tratada pelo marido³⁵⁶. Assim, foi embora, mesmo carregando estigmas sociais, se adaptou a Lagos e criou suas filhas com outras perspectivas de mundo. Para Nnaemeka³⁵⁷, é através dessa personagem que Emecheta reivindica a agência de mulheres.

“Era ao mesmo tempo terrível e sublime comportar-me como um deus com o poder de renascer. Foi essa a opção que escolhi”³⁵⁸. Yejide e Enitan também conseguem partir e reconstruir suas vidas de maneira diferentes, precisando lidar com as exclusões sociais. Elas não morrem. Continuam e resistem por meio das suas maneiras que também passam por eleger e reivindicar para si um espaço de mulher e do que nele pode estar associado socialmente na Nigéria. Além disso, se juntam a outras mulheres que por gerações agem em prol de suas autonomias e bem viver, compartilhado com outras e outros.

Enitan subiu as escadas porque compreendia a vida a partir dos olhos de Yimika. Yejide retornou a Rotimi, sua família, que a acolheu, pois é sua mãe. Nnu Ego, tornou-se uma

³⁵⁴ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 237.

³⁵⁵ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 313.

³⁵⁶ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa an her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 02, p. 80-113, 1995.

³⁵⁷ NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa an her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 02, p. 80-113, 1995.

³⁵⁸ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 364.

ancestral. Foi erguido um altar em sua homenagem em Ibuza após a sua morte com a finalidade de abençoar a fertilidade de mais mulheres. Mas, como é sabido, ela não atende nossos pedidos. Antes disso, o mundo precisa construir e preservar o seu equilíbrio. Cultivar uma existência em que caiba como legítimo a procura das mulheres por outras alegrias com e além da maternidade³⁵⁹.

³⁵⁹ EMECHETA, Buchi. Women and Empowerment: An Interview with Buchi Emecheta. [Entrevista concedida a] Joyse Boss. **Ufahamu: A Journal of African Studies**, Los Angeles, v. 2, n. 16, p. 93-100, 1988.

5 MULHERES DE MUITOS CAMINHOS

Às vezes, eu me sentia alguém com uma doença contagiosa ao apresentar meu passaporte nigeriano, com medo de que autoridades de imigração me confundissem com traficantes de drogas que difamavam o país em todo o mundo; outras vezes, me sentia feliz de levantar a bandeira pelas mulheres nigerianas, mulheres africanas. Mulheres negras. Qual era o país que eu amava? O país pelo qual lutava? Esse país devia ter fronteiras?

(Tudo de bom vai acontecer, Sefi Atta, p. 327)

As identidades que narram Atta, Ayòbámi e Emecheta são atravessadas por muitas experiências. Esses atravessamentos, consequências de encontros, choques e tragédias entre povos, o martinicano Édouard Glissant³⁶⁰ nomeou de Caos-Mundo. No Caos-Mundo nenhuma cultura é composta de maneira isolada e prevalece em uma legitimidade absoluta sobre outras, pois em um modo de ser há a irradiação de muitas histórias. Quando leio Glissant penso nas identidades através de rios que carregam em suas águas as viagens por países, seus inúmeros rostos, cores, ventos e céus. Ao desagurem se tornam, juntos, outra coisa. Um corpo diferente marcado pelas trajetórias anteriores. Um oceano.

Para Glissant³⁶¹, o caos não é o fim do mundo. Vivenciá-lo, mergulhar nele, empurra para a reflexão de que o mundo conhecido está desordenado. É preciso agir a partir dessa consideração para conseguir nadar. Sendo assim, o que se faz é “aprender com outros lugares”³⁶². É se abrir e atestar para a imprevisibilidade das influências de uns sobre os outros. “Isso significa que na minha relação com o outro, com os outros, com todos os outros, com a totalidade-mundo, eu me transformo permutando-me com este outro, permanecendo eu mesmo, sem negar-me, sem diluir-me”³⁶³.

Abertura ao mundo “não é contraditório em relação à singularidade e à identidade”³⁶⁴. É um ato de falar desde o meu lugar, relacionando-se com os outros, em que prevalece “todos os sendos possíveis”, distinto do imaginário colonial de impor um ser, único e fechado em si mesmo³⁶⁵. Em contrapartida “a permanência do ser”, como Glissant nomeia a identidade construída a partir de compreensões colonialistas do mundo, existe “o sendo” aberto a

³⁶⁰ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

³⁶¹ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

³⁶² GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 88.

³⁶³ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 121.

³⁶⁴ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 78.

³⁶⁵ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 79.

negociações e mudanças. Identidades construídas no Caos-Mundo a partir dos rastros/resíduos que os sujeitos, e seus coletivos, trazem consigo³⁶⁶. Rastros/resíduos compreendidos como “aquilo que nos falta ainda fragilizar para disseminar, verdadeiramente, a totalidade, ou seja, realizá-la totalmente”³⁶⁷.

Sugiro pensar as narrativas de mulheres nas obras de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò na compreensão de que se construíram no Caos-Mundo, nas tragédias dos encontros, incluindo também aqueles que não são percebidos como catástrofes. Identidade em que não é possível encontrar uma única raiz, pois se caracteriza pelas mobilidades, (re)criações, alargamentos, presenças, ou não, de fronteiras. São construídas por meio das inclinações para outras maneiras de conhecer. Passagens que não levam ao confortável, ao conhecido, são feitas de fragmentações e explosões. Processos que abrem para as possibilidades de inventar a partir do que já se possui e no encontro com outros, não excluindo as águas que se traz consigo.³⁶⁸

Por isso, neste capítulo, escolho falar das mulheres que estamos lendo através de críticas a nomes, outras autodefinições e de histórias. Carrego comigo um interesse, penso que próprio de historiadora, em notar as histórias que unem trajetórias pessoais, locais e globais, sendo contadas pelas escritoras. Histórias que não somente são pano de fundo, mas remetem a uma intervenção em que o passado é chamado e se torna crucial para entender as protagonistas, as cenas, as intenções literárias. Desse modo, “[...] pela escrita, vozes recontam sobre si e nós, ficcionalizando fragmentos aleatórios, esparsos e sem fixidez de ditos e histórias e fazem reconstituições imaginárias de passados históricos ou reivindicatórios[.]”³⁶⁹. Forjam memórias, reelaboram passados e significam presentes³⁷⁰.

5.1 ...DE AUTODEFINIÇÕES

Enitan Taiwo ao buscar fazer novas amizades no colégio interno na Inglaterra, que recém tinha ingressado, foi colocada em situações que provavelmente se repetiriam ao longo

³⁶⁶ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 80.

³⁶⁷ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 83.

³⁶⁸ GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

³⁶⁹ SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: UFRB, 2012, p. 11

³⁷⁰ SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: UFRB, 2012.

dos nove anos que morou em Londres, entre as décadas de 1970 e 1980. Não, respondeu a protagonista, “[...] eu não morava numa cabana na África, [...] eu nunca tinha visto um leão, a não ser no zoológico de Londres”³⁷¹. Depois de indagações que remontam a um lugar colonial específico para Enitan há a negação de dizer a palavra que na percepção branca deve ser evitada. “[...] Robin não pronunciava essa palavra: negra. Os pais dela tinham lhe ensinado que era feio dizer isso. Sendo assim, eu era sua amiga com o cabelo afro, a Escurinha. Expliquei que negra era o que eu era, não um insulto”³⁷².

Sáimos da Inglaterra e adentramos na sala de colonizadores brancos na Nigéria da década de 1930. Dr. Meers e sua esposa estão confortáveis em seus poderes quando Nnaife adentra o recinto. Depois de acelerar a sua cuidadosa e dedicada tarefa de passar as roupas nos fundos da casa dos patrões pede para sair mais cedo do trabalho porque a sua nova esposa, Nnu Ego, chegou de viagem.

“Boa noite, madame. Boa noite, senhor”, disse Nnaife ao patrão, que fazia de conta que estava muito concentrado na leitura do jornal que segurava diante de si para tomar conhecimento do que se passava ao redor. O dr. Meers espiou por cima do jornal, sorriu com malícia e respondeu: “Boa noite, babuíno”³⁷³.

Ao escutar a frase proferida por seu marido, a senhora Meers ficou indignada e começou a gritar com ele. Nnaife, que aparentava não entender nada, saiu para comemorar o seu casamento na moradia dividida com outros trabalhadores, no quintal da casa de dr. Meers. De fato, ele não captou o significado da palavra “babuíno”³⁷⁴. Por outro lado, caso soubesse, talvez a sua reação seria “[...] dar de ombros e comentar: 'Nós trabalhamos para eles e eles nos pagam. Se ele me chama de babuíno, nem por isso eu viro babuíno’”³⁷⁵.

A atitude da senhora Meers deixou Nnaife irritado. Ele pensa: “[...] se o patrão era inteligente como diziam que todos os brancos eram, então por que não usava um pouco da sua inteligência para mandar a mulher calar a boca?”³⁷⁶. Opinião provavelmente compartilhada entre seus colegas de trabalho que informa concepções culturais sobre os papéis das mulheres,

³⁷¹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 82.

³⁷² ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 82.

³⁷³ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 61.

³⁷⁴ Babuíno se refere a uma espécie de primata originário da África. No Brasil, esse xingamento racista poderia estar próximo ao de “macaco”.

³⁷⁵ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 61.

³⁷⁶ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 61.

tema do capítulo anterior. Essa passagem conecta Buchi Emecheta com Sefi Atta no retrato e crítica, por meio da literatura, da perpetuação das invenções coloniais desumanas sobre o continente africano.

Já vivendo a aproximadamente 30 anos na Inglaterra, Emecheta percebia os meandros do racismo e seus mecanismos de perpetuação de desigualdades e injustiças na sociedade em que morava em 1992. Segue o seu relato:

F.J.: Tenho ouvido muito o termo britânicos negros aqui em Londres, como um termo genérico para os asiáticos, africanos e indianos aqui. Existe esse tipo de solidariedade entre os grupos aqui?

Emecheta: Sim e não. Há discriminação aqui também. Quando você vier aqui, o ocidental dirá: “Você é negro”. OK. E isso, novamente, é ruim. E o indiano dirá: “Você é africano”. O asiático dirá: “Você é africano”. E assim, quando dizem “escritor negro”, os asiáticos acham que lhes convém ser “negro” quando vale a pena. Mas quando não é, convém que sejam brancos. São negros quando sabem que há algo a ganhar e brancos em outros momentos. Eles ainda estão nesse limite. Sempre há essas facções. Eu acho que é humano. E os escritores exploram os temas, sempre, porque eles estão lá. Muitos escrevem a partir da totalidade de sua experiência vivida.³⁷⁷

De certa maneira, a autora reconhecia as complexidades que atravessavam sua vida por ser mulher negra africana em Londres. Vir da África era uma diferenciação formadora de hierarquias dentro dos próprios grupos racializados vivendo na Inglaterra que, assim que podiam, se afastavam da ideia colonial de negro e África. Sefi Atta compartilha suas próprias percepções sobre sentir-se africana fora do continente.

Vinda para a Inglaterra aos 14 anos de idade, eu não estava sozinha; havia outros estudantes da Nigéria. Mas acho que essa foi a primeira vez que entendi o que era ser estrangeira e lidar com as percepções dos outros sobre os africanos. [...] Em minha vida tive que lidar com xenofobia e sexismo, aqui no Mississippi também porque a cultura é conservadora e patriarcal. Também tenho que lidar com pessoas que não entendem minha cultura, ou pessoas que me tratam de maneira diferente porque sou uma mulher, mas nunca me vejo como uma vítima. Se eu tivesse que

³⁷⁷ “F.J.: I have been hearing the term black British a lot here in London, as an umbrella term for the Asians, Africans, and West Indians here. Is there that kind of solidarity among groups here? Emecheta: Yes and no. There is discrimination here too. When you come here, the Westerner will say, You are black. Okay. And that, again, is bad. And the West Indian will say, You are African. The Asian will say, You are African. And so when they say black writer, the Asians find that it suits them to be black when it pays. But when it is not, it suits them to be white. They are black when they know there is something to gain and white at other times. They are still on that borderline. There are always these factions. I think it is human. And writers explore the themes, always, because they are there. Many write from the totality of their lived experience.” EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (org.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 96.

lutar cada batalha, eu lutaria a cada momento. Vivo em paz e, através da escrita, expresso muita frustração.³⁷⁸

Frustração de observar e experienciar ao longo da vida, em geografias diferentes, cenas semelhantes. Sefi Atta, em 2010, nos Estados Unidos da América, conecta-se com Buchi Emecheta do outro lado do Atlântico. Juntas podem contar histórias também das diásporas africanas. Parecem ser vivências que aproximam mulheres negras nigerianas ao compartilharem o tempo da colonialidade. Na literatura cria-se o espaço de testemunho, inventa-se outros tempos, dos processos de cura e grafias de indignação, para expressar vidas para além da dor. Ali também registram percepções de identidades chamadas pelos nomes negra e africana. Ademais, é um espaço para a escrita de outras.

A contar pelas páginas de *As alegrias da maternidade*, ser aprisionada em compreensões coloniais que cruzam fenótipos e lugares de origem parecem não fazer parte apenas das vivências de mulheres nigerianas que migram para fora do continente africano. Ao narrar sobre a Nigéria colonial, Buchi Emecheta conta uma parte da história em que também presenciou e que lhe foi contada pelas mais velhas. As primeiras passagens sobre Lagos diz respeito às relações raciais coloniais entre africanos e europeus. Em momentos como apontados anteriormente, se cruzarmos o trecho da obra e a entrevista transcrita, Emecheta parece dizer não somente sobre o passado colonial nigeriano.

Os primeiros contatos da Lagos na década de 1930 que se tem acesso por meio da narrativa de Buchi Emecheta ocorrem a partir das violências e controles coloniais, baseados na raça. Desejaria Emecheta lembrar as leitoras e leitores da África os motivos das independências e suas constantes lutas? Seria um traço ressaltado também pela constatação de que cenários como esses se repetem em diferentes locais, como na diáspora, e que podem também ter deixados alguns resquícios na Nigéria na década de 1970? A Nigéria colonial de *As alegrias da maternidade* provavelmente está composta por múltiplas experiências da

³⁷⁸ “Coming to England at 14 years old, I wasn’t alone; there were other students from Nigeria. But I think that was the first time I understood what it was to be a foreigner and to deal with others’ perceptions of Africans. [...] In my life I’ve had to deal with xenophobia and sexism, here in Mississippi as well because the culture is conservative and patriarchal. I also have to deal with people who don’t understand my culture, or people who treat me differently because I’m a woman, but I never see myself as a victim. If I had to fight every battle, I would be fighting every moment. I live quite peacefully, and through writing I express a lot of frustration.” ATTA, Sefi. Divided loyalties: PW talks with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Amy Boaz. **Publishers Weekly**, Nova York, 10 maio 2010. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/authors/interviews/article/43106-divided-loyalties-pw-talks-with-sefi-atta.html>. Acesso em: 17 jan. 2023.

autora no tempo de escrita que impactam em dizer algumas coisas, silenciar outras. O riso sarcástico racista de Dr. Meers,

[...] inspirado por aquele tipo de crueldade que reduz qualquer homem, branco ou preto, inteligente ou não, a um novo nível de baixeza; mais baixo do que o mais inferior dos animais, pois os animais pelo menos respeitam os sentimentos uns dos outros, a dignidade uns dos outros.³⁷⁹

Pode ser presenciado mais de uma vez na vida de mulheres e homens negros africanos no final do século XX. As possibilidades de relacionar, em diferentes espaços e tempos, resquícios coloniais – que impõem expectativas, imagens, e representações, em suma, identidades, sobre mulheres e homens da Nigéria, alheias as suas realidades –, com os mecanismos de exclusão e apagamento acionados a partir da ideia de raça, mais precisamente o fenômeno social do racismo, ocorre a partir da compreensão de que raça e África não se separam³⁸⁰. Em outras palavras, ao pensar nos moldes coloniais modernos em África são conectadas imagens coloniais relacionadas ao nome negro sobre o continente³⁸¹. Portanto, Emecheta e Atta apontam que nos tempos que viveram “falar de um é, na realidade, evocar o outro”³⁸².

O nome negro levanta fantasmas atribuídos às mulheres e homens na África, não importando em que lugar espacial no globo se encontra o continente. Embora ocorreram ressignificações dos sentidos de África e negro forjadas ao longo da história da Europa, persiste a vontade de ignorar as realidades do continente. Ele ainda é evocado como a infância do mundo. No pensamento colonial moderno, ao indicar África há a intenção de se referir a máscaras raciais que acima de tudo negam a humanidade das pessoas que a compõe. África, então, diz sobre uma geografia, um meio físico em que habitam mulheres e homens condicionados racialmente a habitarem a miséria em um tempo incerto. Sociedades incapazes de se moverem de maneira autônoma, governadas pelo excêntrico e pela superstição, vivendo em incessantes guerras internas. Dizer África é querer se referir a uma figura humana imóvel, petrificada e vazia, ao mesmo tempo que exemplificar a inseparabilidade do humano e natureza, e da morte que acompanha a vida.³⁸³

³⁷⁹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 61

³⁸⁰ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁸¹ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁸² MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 79.

³⁸³ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 94-99.

Assim, pensando com o historiador camaronês Achille Mbembe³⁸⁴, apenas é possível falar da África como algo distante no espaço e tempo, em vazios, fomes e desordens. O tempo é diferente, quase sempre encostado em um passado remoto o qual não se consegue sair. Sem ética e política,

[...] figura viva da dessemelhança, o termo África remete conseqüentemente a um mundo à parte, pelo qual não somos responsáveis, com o qual muitos dos nossos contemporâneos sentem dificuldade de se identificar. [...] Pois, aos nossos olhos, a vida por lá nunca é uma vida propriamente dita.

No fim, não importa se nada sabemos sobre o continente, o preenchemos com as lacunas de nossas imaginações, evitando as contradições e confrontos com as verdades adquiridas no processo colonial. Imagens de fantasias e projeções de desejos, cultivou-se um tipo de compreensão específica sobre o continente e o que se associa a ele, o sujeito racial negro. E dessa forma o Ocidente se coloca no mundo, comunicando a violência estrutural, simbólica e física, que cimenta as relações sociais e de poder no pós-colonial.

Na contramão do “poder do falso”³⁸⁵ do pensamento colonial, que produz uma África aquém das realidades, reforçando imagens, ideias e conceitos construídos a partir das crenças e fantasias brancas em que está latente os desejos violentos de desprezar e deixar invisível, estão as obras literárias analisadas neste trabalho. Reflexões da África que não confirmam uma ideia racial colonial, remexendo nas certezas e construindo narrativas que não estão centradas em dar respostas, em explicar-se. A partir do tema das identidades, relacionando raça e África, é possível expor as violências e desigualdades que compõe o nosso mundo, chamando, eu e você, para a responsabilidade e justiça³⁸⁶.

Entender que a ideia da palavra África, no Ocidente, é um produto da ideia de raça, negação da semelhança³⁸⁷, faz serem visíveis as concepções racialistas que baseiam os comportamentos brancos frente a Enitan e Nnaife, e o tom de crítica que acompanha a descrição das cenas pelas autoras. Deixando seus efeitos para além da presença física de colonizadores e colonizadas, apenas conseguimos apreender uma Iya Bolu a partir de filtros de julgamentos, com parâmetros que passam pelo pensar ocidental, de Yejide.

³⁸⁴ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁸⁵ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 100.

³⁸⁶ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

³⁸⁷ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 104.

Ao lado do salão de beleza de Yejide, Iya Bolu escolheu abrir o seu próprio estabelecimento e disputar clientes com a primeira. Contudo, o que parece ter irritado mais Yejide não foi a potencial concorrência, mas o fato de que Iya Bolu não correspondia aos padrões de ser da modernidade nos quais a protagonista estava acostumada a classificar as pessoas. Além de precisar conviver com a mulher no seu trabalho também compartilhava o mesmo condomínio e os problemas de vizinhança. Iya Bolu, segundo Yejide, era “[...] gorda e analfabeta que arrotava entre uma palavra e outra”³⁸⁸. Mãe de seis filhas, a vizinha não compreendia o inglês. Era evitando falar o seu idioma, yorubá, que as outras mulheres do condomínio buscavam excluí-la de suas conversas.

Yejide constrói diversas camadas de preconceitos sobre Iya Bolu, detalhando seus comportamentos supostos como negligentes com a sua aparência e de suas filhas, a forma como falava e espantava as clientes. Ao contrário de suas expectativas, ao entrar na casa da vizinha pela primeira vez, Yejide não avistou sujeira e desorganização, nem sentiu fedores. “Em vez disso, tinha um perfume cítrico e fresco, como limão. Dava para perceber pelo jeito como as outras mulheres olhavam que esperavam algo parecido”³⁸⁹. Parece que um dos fatores que reforçavam a ideia de que Iya Bolu não era uma mulher que gerenciava sua casa de maneira a preservá-la organizada e limpa é a ausência de vestígios aparentes de sua instrução ocidental.

É possível notar, a partir dos registros anteriores, que a inteligência de Iya Bolu, e até mesmo sanidade mental, é medida através de suas aproximações com modos de viver, pensar e falar europeus. E os julgamentos a sua pessoa também parecem passar por algumas classificações coloniais que Ayòbámi Adébáyò retrata como presentes na Nigéria da década de 1980.

Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò, a partir de suas especificidades, apontam para as continuidades de atribuições coloniais e, também, pelas distâncias historicamente criadas por mulheres e homens para não deixarem se definir por essas identidades³⁹⁰. Afastamentos elaborados de plurais maneiras que podem, inclusive, assumir e construir identidades anunciadas pelos mesmos nomes. Seus sentidos, por outro lado, devem ser buscados nas linhas de quem escreve.

³⁸⁸ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 83.

³⁸⁹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 86.

³⁹⁰ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Sefi Atta, em sua experiência na diáspora, principalmente nos Estados Unidos da América, espaço em que iniciou sua trajetória de escritora, percebeu alguns desafios em fazer seus escritos serem publicados e circular para além da Nigéria. Entre eles, estavam as expectativas de uma percepção ocidental sobre o que e como narrar a vida humana na África. Expectativas que estão relacionadas diretamente às fantasias brancas de mistérios, essências e imutabilidades sobre o continente. “Histórias que simplificam ou distorcem as experiências dos africanos. Histórias que são racistas, mesmo quando parecem benignas”³⁹¹. O posicionamento de Atta é dizer “não” e narrar aquilo que suas experiências reconhecem como a África, mais precisamente a Nigéria, espaço de suas vivências e observações.

O colégio interno para meninas em Lagos, Royal College, no qual Enitan passou alguns anos de sua infância e início de adolescência, pode ser pensada como uma alegoria de Atta para ilustrar uma Nigéria incapaz de ser apreendida de uma vez só. Nesse espaço, a protagonista da história toma conhecimento de outras experiências, deixando-se tocar por situações que não estão centradas em si. Enitan lembra que “[...] tio Alex sempre dizia que nosso país não era para ser uma coisa só. Os britânicos haviam feito um círculo no mapa da África Ocidental e o chamado de país. Agora entendia o que ele queria dizer”³⁹².

No Royal College, conheceu filhas de fazendeiros e de diplomatas; muçulmanas, católicas, anglicanas, metodistas e hindus; mulheres do Oeste e do Norte; hauças, yorubás e igbos, com suas marcas no corpo e estereótipos de suas identidades³⁹³. Para comunicarem-se, com línguas maternas tão diferentes entre si, falavam inglês com as mais variadas pronúncias e, embora com cada especificidade e conflitos, cantavam, em dias específicos e sob as vigilâncias da administração escolar, o hino nacional nigeriano. Foi preciso sair de sua casa, adentrar em uma instituição, que em 1975 tem no seu nome e estrutura presenças coloniais, lugar em que além do hino, ouviam músicos europeus, para aprender sobre quem vive na Nigéria e experienciar momentos de partilhas, encontros e desencontros da vida social.

Aprender a diferenciar uma menina igbo de outra yorubá. Reconhecer quem é anglicana e católica. Escutar histórias de mulheres que vivem em diferentes regiões e que estão distantes física e socialmente de Enitan. Como é possível enunciar uma única África se

³⁹¹ “Stories that simplify or distort the experiences of Africans. Stories that are racist even when they appear benign.” ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. *iNigerian*, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 02 set. 2022.

³⁹² ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 51.

³⁹³ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 50-51.

a sua experiência em um país já clama sobre entender as diferenças como participantes do que a Atta estimula o pensar por Nigéria? A escritora nos coloca frente aos desafios de questionar lugares que o nome África pode indicar, estremecendo ideias e explicações fixas e que parecem ser atualizadas no tempo.

A mesma Yejide que parece ter algumas ideias preconcebidas sobre sua vizinha Iya Bolu, por ela não ostentar algum vestígio de educação, institucional ou não, consideradas civilizadas e modernas, é a que conta histórias yorubás para sua filha Rotimi.

Eu não tinha nenhuma história favorita, mas havia uma que ainda me lembro de contar a Rotimi muitas vezes. [...]

No tempo de Sempre, quando a maioria dos animais andava em pé e os humanos ainda tinha os joelhos, Ijapa, a tartaruga, tinha uma esposa chamada Iyannibo.³⁹⁴

A história sobre os desafios e superações da tartaruga e sua esposa para terem filhos, Yejide escutava em sua infância, atrás da porta, na voz de Moomi. Para Rotimi, ela fazia alguns ajustes, reescrevendo-a. Nas palavras de Yejide,

[...] nunca começava com o ditado *Olomo lo l'aye* [aquele que tem filhos é dono do mundo] de Moomi. Houve uma época em que eu acreditava nela, que eu aceitava – como uma tartaruga e sua esposa – que não era possível viver neste mundo sem ter uma descendência.³⁹⁵

Lagos, em *As alegrias da maternidade*, é uma cidade colonizada, ímã de uma pluralidade de pessoas, de todos os cantos da Nigéria, em busca de trabalhar para os brancos, a administração colonial e também prestar serviços para a vasta população nigeriana que ali precisa viver. Nos lugares em que morou - instalações dos empregados ao fundo da casa dos brancos, no quarto com cozinha compartilhada de propriedade de um senhorio africano, na casa de adobe em que jovens igbos eram atraídos -, Nnu Ego conviveu com vizinhos narrados por Buchi Emecheta a partir de suas histórias de vidas e caracterizados com alguns estigmas sociais. Em sua maioria, para dialogar com tão diversos públicos, falavam yorubá “a língua usada normalmente em Lagos”³⁹⁶.

³⁹⁴ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 196-197.

³⁹⁵ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 199.

³⁹⁶ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 117.

Como imigrante de um lugar ao outro da Nigéria, Emecheta descreve a força do deslocamento de Nnu Ego. Ibuza, então, parece ser um ponto crucial para compreender a constituição de sua identidade como igbo, e Lagos o momento em que, por várias situações e estratégias, ela precisa ser ressaltada ou deixada em seu descanso. Foi como uma mãe que precisava alimentar a si e ao seus filhos, seres humanos necessitando de ajuda, que sua vizinha, provavelmente não igbo, com delicadeza e respeito à dignidade de Nnu Ego, estendeu a mão.

[...] Iyawo Itsekiri preparou um delicioso cozido de inhame. Só, na cozinha, pensou naquela mulher igbo tão simpática com seus dois filhos, um deles às portas da morte. A própria mãe não estava nem um pouco longe de morrer, pois a pouca carne de seu corpo estava sendo sugado pelo novo bebê que ela alimentava ao peito.³⁹⁷

Buchi Emecheta escreveu sobre fronteiras dinâmicas e fluídas entre os usos da identidade igbo com outras identidades sociais no final da década de 1970, que logo no seu começo viu se encerrar a guerra civil nigeriana em que os igbos foram as maiores vítimas. Ela conta a história de pessoas que se reconhecem como igbos morando em Lagos ainda no início do século XX. Essa importante cidade para a Nigéria que antes e durante a guerra civil-Biafra foi chamada de terra dos yorubás na qual os igbos foram expulsos, direcionando-se principalmente para a região autoproclamada Biafra³⁹⁸.

O historiador nigeriano Raphael Chijioko Njoku³⁹⁹ examina a emergência de uma identidade igbo fixa, que pretende se apresentar como pura e única a todas as pessoas que assim se identificam, nos processos de colonização e independência nigerianos, bem como no final do século XX e início do XXI. Para o autor, a identidade igbo compreendida em unidade, bem definida territorialmente e construída a partir da diferenciação com outras identidades, também homogêneas e essenciais, como yorubá e hausá-fulani, é elaborada a partir do colonialismo europeu.

Para tornar eficiente a administração colonial, essa necessitava criar mecanismos de controle sobre as populações a qual se direciona. Uma de suas abordagens era nomear etnias e

³⁹⁷ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 151.

³⁹⁸ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

³⁹⁹ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

dividi-las por suas localizações geográficas. No processo de criar o igbo como uma etnia, foram classificados, nomeados e localizados os chamados pelos colonizadores de verdadeiros igbos, com origem e linguagem oficiais. Nessa construção, os próprios igbos elaboraram sentidos de sua identidade coletiva como estratégia para agir dentro de um sistema que os oprimia. A partir disso, uma elite igbo inscrita na educação ocidental confere significados e incorpora em sua identidade as divisões coloniais, étnicas e regionais, criando uniões, sindicatos e associações em torno de uma identificação com o nome igbo nas cidades coloniais para angariar vantagens e inserção na administração colonial e independente.⁴⁰⁰

A identidade igbo, então, se torna também uma ferramenta de planejamento, articulação e acesso à benefícios sociais inscritos em novas dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas, a saber as estruturas coloniais capitalistas. Assim, Njoku⁴⁰¹ aponta para a dialética entre administração e interesses coloniais com as agências dos que assumem a identidade igbo para traçar estratégias coletivas para as conquistas de poder e manifestações de resistências.

Ao contrário de uma identidade igbo rigidamente definida cultural e espacialmente, Njoku⁴⁰² apresenta outras possibilidades de organizações coletivas e compreensões de si/nós que atravessam as experiências de grupos humanos igbos para além do contexto colonial. De acordo com o autor, a questão não é dizer, e intentar provar, que nas relações anteriores ao colonialismo não ocorriam conflitos de interesses entre grupos sociais que compunham a chamada Nigéria, e que não vinham construindo distintos mecanismos de diferenciação entre si. Mas sim, pensar em maneiras de se relacionar com o outro que inclui este outro na participação e elaboração do eu/nós.

Organizados em vilas, os igbos mantiveram relações mais abertas com seus vizinhos do norte, sul e leste. Além disso, elaboraram-se por meio de diferentes histórias, culturas, idiomas, e suas variações, em contextos e em relação a outros grupos distintos. Essas maneiras de composições para além do próprio grupo e de organizações sociais e políticas,

⁴⁰⁰ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

⁴⁰¹ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

⁴⁰² NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

Njoku sugere que podem impactar nas maneiras de compreensões de coletividades. Possivelmente, desenrola-se de forma distinta de experiências centralizadoras, monárquicas, com hierarquias de poder bem demarcadas, como o caso de comunidades yorubás, ligadas em sua origem à cidade sagrada de Ifê⁴⁰³, que atualmente está situada no estado de Osun, sudoeste nigeriano.⁴⁰⁴

O historiador nigeriano Toyin Falola⁴⁰⁵ também aponta para a criação de uma identidade yorubá singular que busca suas origens, honrarias e perpetuações no tempo a partir do colonialismo. De acordo com o pesquisador, os mecanismos de pertencimento, o que faz uma pessoa sentir-se yorubá, são constituídos por mudanças no decorrer da história da Nigéria, preservando, de muitas maneiras, modos específicos de viver nomeados como yorubás. Dessa maneira, a partir dos estudos de Njoku e Falola é plausível refletir sobre os usos, sentidos e mecanismos de pertencimento das identidades igbos e yorubás como maneiras de se inscrever no mundo, construídas e reestruturadas ao longo do século XX na Nigéria.

Njoku confere atenção a uma contextualização mais ampla que aprofunda o argumento anterior. O pesquisador salienta que a administração colonial esforçou-se por criar uma etnia⁴⁰⁶ igbo, com uma linguagem oficial, apesar das inúmeras variações e origem, classificando e nomeando os *verdadeiros* igbos. Essas classificações ocorreram com a divisão

⁴⁰³ MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

⁴⁰⁴ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

⁴⁰⁵ FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. Introdução. In: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann (org.). **Yorùbá identity and power politics**. University of Rochester Press: Rochester, 2006, p. 01-28.

⁴⁰⁶ O termo étnico está no vocabulário ocidental quando queremos nos referir a grupos humanos plurais que habitam o continente africano. Ao étnico logo se aproxima um comentário que pode apontar para o exótico de tribos que constantemente vivem em conflito e que em muitos lugares uma etnia é rival de outra. A violência colonial forjou uma naturalização de conceitos, como etnia, que em suas histórias existem as marcas da criação de categorias coloniais como mecanismos de inferiorização e controle. Para Jean Bazin, é preciso compreender os problemas envolvidos nos atos de classificar, resumir e generalizar estruturas sociais e coletividades dentro da concepção colonial de etnia. Assim, o uso de etnia, um nome que busca apontar para grupos sociais indicando sua homogeneidade, unidade e essencialidade, deve ser questionado. A partir disso, é feita uma leitura racista da realidade. Bazin convida a entender os nomes, que classificamos como etnias, a partir da compreensão de que são identidades sociais. Então, toda etnia é uma invenção colonial? O autor propõe caminhos mais equilibrados. Diversas identidades sociais já faziam parte das dinâmicas sociais, políticas e culturais anteriores as classificações europeias e também são construídas e apropriadas, constantemente, pelas próprias pessoas do continente em prol de suas agências sociais. Os europeus, como uma maneira de controlar os territórios, fixam um nome, neutralizam e delimitam seu significado, construindo agrupamentos étnicos e regionais. Desse modo, a minha intenção em problematizar a etnia é, seguindo o pensar de Bazin, buscar compreender as identidades sociais igbo e yorubá, evidenciadas nas obras literárias, para além de rótulos limitadores, fixos e atemporais da etnia. Cf.: BAZIN, Jean. A cada um o seu bambara. In: M'BOKOLO, Elikia; AMSELLE, Jean-Loup (org.). **No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 119-168.

colonial dos igbos a partir de suas localizações geográficas. Concomitante às classificações coloniais, homens e mulheres igbos passam a elaborar uma compreensão de identidade igbo singular.

O colonialismo despertou o Igbo para uma nova forma de consciência que apelava para uma história compartilhada, língua, geografia e símbolos culturais como religião, emblemas totêmicos e/ou figurativos. A identidade igbo foi, portanto, imposta, inventada, apropriada, e ancorado em certas características preconcebidas – particularmente língua e cultura.⁴⁰⁷

São os espaços urbanos na Nigéria que impõem a mulheres e homens alargarem as compreensões de parentesco e laços familiares. Desse modo, uniões, sindicatos, jornais e associações, elaboradas através da identificação com a etnicidade, é uma maneira de estabelecer ambientes, características, objetivos e apoios comuns. Formações que se iniciaram a partir das linhagens, em 1920, expandindo-se para sindicatos que em 1930 e 1940 tornaram-se a base de articulação e consciência de uma identidade igbo. Vinculada através das famílias e parentescos, coletava recursos financeiros para os projetos comunitários e eram incentivadas pelos colonizadores.⁴⁰⁸

Se Nnu Ego convive em Lagos, de certa maneira criando alguns laços de solidariedade com outras mulheres não igbos, isso não significa que sua identidade igbo não é construída nas relações com outras mulheres que vieram de Ibuza. Logo no início de sua vida em Lagos, deslocada, não contente com seu marido lavador de roupas de mulher branca, grávida e esperando a vinda daquele que diria ao mundo que Nnu Ego era, de fato, mulher, a protagonista é acolhida por outras mulheres igbos.

As reuniões mensais na ilha com as outras esposas provenientes de Ibuza faziam bem a Nnu Ego. As outras mulheres a ensinaram a começar seu próprio negócio para não ser obrigada a ter uma única roupa para vestir. [...] Nnu Ego ficou tão animada com a empreitada que, como haviam previsto as outras mulheres mais experientes, não tinha mais tempo para ficar sozinha ou se preocupar com o trabalho

⁴⁰⁷ “Colonialism stirred up the Igbo to a new form of consciousness that appealed to a shared history, language, geography, and such cultural symbols as religion, totemic, and/or figural emblems. Igbo identity was therefore imposed, invented, appropriated, and anchored on certain preconceived characteristics—particularly language and culture.” NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 267.

⁴⁰⁸ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

humilhante do marido, ou mesmo para roer as unhas pensando na criança que estava por vir.⁴⁰⁹

O testemunho de Emecheta parece indicar para reconfigurações de modos de construção da identidade igbo nos fluxos migratórios de Iboza para Lagos no século XX. Nas cidades urbanas, de acordo com Njoku⁴¹⁰, é preciso não perder, no meio de tantas pessoas, as suas identidades culturais. As organizações em torno de pertencimentos coletivos como igbo propiciam momentos de celebrações, trocas e acolhimentos. A partir disso, os partidos políticos também são relacionados às organizações e suas identidades, angariando fundos e apoios para as lutas pelo poder. Ademais, é ali que começam a cultivar conflitos e diferenças entre grupos, salienta o historiador.

Nas vésperas da independência, em 1960, a Nigéria possuía um cenário de constituição de partidos conflitantes divididos de acordo com interesses regionais, esses, por sua vez, estruturados por meio da construção de identidades únicas igbos, yorubás e hausá-fulanis. Cada região também possuía internamente diversos grupos que não se viam representados nas políticas dominantes. Sendo assim, no efervescente cenário de disputas de poder, tornam-se identidades políticas, ferramentas para planejamento, articulação e acesso a benefícios sociais inscritos em novas dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas. Cenário que marca as experiências de poder na Nigéria nas quais se apresentam acirramentos regionais, impulsionados pela marcação de diferenças entre grupos sociais, no recorte temporal em evidência neste trabalho, 1970 a 2017.⁴¹¹

Por outro lado, Sefi Atta, ao retratar a vida de Enitan no Royal College, lembra para um processo de aprendizagem sobre as diferenças entre grupos sociais, instituídos na Nigéria na década de 1970 que buscava reconciliar povos⁴¹². Ainda, chama atenção, em 2004, para a

⁴⁰⁹ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 74.

⁴¹⁰ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, 265-283; FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. Introdução. In: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann (org.). **Yorùbá identity and power politics**. University of Rochester Press: Rochester, 2006, p. 01-28.

⁴¹¹ NJOKU, Raphael Chijioko. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioko (org.). **Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations**. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283; OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018; FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁴¹² FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

convivência com as diferenças, significando e desenhando a Nigéria, um país que “não era para ser uma coisa só”⁴¹³, mas que foi imposto a ser e ainda, no início do século XXI, assim o tentava. Ser yorubá, para a protagonista de *Tudo de bom vai acontecer*, se constitui como uma maneira de explicar, em diferentes contextos, os lugares, a si e os seus, imprimindo algumas compreensões de mundo, mas que não precisa ser dito a todo o momento e não a torna superior a outros grupos.

“Minha iorubanidade era como minha feminilidade. Se eu raspasse a cabeça e plantasse bananeira pelo resto da vida, continuaria sendo mulher e iorubá. Não havia paradigma”⁴¹⁴. É Enitan quem diz sobre aquilo que não precisa ser explicado, compondo as linhas de seus dedos, a maneira como sonha e se insere nas constelações de trocas do mundo. Talvez, é possível relacionar essa passagem para entender a construção de identidade yorubá expressa nos desenhos literários de Ayòbámi Adébáyò.

Trouxe a cena de Yejide contando, com suas próprias impressões e reescritas, uma história yorubá a Rotimi como um dos momentos, a mim mais evidentes, do processo tema desta dissertação, identidade. A partir de uma leitura atenta da obra de Ayòbámi Adébáyò é possível perceber traços das vivências yorubás. Ser yorubá parece compor diferentes rotas de vida da protagonista. A maneira como foi socializada para pensar a maternidade, a linguagem que utiliza, junto ao inglês, e que também é uma forma de pensar e agir no mundo⁴¹⁵, os jeitos de casar, de comer, de se despedir de alguém e construir vínculos sociais. Adébáyò utiliza a literatura como meio de escrever e pensar suas realidades, aquilo que lhe toca. Na maneira como se insere no mundo estão as cosmopercepções yorubás.

Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò registram movimentos de construção de identidades de mulheres igbos e yorubás que parecem habitar os sentidos e ideias de relações com as vidas e para além, se perpetuando no tempo, reinventando outros tempos, reivindicando outros nomes a serem chamadas. São fontes de autodefinições.

⁴¹³ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 51.

⁴¹⁴ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 124.

⁴¹⁵ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

5.2 E... HISTÓRIAS

Quando colocadas juntas as trajetórias de vidas de Sefi Atta e Ayóbámi Adébáyò, um mesmo assunto é levantado pelas escritoras como propulsor de questionamentos sobre problemas sociais, econômicos e políticos da Nigéria, e que fazem parte da maneira como narram mulheres em suas obras: as ditaduras militares. Sucessivos governos autoritários sob a administração de militares, intercalados com momentos de governos civis, que fazem parte da história do país no século XX desde 1966 com o governo do Major-General Johnson Aguiyi-Ironsi⁴¹⁶. O último regime militar, liderado pelo General Abdulsalami Abubakar findou em 1999, data do início da administração civil, eleita de maneira popular e com troca de poderes. Essa era a maneira como se dava o jogo político nigeriano no momento que as autoras escreveram *Tudo de bom vai acontecer* e *Fique Comigo*⁴¹⁷. Então, por que persistem nesse tema?

Ayóbámi Adébáyò em uma entrevista, já citada no primeiro capítulo, argumenta sobre o seu interesse em escrever sobre as décadas de 1970 e 1980. “Infelizmente”, diz a autora, “[...] não são coisas que discutimos com muita frequência”⁴¹⁸. Algo com que concorda o historiador nigeriano Max Siollun. Conforme o pesquisador, é persistente o silêncio sobre a história dos regimes militares na Nigéria nas narrativas oficiais do Estado⁴¹⁹.

Fontes oficiais têm relutado em divulgar detalhes do passado recente da Nigéria, em grande parte porque a maior parte do drama-chave ainda está viva [...]. Personalidades poderosas por trás dos governos militares da Nigéria ainda estão ativas e influentes em posições políticas, mesmo que tenham retirado seus uniformes e se transformado em governantes civis.⁴²⁰

⁴¹⁶ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁴¹⁷ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁴¹⁸ “Unfortunately, they are not things that we discussed very often. ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. 'Stay with me' is a novel of commitment, culture and the struggle to conceive.” [Entrevista concedida a] Scott Simon. **NPR**, Washington, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/08/19/544533403/stay-with-me-is-a-novel-of-commitment-culture-and-the-struggle-to-conceive>. Acesso em: 01 nov. 2022.

⁴¹⁹ SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune: a history of Nigeria (1963-1993)**. Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook.

⁴²⁰ SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune: a history of Nigeria (1963-1993)**. Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook.

À vista disso, é possível compreender que a interferência militar na política é constante na Nigéria e que não se encerra no final do século XX. Nos anos que *Tudo de bom vai acontecer* e *Fique Comigo* foram publicados, 2004 e 2017 em sequência, os presidentes eram Olusegun Obanjo, período de 1999 a 2007, e Muhammadu Buhari, de 2015 até o momento de escrita deste trabalho. Ambas as personalidades, agora civis, foram líderes de regimes militares. Obanjo, como Major-General, de 1976 a 1979, e Buhari, com o título também de Major-General, governou de 1983 a 1985.⁴²¹

As mesmas pessoas estão no poder na Nigéria desde 1966. Os chefes de estados podem mudar, mas as redes por trás, que orquestram e fortalecem os seus poderes, não mudaram. Contudo, os oito governos militares que governaram a Nigéria ao longo do século XX tiveram cada qual as suas especificidades e, por outro lado, semelhanças. Entre 1966 e 1979, com quatro governos, a força não era usada de maneira tão intensa quanto os seus sucessores. Poucas diferenças havia entre os civis nos quais usurparam os lugares, mais populares que eles. Pela população, eram, de certa maneira, recebidos com esperança no meio de escândalos de corrupção e má distribuição da riqueza vinda do petróleo, principal fonte de renda do Estado nigeriano desde sua descoberta no Delta do Níger em 1958. “Os militares eram vistos como um agente de ordem e estabilidade, em contraste com o caos institucional que acompanhava os políticos civis”^{422 423}.

Os militares, fortalecidos após o recrutamento massivo para a guerra civil-Biafra (1967-1970), precisaram focar suas capacidades para conflitos internos. Sem inimigos externos a política se tornou um lugar de legitimidade e função de sua existência. Autodenominados defensores dos interesses nacionais, entre 1979 e 1983 se colocaram na espera até o momento de que um golpe seria lido popularmente como uma necessidade para garantir a estabilidade do país. Os líderes mudavam, mas os problemas, que eles diziam que iam superar, persistiam. A década de 1980 foi marcada por um maior controle dos instrumentos de violência do Estado. Os governos do General Ibrahim Babangida (1985-

⁴²¹ OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana**: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

⁴²² “The military was perceived to be an agent of order and stability, in contrast to the institutional chaos that accompanied civilian politicians”. SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune**: a history of Nigeria (1963-1993). Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook.

⁴²³ SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune**: a history of Nigeria (1963-1993). Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook.

1993) e do General Sani Abacha (1993-1999) foram os mais impopulares, com diversas violações de direitos humanos, perseguição e punição severa a inimigos políticos.⁴²⁴

Sefi Atta e Ayóbámi Adébáyò dedicam grande parte de suas narrativas para esses períodos. Por meio deles, é possível notar uma maneira de pensar sobre as ditaduras militares através das vozes de mulheres nigerianas da classe média.

Em 31 de dezembro de 1983, o General Ibrahim Babangida assumiu o poder, destituindo através de um golpe militar o então ditador Major-General Muhammadu Buhari. Babangida, que estava envolvido nos golpes anteriores de 1975 e 1983, se autodeclarou presidente do país e tomou uma abordagem conciliatória no início. Abriu investigações sobre as violações de direitos humanos cometidas no país sob a autoridade de Buhari, assim como revogou ou reduziu sentenças de prisão a presos políticos e diminuiu a censura imposta a imprensa.⁴²⁵

Na obra *Fique Comigo* esse momento aparece interrompendo a rotina de Yejide. Quando recebeu a notícia do golpe a protagonista ficou em silêncio.

Eu me perguntei se alguém teria morrido, se nos meses seguintes haveria caos e violência. Embora fosse muito jovem para me lembrar dos acontecimentos, eu sabia que os golpes de 1966 tinham acabado por empurrar o país para uma guerra civil. Confortei-me pensando em como, depois do último golpe, que apenas vinte meses antes tinha tornado o general Buhari chefe de Estado, a tensão se dissipara em poucos dias. Na época, o país tinha decidido que estava cansado do governo civil corrupto que Buhari e seus colegas tinham deposto.⁴²⁶

É interessante observar que Adébáyò descreve o dia do golpe de Babangida por meio da angústia de Yejide. A escritora, que ainda não tinha nascido em 1983, refaz aquele momento cerca de três décadas depois através das incertezas de um cenário caótico, repleto de violências. Ao mesmo tempo, Adébáyò relata o apoio da população ao golpe. Os militares, como lemos anteriormente, agiam quando percebiam, ou criavam, um clamor popular a sua

⁴²⁴ SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune: a history of Nigeria (1963-1993)**. Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook. FALOLA história

⁴²⁵ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

⁴²⁶ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018., p. 27-28.

intervenção, sendo uma constante ao longo dos oito golpes militares⁴²⁷. Além disso, havia o apoio de pessoas civis que se privilegiavam com os regimes⁴²⁸.

Adébáyò também relata sobre aqueles que participavam de longe do momento, construindo maneiras próprias de lidar com as instabilidades do país. Após o golpe, Yejide explica que “[...] no geral, as coisas pareciam continuar como de costume e, assim como o restante do país, meu marido e eu voltamos à nossa rotina habitual”⁴²⁹. Assim, há uma imagem de uma rotina interrompida de súbito por mais um golpe que precisou seguir seu curso.

Ainda, em “as coisas pareciam continuar como de costume”, essas continuidades abordadas por Ayòbámi Adébáyò seriam apenas na questão de coro pessoal da sua protagonista ou poderiam ser interpretadas como um indicativo da autora de permanências, revestidas por discursos de mudanças, nos regimes militares? Também, mencionar o descontentamento popular sobre Buhari, durante o seu governo civil, em 2017, narrando sobre o começo de outro governo, o de Babangida, em 1983, pode mover quem a lê para um vai e vem em que o passado é presente.

Sefi Atta, por sua vez, mostra que esse cenário de golpes militares foi recorrente ao longo do século XX nigeriano. *Tudo de bom vai acontecer* acontece durante os governos militares do General Yakubu Gowon (1966-1975), General Murtala Mohammed (1975-1976), Major-General Ibrahim Babangida (1985-1993) e General Sani Abacha (1993-1995), principalmente por meio de comentários que bem pode ser lidos para todos. É como se a autora, mesmo não esquecendo das especificidades, como a violência e impopularidade de Abacha, não os percebesse separados uns dos outros. Na maneira como entram, ficavam e saíam, eram ditaduras africanas.

Enitan, grávida e já casada com Niyi, foi presa pelos militares por estar reunida com um grupo de literários, muitos contrários ao regime de Sani Abacha. Ela, que apenas aceitou um convite de uma conhecida por curiosidade, se viu dentro de uma prisão lotada por mulheres que viviam em condições insalubres, esperando os seus julgamentos. Sendo uma pessoa de posses e com uma rede influente, conseguiu ser liberada em menos de dois dias. Em casa, refletiu sobre o que a acontecera.

⁴²⁷ SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune**: a history of Nigeria (1963-1993). Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook.

⁴²⁸ SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune**: a history of Nigeria (1963-1993). Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook.

⁴²⁹ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 28.

Eles não deviam ter me prendido e todos deviam ter o direito de dizer o que quisessem. Mas uma coisa era enfrentar uma comunidade africana e dizer que deviam tratar as mulheres como pessoas. Outra coisa, inteiramente diferente, era enfrentar uma ditadura africana e dizer que deviam tratar todos como cidadãos.⁴³⁰

No início do século XXI, Atta é uma escritora que cutuca feridas não cicatrizadas, pouco cuidadas, mas que se tenta esconder com a manga da camisa. Ela explica o que é uma ditadura. Uma pessoa pode ser presa, atirada e esquecida na cadeia, ou punida e chicoteada em praça pública, executada por ser considerada inimiga nacional⁴³¹. É difícil enfrentá-la sem sair machucada. “Com os militares no poder, sem uma Constituição, não havia outro recurso senão protestar de forma pacífica ou violenta”⁴³². O que foi escrito por Sefi Atta sobre acontecimentos pós golpe do General Murtala Mohammed em 1975 dão forma a angústia que Ayòbami Adebáyò retrata como em 1983.

Pelo caminho, barreiras haviam sido erguidas, como sempre acontecia depois de um golpe militar. Os carros diminuía a velocidade quando se aproximavam delas, e os pedestres andavam em silêncio. Um caminhão cheio de soldados passou com a sirene ligada. Os soldados zombavam dos motoristas e davam chicotadas nos carros. Nós encostamos para deixar que passassem. Um homem demorou a encostar. Metade dos soldados desceu do caminhão e arrastou o homem para fora do carro. Começaram a bater nele. O motorista levantou as mãos implorando misericórdia. Os soldados o chicotaram e o deixaram ali, gemendo junto à porta do carro.⁴³³

Atta menciona a censura, repressão e violência que acometia mulheres e homens diariamente e que ela as inscreve no passado. Seriam imagens ainda vividas por pessoas na Nigéria no século XXI? Por outro lado, a escrita informa que inúmeras foram as resistências forjadas em cenários de terrorismo do Estado. Encontros de literários e ativistas políticos, denúncias em revistas e jornais que desafiavam as censuras⁴³⁴. Adebáyò torna visível uma outra maneira de comportamento, principalmente da classe média, frente às ditaduras. Sobre isso, a autora reflete, a partir dos personagens principais de *Fique Comigo*, o seguinte:

Então, você tem todas essas coisas acontecendo como pano de fundo, você tem os golpes de Estado acontecendo, múltiplos, e o que você vê acontecendo com esses personagens nigerianos é que eles começam a se proteger, se isolar o máximo

⁴³⁰ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 310.

⁴³¹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 17; p. 77; p. 310.

⁴³² ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 328.

⁴³³ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 77.

⁴³⁴ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b.

possível da realidade política. Portanto, há mais segurança, quanto mais segurança, maior são os muros. Eles podem pagar por segurança pessoal e eles fazem isso.⁴³⁵

Yejide e Akin receberam uma carta de assaltantes marcando o dia e horário que surgiriam em sua casa. Além deles todos os moradores do condomínio no qual moravam foram avisados de maneira personalizada. Ao perceberem que os assaltantes possuíam informações pessoais de cada morador, o condomínio resolveu contratar seguranças, cinco policiais e caçadores. Contudo, os seguranças foram comprados pelos assaltantes, possibilitando que os ataques ocorressem.

Depois do assalto, o comitê do complexo escreveu uma petição à delegacia de polícia de Ayeso: os caçadores contratados nos informaram que nenhum dos policiais tinha aparecido para trabalhar no dia do crime. Depois dessa notícia, a Sra. Ojo anunciou com seu sotaque britânico que um dos policiais estava entre os ladrões. Ninguém lhe deu atenção. Era óbvio que a polícia estava envolvida de alguma forma, mas seriam eles capazes de empunharem armas contra nós?⁴³⁶

O dinheiro, naquele momento, é uma importante fonte de suposta proteção para Yejide, seu marido e vizinhos. A analogia dos muros utilizada por Adébáyò é relevante para compreender a sua reflexão sobre o tema. Muros construídos de maneira material e simbólica para não sentir os impactos de ditaduras militares. Até que ponto esses muros ficaram em 1980? Eles continuavam de pé, ou até mesmo se tornaram maiores, no século XXI?

A paulatina construção de muros por certas camadas sociais nigerianas pode ser percebida desde a emancipação política da Nigéria em 1960. Sefi Atta retoma esse período quando Enitan, ou outros personagens, estão conversando ou refletindo sobre acontecimentos políticos recentes, como golpes militares e violências do Estado. Como na seguinte fala do pai de Enitan: “- Vinte e cinco anos depois da independência- continuou meu pai. - E ainda todos esses absurdos. Sem luz, sem água, gente morrendo por todo o lado de uma doença ou de outra”⁴³⁷.

Imprimindo expectativas sobre a emancipação da Nigéria, a escritora informa sobre esse processo inacabado e aberto. Os regimes militares, ao fim, foram “sabotagem interna”⁴³⁸

⁴³⁵ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò (áudio em português), Paraty, 12 jul. 2019. 1 vídeo (1h14min55s). Publicado pelo canal Flip- Festa Literária Internacional de Paraty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>. Acesso em: 18 abr. 2022.

⁴³⁶ ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018, p. 94-95.

⁴³⁷ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 120.

⁴³⁸ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 357.

e uma Nigéria melhor para todos é um caminho a construir. É sensível a percepção de Atta, exposta através da protagonista de *Tudo de bom vai acontecer*. Acompanhe: “eu nasci no ano da independência do meu país e vi sua luta. A liberdade nunca pretendeu ser doce. Desde o início foi responsabilidade do povo, da pessoa física, lutar pela pátria e se agarrar àquilo”⁴³⁹. A autora parece convidar a não perder as esperanças, o cuidado e a atenção à Nigéria. E a valorizar e não esquecer que “[...] em um regime democrático, com uma Constituição vigente, um cidadão podia deletar injustiças mesmo que o regime em si fosse falho”⁴⁴⁰.

Ao mencionar sobre os primeiros passos depois do acontecimento da independência, Sefi Atta transporta quem a lê para as décadas de 1960 e 1970. Momentos vividos por Buchi Emecheta. Em 1979, ano de publicação de *As alegrias da maternidade*, o país tinha passado pela guerra civil-Biafra, quatro governos militares e, em meados de outubro de 1979, adentrava no governo civil de Shugu Shagari que durou aproximadamente quatro anos, de 1979 a 1983, até ser destituído do poder através de um golpe militar, o de Buhari.

Após o término da guerra civil-Biafra, em 1970, permaneceram os conflitos que envolviam as identidades étnicas e regionais fortalecidas no processo de emancipação política e durante o conflito. As dificuldades em encontrar e construir um Estado que acolha e seja um intermediário e negociador para evitar conflitos se expressa nas constantes reconfigurações das fronteiras internas na Nigéria. No início do século XX, a Nigéria foi dividida pelos colonizadores ingleses como Província do Sul e Província do Norte, essa que estabelecia um governo centralizado, um califado, onde a lei máxima era a sharia⁴⁴¹. Em 1914, com relutância, principalmente do norte, uniu-se às duas províncias em um território, a Nigéria. No período colonial a Nigéria foi regionalizada em três províncias: entre norte e sul; o sul dividia-se entre ocidental e leste.⁴⁴²

No começo dos anos 70, ocorreu o *boom* do petróleo, ou seja, a expansão da exploração do recurso natural que se concentrava na região da extinta República de Biafra e conseqüente lucros advindos dele. A riqueza foi distribuída de maneira desigual, com a constituição de concentração de renda e corrupção, característica que marca a Nigéria até os

⁴³⁹ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 361.

⁴⁴⁰ ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b, p. 328.

⁴⁴¹ Normas e regras de conduta inscritas no livro sagrado Alcorão, sendo o sistema jurídico do islamismo.

⁴⁴² OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

dias atuais. Sendo um país focado na exportação de petróleo, a maior fonte de receita vem de fora, das empresas petrolíferas multinacionais. Ademais, nesse período também ocorreram diferentes propostas de reconstrução do país que buscavam compor uma identidade nacional e negociar uma ausência de conflito interno, como a criação de estados, muitos por reivindicações dos grupos sociais e o programa *National Youth Service Corp* (1973). Serviço compulsório realizado por um ano por todos os graduados no país, preferencialmente longe de suas casas, visando a integração de jovens de diferentes origens.⁴⁴³

Buchi Emecheta ao escrever *As alegrias da maternidade* escolheu retratar nas páginas de seu romance a Nigéria colonial das décadas de 1930 e 1940 pela percepção de trabalhadoras e trabalhadores, colonizadas e colonizados. Publicada pela primeira vez na Inglaterra, a obra interpreta historicamente e colabora em dar um sentido à colonização por meio dos chamados pelos colonizadores de nativos, negros, africanos e que a escritora chama, além de seus nomes próprios, de nigerianos, igbos, yorubás, fulanis, haussás.

O décimo segundo capítulo de *As alegrias da maternidade* se chama “Homens em guerra”. Nele, é informado que na década de 1940 na Nigéria era difícil homens que não passaram pela educação colonial conseguirem empregos em Lagos. Mesmo assim, a cidade era um atrativo para jovens que buscavam salários regulares, necessários para viver na sociedade colonial, com suas burocracias e impostos. Nnaife, nesse capítulo, já passou pelo trabalho de lavador de roupas dos patrões brancos que se retiraram da Nigéria quando a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) iniciou, deixando os trabalhadores e suas famílias desamparadas. Ele conseguiu outro trabalho como cortador de grama de uma ferrovia e foi ali que, ao fim de um expediente exaustivo, ele e seus amigos viram se aproximar soldados haussás, chamados localmente de *korofos*, com cassetetes.

Um oficial europeu posicionado atrás deles dizia alguma coisa. Não dava para entender o que se passava, mas pelo jeito não era nada agradável. Muito dos trabalhadores correram de volta para suas oficinas, outros correram para as estradas. Os cassetetes subiram e os korofos começaram a dar ordens: “Daqui para lá! Para o caminhão, andem, andem!”. Homens gritavam como mulheres quando apanhados. Nnaife foi um deles. Quando viu, estava sendo empurrado e jogado para dentro do caminhão do exército coberto com uma lona.

⁴⁴³ FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008; OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

“Por quê? Por quê?”, perguntavam-se os trabalhadores uns aos outros. Ninguém sabia dizer.⁴⁴⁴

Eles foram enviados para a Europa para lutar em nome dos brancos na Segunda Guerra Mundial. Sequestrados, os homens se indignaram. “Não existe mais escravatura, então como é possível homens adultos serem capturados em plena luz do dia?”⁴⁴⁵. Não sabiam para onde iam e não puderam avisar suas famílias, que receberam a notícia com tristeza e indignação, “por que eles não lutam suas próprias guerras sozinhos? Por que arrastar africanos inocentes como nós para o meio?”⁴⁴⁶, desabafou a amiga de Nnu Ego, Mama Abby. A revolta se intensificava porque em muitos costumes, como o dos igbos, ser soldado era um mal prementimento. Nnu Ego estava de um dia para outro “casada com um soldado, um saqueador, um assassino de crianças”⁴⁴⁷ e a outra esposa, Adaku, também se lamentava, dizendo: “não sei se a morte não é preferível a isso!”⁴⁴⁸.

Compreensão que pelo menos para Nnaife e Nnu Ego foi alterada quando os homens retornaram com muito dinheiro, provindos dos pagamentos feitos pela Grã-Bretanha e os saques de guerra. Antes disso, o dinheiro foi enviado à família de Nnaife pela metrópole quando ele estava em batalha, os possibilitando, por algum tempo, sentir menos a crise econômica e de alimentos de subsistência que afetava a Nigéria. Nnaife retornou como herói, com muitas histórias, cansado e exagerando na bebida alcoólica todos os dias.

De acordo com o historiador congolês Elikia M'Bokolo, o continente africano foi durante a Segunda Guerra Mundial lugar de passagem e estratégico para o conflito e, em muitos aspectos, se assemelhou com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No contexto da primeira grande guerra, a Europa estava iniciando o seu avanço efetivo nos territórios africanos. Para enfrentar o seu conflito necessitaram pedir auxílio a África e, muitas vezes, forçar para serem atendidos. Desse modo, reforçaram suas buscas por dominações paralelamente que a deixavam ilegítimas, já que se passou a questionar a superioridade branca, suas razões para a guerra e as imposições de envolvimento para a África.⁴⁴⁹

⁴⁴⁴ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 205.

⁴⁴⁵ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 206.

⁴⁴⁶ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 210.

⁴⁴⁷ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 209.

⁴⁴⁸ EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 209.

⁴⁴⁹ M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

Os Estados europeus envolvidos na guerra (França, Grã-Bretanha, Alemanha, Bélgica) buscavam em suas colônias recursos para fazerem o conflito continuar, assim como os próprios territórios africanos foram locais de guerra e disputa, como no país que faz divisa com Nigéria, Camarões entre 1914 e 1916⁴⁵⁰. Nas palavras de M'Bokolo⁴⁵¹: “a África foi especialmente tocada: teve de fornecer material e homens e de acolher combates no seu solo”.

Na Primeira Guerra Mundial se seguiu modos de recrutamento de pessoas para a guerra que foram utilizados novamente no segundo conflito. Apanhados de diferentes maneiras de acordo com as metrópoles, suas necessidades e resistências dos colonizados “[...] para criarem os seus exércitos, as administrações coloniais souberam utilizar a persuasão e a força”⁴⁵². Homens de distintos lugares do continente africano foram sequestrados e também ocorreram casos de voluntariado. Estiveram muitas vezes nas linhas de frente como soldados ou membros da logística, carregando armas e materiais necessários para as guerras continuarem. A Segunda Guerra espalhou uma “rejeição profunda e duradoura da colonização”⁴⁵³, pois, além de tomar a vida de milhares de homens nas batalhas, colocou vários países em crises econômicas com bloqueios comerciais, falta de alimentos e produtos manufaturados, e exploração de minérios para a fabricação de armas.⁴⁵⁴

É essa rejeição que está expressa nas revoltas dos personagens de *As alegrias da maternidade*, e que dizem sobre um pensamento coletivo, perpetuado no tempo, compartilhado por Buchi Emecheta. A escritora escreve sobre a Segunda Guerra Mundial, a partir da Nigéria, não a desassociando da condição do país naquele momento como colônia da Grã-Bretanha. Desde a Inglaterra, Emecheta chama atenção para a colaboração dos nigerianos no conflito, como eles foram tratados e que a colonização pode, a qualquer momento, tornar os colonizados em escravizados mesmo com o fim legal da escravidão. Ela escreve:

⁴⁵⁰ M'BOKOLO, Elikia. **África negra**: história e civilizações. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

⁴⁵¹ M'BOKOLO, Elikia. **África negra**: história e civilizações. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 428.

⁴⁵² M'BOKOLO, Elikia. **África negra**: história e civilizações. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 432.

⁴⁵³ M'BOKOLO, Elikia. **África negra**: história e civilizações. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, p. 565.

⁴⁵⁴ M'BOKOLO, Elikia. **África negra**: história e civilizações. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

[...] naquele tempo as coisas funcionavam assim: os nigerianos não tinham vontade própria. Nenhum jornal relatava o acontecido; e mesmo que o fato fosse noticiado, quantos dos afetados sabiam ler, quantos tinham dinheiro para comprar um jornal?⁴⁵⁵

Emecheta, então, conversa com o martinicano Aimé Césaire. Ambos refletem que a Segunda Guerra Mundial é um problema colonial⁴⁵⁶. A violência antes dirigida para além da Europa foi colocada contra a própria Europa⁴⁵⁷. Contudo, essa mesma Europa não conseguiu perceber a sua própria decadência e desumanização⁴⁵⁸ ao infligir aos outros o que Buchi Emecheta relatou anteriormente. O nazismo, e sua ideologia da superioridade ariana, exibiu um pensar colonial racista⁴⁵⁹. O fenômeno social levou ao extremo, para contextos internos europeus, um modo de perceber o mundo já projetado em outros lugares⁴⁶⁰. Césaire⁴⁶¹ explica:

Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, senão o crime contra o homem branco, é a humilhação do homem branco, e haver aplicado na Europa, procedimentos colonialistas que até agora só concerniam aos árabes da Argélia, aos coolies da Índia e aos negros da África.

Buchi Emecheta ocupa o lugar que Césaire entende como o de colonizada que consegue perceber as mentiras e doenças coloniais⁴⁶². Ela insere a Nigéria na Segunda Guerra Mundial, podendo reivindicar também o seu trauma, a sua necessidade de cura, testemunho e visibilidade. Emecheta coloca sentidos a história do país, apontando a sua construção por pessoas que colaboraram de maneira corajosa e se fortaleceram após as grandes guerras mundiais e que sabem o que é a farsa colonial racial.

A Segunda Guerra Mundial faz parte da Nigéria, assim como as ditaduras militares e a colonização. Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébayò em suas obras literárias informam enredos históricos que constituem significados, vínculos, pontos de partidas e repertórios e agências de vidas. É possível dizer, então, que suas narrativas de mulheres são

⁴⁵⁵ EMECHETA, Buchi. *As alegrias da maternidade*. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 209.

⁴⁵⁶ CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

⁴⁵⁷ CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

⁴⁵⁸ CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, p. 25.

⁴⁵⁹ CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

⁴⁶⁰ CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

⁴⁶¹ CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, p. 17.

⁴⁶² CESAIRE, Aimé. *Discurso do colonialismo*. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

formadas a partir de histórias. Histórias - vividas, ouvidas e representadas-, de identificações, de sentidos coletivos de si e nós, de demandas de ações e necessidades de lembranças.

6 DAQUI EM DIANTE

“Daqui em diante” é o nome desta etapa que se costuma, no meio acadêmico, chamar de “conclusão” ou “considerações finais”. Conferi esse título porque expressa o significado de todo este trabalho de pesquisa para mim: algo que marca um começo. Bem sabemos que esta dissertação precisa de um fim provisório, de deixar algumas colaborações e pontos finais. Pausas de pensamentos que podem gerar outros e outros. Gosto de imaginar que quem chegou até aqui possui alguns interesses movidos pelas vontades de conhecer, aprender, aprender através da crítica, começar. Eu também cheguei até aqui com todas essas intenções e aqui deixo o que aprendi.

Este trabalho para mim é um registro de um percurso de pesquisa que tentou se abrir para as possibilidades e potencialidades impressas nas obras literárias de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébéyò. Sempre essa ordem porque, para além de uma cronologia, há a compreensão da senhoridade, do respeito as mais velhas e seus saberes. Ayòbámi Adébéyò, a mais nova, é leitora de Sefi Atta e Buchi Emecheta; Sefi Atta é leitora de Buchi Emecheta; Emecheta abriu caminhos junto com as suas contemporâneas.

Percurso que foi desanuviando percepções e construções de identidades que não estavam postas na proposta inicial da pesquisa porque aprendi a sentir e analisar as mobilidades, afastamentos e aproximações de constructos históricos e sociais que relacionam e dialogam com apreensões singulares do eu e nós. Identidades que podem ser um sinal de coletividade e um traço para enunciar críticas e desconfortos. Aos poucos, pelas páginas que passamos juntas, é possível compreender que as identidades são apanhadas através das narrativas das escritoras. Narrativas inseridas em contextos sociais, históricos e políticos próprios da Nigéria e suas relações com outros lugares. Com isso, foi necessário entender as narrativas de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébéyò para entender as identidades pautadas no trabalho.

Um dos desafios depositados durante o processo de pesquisar as trajetórias de vidas das autoras, organizado no primeiro capítulo, foi parar. Cada escritora é um mundo. Com suas histórias, contextos, questões, posicionamentos e motivações. Muitas vezes senti como uma injustiça, às intelectualidades e trajetórias das escritoras, trabalhar com as três, precisando escolher e equilibrar análises, deixar histórias de lado e interromper as buscas, uma vez que outras deveriam ser realizadas e coisas deveriam ser escritas. Meu encantamento foi tanto que,

como você leu, no primeiro capítulo deixei-me levar pelas histórias e vozes das autoras. As suas histórias contadas, através da minha mediação e intervenção, de maneira que é possível perceber como elas se colocam.

Ali também foi o momento de senti-las em circulações. Não apenas aqui em casa, elas estão juntas nas estantes de muitas pessoas em diferentes continentes. Este trabalho possibilita os seus diálogos por meio da História. Tratar das autoras e suas obras literárias também pela abordagem de circulações pareceu ser capaz de ser um meio para refletir sobre os trajetos que compõem as vidas e as vidas que compõem as literaturas aqui estudadas. Confesso que bem no início, quando este trabalho apenas era uma intenção para adentrar na pós-graduação, minhas primeiras ideias foram a de pensar os motivos das publicações, ou republicações, de Buchi Emecheta, Sefi Atta e Ayòbámi Adébáyò no Brasil em tempo próximo, 2018 a 2020, junto com as análises das obras na perspectiva da História.

Como pôde perceber, tive que fazer escolhas para trabalhar dentro das possibilidades documentais e de tempo de uma dissertação. Por outro lado, o entendimento das circulações das autoras através de suas ideias que tocam diferentes pessoas ficou, assim como a intenção de pensar as suas publicações no Brasil também ajudaram a construir as histórias de vidas de Emecheta, Atta e Adébáyò. Entender quem elas são foi um passo importante para prosseguir com a leitura de suas obras, colocando-as em encontros.

No segundo capítulo, conhecemos as compreensões sobre *mulheres* na Nigéria dos tempos das escritoras registradas e narradas em *As alegrias da maternidade*, *Tudo de bom vai acontecer* e *Fique comigo*. As narrativas de identidades apresentadas, então, são as de mulheres que, nos contextos da segunda metade do século XX e início do século XXI, experienciam essa identidade de maneira plural, situada e em movimento. Em movimento constroem muitos caminhos para se colocarem no mundo, narrarem histórias sobre si, conferindo sentido, importância e vínculos ao longo do tempo a suas vidas. E por fim, no terceiro capítulo, trouxe outros elementos apontados nas narrativas de *mulheres*: autodefinições e histórias. Se posicionar e, muitas vezes, manter distância diante das percepções coloniais racializadas, reivindicar percepções próprias sobre si e suas comunidades. Narrar sobre de onde vem, seja a África e/ou Nigéria, a partir de seus referenciais, faz parte das experiências de mulheres na Nigéria entre 1970 e 2017.

Espero que minhas leituras, interpretações, críticas e abordagens possam inspirar e contribuir para outras pessoas que constroem diferentes áreas do conhecimento. Que seja um

lugar de encontro de referências, materiais, reflexões e ideias para as minhas e meus colegas historiadores. Também a possibilidade de pensar a partir de outros ângulos temas que já são trabalhados na Literatura, Sociologia, e demais que acharem que este trabalho tem algo a dizer, ou questionar, para as suas próprias falas e questões que dizem respeito às literaturas africanas, suas contribuições e maneiras de construirmos, daqui da academia, diálogos que possibilitem encontros e reflexões. Debates e silêncios.

Por mais que este registro esteja no fim ele é o meu começo. Parti com a intenção de contar, a partir de minhas especificidades de historiadora, boas histórias. Me deparei com complexidades, problemas e dúvidas e muitos caminhos a serem trilhados. Esta dissertação é um arquivo de mudanças, reflexões e análises expostas ao mundo para que possamos juntas pensar outros caminhos. Outros percursos nos quais seja possível se desamarrar de ideias coloniais, respeitar histórias e se abrir para relações. Agora, se consegui contar boas histórias já não posso opinar. Me basta que foram justas, dignas e que expressam a Nigéria e as *mulheres* que neste momento vivem o que eu toquei com a ponta dos dedos e naveguei com meus olhos. Espero que possamos caminhar juntas.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ADE-AJAYI, Jacob. F.. Historical education in Nigeria. **Journal of the historical society of Nigeria**. Ibadan, n. 1, v. 8, p. 3-8, dez. 1975
- BAGODO, Obarè. Saberes endógenos e desafios da modernidade. In: HOUNTONDJI, Paulin J. (org.). **O antigo e o moderno**: a produção do saber na África contemporânea. Mangualde: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2012, p. 53-70.
- BEJJIT, Nourdin. A Colonial Affair: Heinemann **Educational Books and the African Market**. Springer Science+Business Media, Berlim, p. 01-13, abr. 2018.
- BEJJIT, Nourdin. Heinemann African Writers Series: history, editorship, and markets. **Logos**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 12-27, 2019.
- BREARY, Jazzmine. Let's not forget. **Writing the Future**: Black and Asian Writers and Publishers in the UK Market Place, Spread the Word, Londres, p. 30, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Hollanda, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 325-333.
- CASSIANO, Tathiana C. S. A. . “[...] **Vai haver outra guerra, a guerra das mulheres**”: o protagonismo das mulheres Igbos na escrita literária de Flora Nwapa (Nigéria 1960). 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História- PROFHISTÓRIA), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- CESAIRE, Aimé. **Discurso do colonialismo**. 2ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. **História, literatura e legados historiográficos**: entrevista com Sidney Chalhoub. [Entrevista concedida a] Claudia Engler Cury, Elio Chaves Flores, Regina Maria Rodrigues Behar. SAECULUM- Revista de História, João Pessoa, n. 20, p. 183- 201, jan./jun., 2009.
- CHALHOUB. Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021

CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013.

CHUKU, Gloria. Introduction. In: CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 01-31.

CHUKU, Gloria. Nwanyibuife Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In: CHUKU, Gloria (org.). **The igbo intellectual tradition: creative conflict in African and African diasporic thought**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento**. Boitempo: São Paulo, 2019.

DARWIN, John. Afterword: History on a global scale. In: BELICH, James. DARWIN, John; FRENZ, Magret; WICKHAM, Chris (org.). **The prospect of global history**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 178-184.

ECKERT, Andreas. **A escrita da História e a virada global: perspectivas de um historiador de África**. [Entrevista cedida a] Ana Carolina Schweitzer e William Blakemore Lyon. **Esboços**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 617-635, maio/ago. 2021.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: "Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio". [Entrevista concedida a] Djamila Ribeiro. **CartaCapital**, São Paulo, maio 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann. Introdução. In: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann (org.). **Yorùbá identity and power politics**. University of Rochester Press: Rochester, 2006, p. 01-28.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GIKANDI, Simon. **Encyclopedia of African literature**. Londres; Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. 2021.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; BRITO, José Eustáquio de. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 01-14, 2021.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 171.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IGBOANUSI, Herbert. Varieties of nigerian english: igbo english in nigerian literature. **Multilingua**, Berlim, v. 20, n. 4, p. 361-378, 2001.

Introdução. In: FALOLA, Toyin; GENOVA, Ann (org.). **Yorùbá identity and power politics**. University of Rochester Press: Rochester, 2006.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. São Paulo: Edusc, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Cobogó: Rio de Janeiro, 2019.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. v. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 80, p. 71-144, mar. 2008.

MATIANG'I, M. Okeng'o. **Images of the african woman in Buchi Emecheta's fictional works**. 1992. Dissertação (Mestrado em Artes- Literatura), Universidade de Nairóbi, Nairóbi, 1992.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Qu'est-ce que c'est la pensée postcoloniale?**. [Entrevista concedida a] Olivier Mongin, Nathalie Lempereur e Jean-Louis Schleger. Revista Esprit, Paris, p. 117-133, 2006.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019.

NNAEMEKA, Obioma. Feminism, rebellious women, and cultural boundaries: rereading Flora Nwapa and her compatriots. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 26, n. 2, p. 80-113, 1995.

NFAH-ABBENYI, Juliana Makuchi. **Gender in African women's writing**: identity, sexuality, and difference. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Ebook.

NJOKU, Raphael Chijioke. The making of igbo ethnicity in the nigerian setting: colonialism, identity, and the politics of difference. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioke (org.). **Igbo in the Atlantic world**: African origins and diasporic destinations. Bloomington: Indiana University Press, 2016, p. 265-283.

OYÈWÙMI, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYÈWÙMI, Oyèrónké. O fardo da mulher branca: mulheres africanas no discurso ocidental feminista. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2020, p. 145-167.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil**: um estudo de caso das estratégias de tradução em *Alá e as crianças-soldados*, de Ahmadou Kourouma. 2019. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

REIS, Vilma. Virando a língua lá e cá: mulheres africanas ao sul do Saara e mulheres negras brasileiras em nossas produções, trocas possíveis. GOMES, Patrícia Godinho; FURTADO, Cláudio Alves (org.). **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico**: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectivas de gênero. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 271-290.

SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de autoria negro-feminina: um canto à (re)existência. **Revista Fórum Identidades**, Itabalana, Universidade Federal de Sergipe, v. 31, n. 1, p. 75-91, jan./jun. 2020.

SANTIAGO, Ana Rita. **História, Literatura e a escrita de mulheres africanas e afro-diaspóricas**: uma entrevista com Ana Rita Santiago. [Entrevista concedida a] Tathiana Cristina da Silva Anizio Cassiano. PerCursos, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 358-379, set./dez. 2021.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: UFRB, 2012.

SIOLLUN, Max. **Soldiers of fortune: a history of Nigeria (1963-1993)**. Abuja: Cassava Republic Press, 2013. Ebook

TEDESSE, Adanech. A life transcending borders: the legacy of Margaret Busby OBE. **Africa Writers**, Londres, 2019. Disponível em: <https://africawrites.org/blog/a-life-transcending-borders-the-legacy-of-margaret-busby-obe/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

UZUKWU, E. Elochukwu. Igbo World and Ultimate Reality and Meaning. **Ultimate Reality and Meaning**, v. 5, n. 3, set. 1982, p. 188–209.

WILSON-TAGOE, Nana. Reading towards a theorization of African women's writing: African women writers within feminist gynocriticism. In: NEWELL, Stephanie (org.). **Writing African Women: gender, popular culture and literature in West Africa**. Londres: Zed Books.

FONTES

Obras literárias

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018,.

ATTA, Sefi. **Tudo de bom vai acontecer**. 2. ed. Porto Alegre: TAG; Editora Record, 2020b.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: TAG Experiências Literárias; Dublinense, 2017.

EMECHETA, Buchi. **The slave girl**. Nova York: George Braziller, 1977.

Entrevistas

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. "Talvez sejamos muito boas para sermos ignoradas", diz a nigeriana Ayòbámi Adébayò sobre "boom" de escritoras. [Entrevista concedida a] Felipe Blumen. **GQ Globo**, Rio de Janeiro, 12 jul. 2019. Disponível: <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/07/talvez-sejamos-muito-boas-para-sermos-ignoradas-diz-nigeriana-ayobami-adebayo-sobre-boom-de-escritoras.html>. Acesso: 19 out. 2021.

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. 'Stay with me' is a novel of commitment, culture and the struggle to conceive. [Entrevista concedida a] Scott Simon. **NPR**, Washington, 19 ago. 2017. Disponível

em:<https://www.npr.org/2017/08/19/544533403/stay-with-me-is-a-novel-of-commitment-culture-and-the-struggle-to-conceive>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Ayòbámi Adébáyò: ‘We should decide for ourselves what happiness looks like’. [Entrevista concedida a] Alice O’Keeffe. **The Guardian**, Londres, 26 fev. 2017a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/feb/26/ayobami-adebayo-nigerian-author-stay-with-me-interview-family-children-happiness>. Acesso em: 09 fev. 2022.

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Great expectations: an interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Patrik Henry Bass. **The Paris Review**, Nova York, 08 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/08/08/great-expectations-interview-ayobami-adebayo/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Interview with Ayòbámi Adébáyò. [Entrevista concedida a] Riley Mang. **The Los Angeles Review**, Los Angeles, 2018. Disponível em: <https://losangelesreview.org/interview-ayobami-adebayo-2/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. Stay with me insisted on being written – Adábáyò. [Entrevista concedida a] Nigerian Tribune. **Nigerian Tribune**, Ibadan, 01 set. 2019. Disponível em: <https://tribuneonline.ng.com/stay-with-me-insisted-on-being-written-adebayo/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ATTA, Sefi. Divided loyalties: PW talks with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Amy Boaz. **Publishers Weekly**, Nova York, 10 maio 2010. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/authors/interviews/article/43106-divided-loyalties-pw-talks-with-sefi-atta.html>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ATTA, Sefi. Entrevista com Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Fernanda Grabauska. **Posfácio- Tudo de bom vai acontecer**, TAG Comércio de Livros, Porto Alegre, p. 05-09, set. 2020a.

ATTA, Sefi. Interview with Sefi Atta. [Entrevista concedida a] Walter Collins. **English in Africa**, Grahamstown, v. 34, n. 2, p. 123-131, out. 2007.

ATTA, Sefi. Sefi Atta, The Per Contra Interview. [Entrevista concedida a] Mirian N. Kotzin. **Per Contra: An international journal of the arts, literature, and ideas**, Filadélfia, ed. 18, 2010. Disponível em: <http://www.percontra.net/archive/18attainterview.htm>. Acesso em: 29 jun. 2022.

ATTA, Sefi. Sefi Atta: Something Good Comes to Nigerian literature. [Entrevista concedida a] Ike Anya. **iNigerian**, [s.l.], 17 jan. 2005. Disponível em: <https://www.inigerian.com/sefi-atta-something-good-comes-to-nigerian-literature-201/>. Acesso em: 09 fev. 2022.

Ayòbámi Adébáyò, Flip 2019. Flip 2019 - "Angico", com Ayelet Gundar-Goshen e Ayòbámi Adébáyò dublado. 1h14min55s. <https://www.youtube.com/watch?v=4tv4bnDZM3g>.

EMECHETA, Buchi. Buchi Emecheta. In: JUSSAWALLA, Feroza; DASENBROCK, Reed Way (orgs.). **Interviews with writers of the post-colonial world**. Jackson: University Press of Mississippi, 1992, p. 82-99.

EMECHETA, Buchi. Women and Empowerment: An Interview with Buchi Emecheta. [Entrevista concendida a] Joyse Boss. **Ufahamu: A Journal of African Studies**, Los Angeles, v. 2, n. 16, 1988, p. 100.

Ensaïos

EMECHETA, Buchi. A Nigerian writer living London. **Kunapipi**, Aarhus, v. 4, n. 1, p. 114-123, 1982.

EMECHETA, Buchi. Feminism with a small “f”!. In: PETERSEN, Kirsten Holst (org.). **Criticism and ideology: Second African Writer's Conference Stockholm 1986**. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-186.



Emitido em 21/08/2023

DISSERTAÇÃO Nº 116/2023 - PPGH - CH (10.41.13.10.04)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 21/08/2023 14:01)

ANDERSON JOSE GUI SOLPHI

TECNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS

CAPPG - CH (10.41.13.10)

Matrícula: ###059#3

Visualize o documento original em <https://sipac.uffs.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:
116, ano: **2023**, tipo: **DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **21/08/2023** e o código de verificação: **cb9d60d445**